

1931 - 19 e 20
15

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1931 – ANO: X - Nº19-20

Revista do Centro

Mattogrossense de Letras

SUMMARIO

D. Bosco e a Juventude — *discurso paranympthal* — D. Aquino Corrêa

Sessão de Recepção em 30 de Agosto de 1930 :

I -- Discurso de posse — *pele socio* Olegario de Barros

II — Discurso de recepção — *pele socio* Palmyro Pimenta

Profissão de fé — *soneto* — Castro Brasil

Imagem branca — Anima viva — Solitude — *sonetos* — Octavio Cunha

O combate do Alegre — *poesia* — A. Tolentino de Almeida

Lagrima — *soneto* — Henrique Soido

Do Jardim mystico — *sonetos* — José de Mesquita

Sessão de Recepção em 13 de Dezembro de 1930 :

I — Discurso de posse — *pele socio* Francisco Mendes

II — Discurso de recepção — *pele socio* Oscarino Ramos

A Queimada — *poesia* — Arnaldo Serra

No Calvario — *soneto* — Lamartine Mendes

Poesias — José Bonifacio de Albuquerque

Sessão de Recepção em 26 de Janeiro de 1931 :

I — Discurso de posse — *pele socia* D. Maria de Arruda Müller

II — Discurso de recepção — *pele socio* Philogonio Corrêa

Unificação ortografica — Severino de Queirós

Um rapaz alegre — *conto* — José de Mesquita

Sessão de Recepção em 30 de Abril de 1931 :

I — Discurso de posse — *pele socio* Nilo Póvoas

II — Discurso de recepção — *pele socio* Franklin Cassiano da Silva

Páginas dos mestres:

A morte do Neiva — *Coelho Netto*

Páginas contemporaneas:

Sobre as nuvens — V. Corrêa Filho

De longe — Cesario Prado

Páginas esquecidas:

Saudade — Amancio Pulcherio

Páginas dos novos:

Matto Grosso — A antiga capital — Carmindo de Campos

Relatorio do anno social 1929 — 1930

Actas

Bibliographia

Publicações recebidas

DOM F. DE AQUINO CORRÊA

ARCEBISPO DE CUIABÁ

da Academia Brasileira de Letras

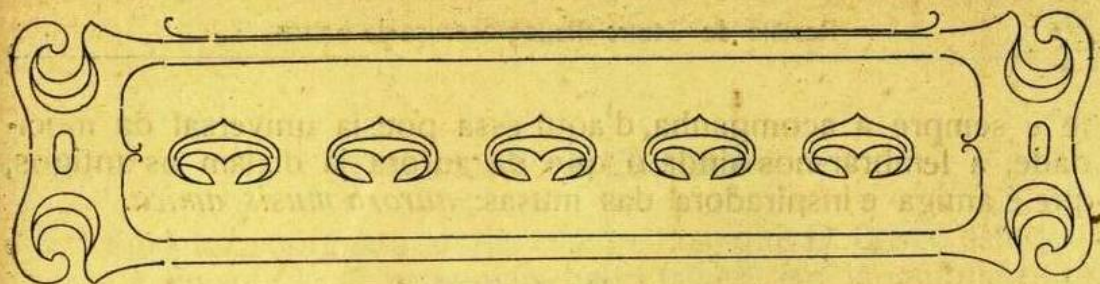
D. Bosco e a Juventude

DISCURSO DE PARANYMPHO

aos Bachareis do

GYMNASIO « S. JOAQUIM » DE LORENA

Em 24 de Novembro de 1929



*Revm. Snr. Padre Director,
Exmas. Senhoras e Senhores,
Senhores Bachareis:*

QUEM ha que não sinta, falando da mocidade a moços, modular-se-lhe toda num cantico a palavra, tal como a voz do passaro, ao influxo magico das auroras? E' que sois, em verdade, ó moços, a mais linda aurora do mundo, ante a qual desmaiam os arrebóes e a belleza das mais deslumbrantes auroras polares. Não sois apenas a aurora da vossa vida, mas formaes, todos juntos, a grande e maravilhosa aurora dos povos. Bem se parece nisto a humanidade ao cosmo, onde, como sabeis, em cahindo a noite num hemispherio, reponta noutro a madrugada. Assim tambem, quando uma geração anoitece na velhice, desponta outra numa aurora. Esta aurora sois vós, esta aurora é a juventude.

Deante della, empolga-nos a mesma sensação daquelle sorriso diaphano de luz e cores, que se derrama tão harmoniosamente na mais celebre das telas de Guido Reni: a em que precisamente nos pinta elle a Aurora, tal qual a divinizára a poesia mythica do paganismo. Tudo ahi é frescura de tintas risonhas, tudo é alegria e vida, tudo é movimento e graça, tudo rythmo, no brio dos aérios cavallo, no rodar do carro de ouro de Phebo, no passo cadenciado das deusas, no alor gracioso e leve do genio alado, e, por fim, nesse vôo sem azas da Aurora, que entre rovoadas de véus e fitas, arqueando-se no céu á feição de iris mimosos, esparge sobre a terra, semivelada ainda na penumbra doce do crepusculo, as flôres matinaes e ridentes do dia.

Assim a mocidade: onde quer que appareça, della se desprende um não sei quê dessa irradiação mysteriosa do romper da alva, que o pincel do artista tentou colorir, na doçura do luminoso fresco do palacio romano. D'aqui a sympathia, que por toda par-

te e sempre a acompanha, d'aqui essa poesia universal da mocidade, a lembrar-nos ainda o que da aurora ja diziam os antigos, que é amiga e inspiradora das musas: *aurora musis amica*.

D. BOSCO

Um homem houve, que sentiu como poucos, todo este encanto da juventude. Mas não se quedou extatico na contemplação da sua belleza, que, aliás, bem n'ó sabia elle, é tambem ephemera como as alvoradas. Estudou-a mais a fundo. Penetrou-lhe a verdadeira grandeza. E nessa visão profunda e larga, foi muito além dos poetas, dos pedagogos e dos estadistas. Compreendeu que os moços personificam muito mais do que a aurora ou a primavera do genero humano, muito mais do que um patrimonio nacional, muito mais do que as esperanças da familia e da patria. Viu, sim, em cada um delles uma aurora, mas a aurora mystica de um astro, que, alvorecendo no tempo, culmina, para todo o sempre, nos seculos da eternidade.

Assim foi que se fez elle apostolo da juventude, e este apostolo tem um nome, que, resplandecendo na aureola dos beatos, repercute hoje de Roma aos confins do universo, em vibrações as mais festivas de fé e enthusiasmo. E' um nome, que está certo, vae sacudir no mesmo fremito alacre todos os vossos corações, porque é o nome do mestre dos vossos mestres, nome, que protegeu, como um signo bemdito, a vossa formação espiritual, nome que canta na alma da mocidade, como um appello do céu, para tudo que é bello e santo: *D. Bosco!*

Nenhum outro, melhor do que este, poderia synthetizar o que me cabe dizer-vos nesta hora de encantos, em que, rendido ao convite que tão gentilmente me dirigistes vós e o vosso digno director, o Pe. Dr. Hermenegildo Carrá, a quem me ligam as mais caras saudades dos tempos de estudante, aqui me tendes a paronymphar o acto solenne, em que se vos impõe na frente o laurel symbolico do bacharelato.

É que o nome de D. Bosco nos lembra quanto ensinou elle aos jovens, ensinamentos estes, que devem formar o livro santo do vosso ideal, porque nelles tudo se vos depara: o codigo do character, os pergaminhos da honra e o talismã divino da felicidade.

Relembremos, pois, snrs. Bachareis, no momento sempre evocativo do adeus, as lições immortaes do mestre e apostolo.

A DIVINA ESCOLA

Foi á luz sobrenatural dos evangelhos, que D. Bosco estudou e amou a juventude. E nada mais bello talvez, em tão sublimes paginas, do que o divino contacto de Jesus, com essas creaturas em flôr, a se entreabrirem no sorriso da vida. Expande-se ahi todo o amor paternal e infinito do coração de um Deus, amor, qual nunca o sonhára o mundo, amor todo espirito e verdade, amor que purifica e eleva.

Vêde-o em meio a essa onda fresca de ouro e rosas, que são as creancinhas da Palestina: com que effusão de carinhos não as abençôa e abraça, dizendo a todos os seculos: "Deixae que venham a mim os pequeninos!" Mas eis que logo em seguida, como que sentindo a necessidade de manifestar o motivo santissimo do seu affecto, accrescenta: "Porque delles é o reino dos céus". *Talium est enim regnum cælorum* (1).

Passae avante e evocae aquella sympathica figura de moço que na ansia de viver, vae interrogar o Mestre sobre a eternidade da vida. Qual foi a resposta? Toda ella, como sabeis, do mais transcendente espiritalismo. Escutemoi-a em adoração: "Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos... Mas se queres a perfeição da vida, vae, vende o que possues, dá aos pobres, vem, segue-me, e terás um thesouro no céu".

Ha mais ainda nesse mimoso episodio. E é que, segundo nos revelou um dos evangelistas, em vendo o Messias aquella alma de mancebo, tão soffrega de immortalidade, sentiu-se possuido de subita e extraordinaria affeição: *intuitus eum, dilexit eum*. Mas quando foi isso? Só depois que lhe o jovem declarára têr praticado, desde os mais verdes annos, todo o decalogo: *Magister, haec omnia observavi a juventute mea* (2).

O mais suggestivo, porém, de todos os encontros de Jesus com a mocidade, foi certamente na pessôa de João, o discipulo amado, unico lirio das velhas tribus, que o Evangelho surprehendêra florindo, á beira do lago de Tiberiades. Pois, se o Messias o amou assim, mais do que aos outros, permittiu-lhe pousasse a frente em seu coração adoravel, confiou-lhe a sua propria Mãe, fêl-o apostolo, evangelista, propheta e martyr, não foi tão sómente porque era jovem; senão sim, como nol-o affirma toda a tradição dos Santos Padres, porque viu resplandecer-lhe no olhar adolescente,

(1) Matt. XIX. 14.

(-2) Matt. X, 17 a 21.

o candor virginal da mocidade, tal qual viera Elle reformal-a nos moldes eternos da lei nova.

Não significam, por certo, estas considerações, que o Divino Mestre condemne, nem sequer menospreze a educação physica, o cuidado do corpo, ou coisa que o valha. Bastaria para varrer tal suspeita, o simples facto de haver Elle resuscitado, como se sabe, em todo o esplendor da saude e da belleza, dois corpos moços. Factos são estes, aliás, que nos aqui vêm de molde, porquanto vae nelles novo penhor dessa predilecção santa do Christo para com a juventude. Duas, em verdade, das tres unicas resurreições, que nas sagradas cartas evangelicas se registam, operou-as o Salvador em beneficio da mocidade: a do moço de Naim, e a da filha de Jairo, morta na flôr em botão dos seus doze annos.

E o que mais é, e confirma luminosamente quanto vimos dizendo, é que tanto sobre o feretro do pallido mancebo, como sobre o cadaver engrinaldado da donzella, pronuncia Jesus a a mesma palavra, mas uma palavra que é synthese divina, palavra, que vale todos os evangelhos para a mocidade, palavra que devêra ella engastar, como legenda de estrellas, no céu azul dos seus mais bellos sonhos: Levanta-te! *Surge!*

ALMA E CORPO

Nesta escola divina foi que se formou D. Bosco. Tudo nella, como vêdes, se allumia aos fulgores da mais alta espiritualidade, tudo se embalsama nos aromas da moral mais pura, tudo são impulsos para o alto, para o bem, para o infinito: *Surge!*

Dir-se-ia que o homem deixe ahi de sêr um animal, racional embora, qual o definira Aristoteles, para espiritualizar-se todo na alma, da qual o corpo, consoante essoutra nobilissima definição attribuida a S. Agostinho, não seja mais do que um servo: *homo est anima corpore utens*. Notae bem a differença: não mais um animal, senão uma alma!

Alma! eis quasi tudo na pedagogia christã. É nada mais logico, á luz não só da fé, que tambem da razão e da philosophia. A alma é que faz o homem. O corpo não passaria de uma pouca de argilla inerte e bronca, se não fôra o sopro de vida: *spiraculum vitæ*, que nelle bafejou o Creador, e que outra coisa não é, senão a alma: *et factus est homo in animam viventem* (3).

E a mesma Biblia, no seu estylo tão adaptado á nossa phantasia, dá-nos bem a entender quanto não sobreexcede, desde

(3) -- Gen. II, 7.

a criação, a alma ao corpo. Foi este um mero artefacto das mãos divinas, que, ademais o plasmaram no limo da terra: *de limo terrae* (4). Mas a alma, esta, não a formou Deus de materia alguma vil, senão de um bafejo purissimo da sua omnipotencia. Não recebeu ella apenas o conctato dos dedos do soberano artista, mas alguma coisa de tão intimo á natureza divina, como o halito que nos sae do peito. Assim nasceu ella de uma emanação d'essa natureza, á imagem e semelhança da sua divindade.

E este sopro divino, que o Omnipotente infundiu assim naquella primitiva estatua de barro, e d'ahi por d'avante, em todos os embryões humanos, pelos seculos em fóra; esta inspiração fecunda, de que brotaram todas as maravilhas do genio e do heroismo, que hoje constituem o patrimonio da civilização de todos os povos, em todos os tempos; este espirito vivo e vital, já não morre, nem pode, de si mesmo, morrer, incorporeo e immaterial, que é, simples e incorruptivel.

Ahi tendes a alma immortal do homem, que um dia, na victoria decisiva sobre o corpo e a materia, ha de sobrepairar, solitaria e gloriosa, acima da catastrophe universal dos mundos.

Mas esta alma, já de seu natural, assim tão excellente e formosa, imaginae-a agora sublimada ainda mais na elevação sobrenatural da graça, acrisolada em luz ao banho lustral do sangue de um Deus, divinizada, emfim, por esses dotes ineffaveis, que lhe merecem a visão, face a face, da divindade; imaginae, se podeis, tudo isto, dizei-me se não tinham razão os genios do christianismo, quando, aos pés do Crucificado, joelhos em terra, mas corações em extase, exclamavam: ó alma, eis aqui o teu preço infinito! *O anima, tanti vales!* D'aqui a solenne e grave interrogação do Divino Mestre, echoando através dos séculos maravilhados: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo todo, com prejuizo da propria alma?" (5) Tal é a alma no systema divino do christianismo: mais nobre e mais preciosa que todo o universo.

DA MIHI ANIMAS!

Não admira, pois, resumisse D. Bosco na alma da juventude o ideal supremo da sua pedagogia. Assim o fez, inspirando-se todo naquella palavra do Genesis, que elle proprio accommodára em divisa heraldica do brazão d'armas do seu apostolado: "Dae-me almas, e nada mais!" *Da mihi animas, caetera tolle!* (6)

(4) — Ibid.

(5) Matt. XVI, 26.

(6) Gen. XIV, 21.

Vêde como se espiritualiza aqui sempre mais, a formula classica e sabia, pagã embora, crystallizada no hemistichio celebre de Juvenal: *mens sana in corpore sano*.

É como se D. Bosco dissera: eduque-se em bôa hora o corpo, cresça elle sã e forte, applicuem-se-lhe todos os principios racionaes da eugenia; mas a mim me importam sobretudo as almas: *da mihi animas!*

E este grito de apostolo, perpetuado em aurea tenção na bandeira da sua escola, que elle chamou de salesiana, tem uma significação immensa, que transpõe o tempo e penetra na eternidade.

Quereis vê-lo? Folheae commigo a chronica dos tempos heroicos da sua vida apostolica.

Corria o mez de Julho de 1846. O jovem presbytero entrava a convalescer de grave enfermidade, que por pouco o não rojára ao tumulo. E quando, após longos dias de apprehensões, appareceu elle de novo, em meio á saudade e ao enthusiasmo dos seus rapazes, foi uma festa que raiou pelo delirio. Não houve conter a maré montante daquelles corações adolescentes. Levaram-no em triumpho nos hombros, cantando e chorando de alegria. D. Bosco tambem mal soffreava a commoção e as lagrimas, tanto que não pode dizer-lhes mais que brevissimas palavras, rematando-as com este pensamento, em que se lhe sente ainda toda a alma e toda a vida: "Ajudaê-me a salvar as vossas almas".

Que singeleza! Mas, ao mesmo tempo, que sublimidade! Reparae: D. Bosco não diz apenas, o que seria mais natural, que está prompto a ajudar os seus filhos a salvarem as proprias almas. Diz muito mais: pede-lhes que o ajudem a salvar-as elle proprio. Se fôra possivel, é o que parece dizer, salvar-as-ia, por si só, sem a cooperação delles, mesmo á custa dos maiores sacrificios. Ao menos, porém, se offerece para desempenhar a parte principal, e só espera delles o indispensavel concurso: "ajudaê-me!" Que amor! que devotamento! que excelsa caridade!

Attentae agora na finalidade sublime, que ahi mesmo traça elle ao seu programma educativo. Não diz aos seus filhos que o ajudem a fazel-os letrados ou artistas, advogados ou esculpores, medicos ou sacerdotes, generaes ou bispos. Tudo isto seria ainda pouco ao seu amor. Não descansará, emquanto lhes não salvar as almas. E salvar a alma, na linguagem christã, é, como sabeis, livral-a de todo o mal, assegurar-lhe o bem infinito, oriental-a definitivamente para Deus!

Não sei se já lêstes algo sobre a curiosa flôr do heliotropio, tão curiosa, que lhe chamou Plinio um milagre da flora. E

é que ella, segundo lhe reza o proprio nome grego, gyra sempre com o sol, na orbita apparente através do páramo celeste. Quer fulja o astro em céu sereno, quer o toldem as nuvens, sempre, sempre se mantém, para elle constantemente voltada, a flôr fidelissima. E quando transmonta o dia nos horizontes, e a noite desce, tambem ella, como que em signal de saudade e lucto, cerra as ceruleas petalas, e toda em si mesma se recolhe. Não se tem aqui o velho naturalista, que não exclame, desdobrando-se em poeta: "tão grande é o seu amor ao sol!" *Tantus sideris amor est!*

Ahi tendes a mais linda e expressiva miniatura da escola de D. Bosco: a flôr é a alma da juventude, o sol é Deus!

A ILLUSÃO

É assim a flôr para o sol, como a alma para Deus, é a propria natureza que as inclina. Mas, ao passo que a flôr obedece invariavelmente a esse pendor natural, pode o homem, abusando da sua liberdade, contrariar-o, e, de facto, por seu mal, muitas vezes o contraria. Daqui a grande perversão, que o genio philosophico de S. Thomaz caracterizou nestas duas enormidades: voltar as costas a Deus, para entregar-se ás creaturas. *Aversio a Deo, et conversio ad creaturas*. E isto, em grande parte, máxi-me na quadra juvenil, devido ao feitiço das coisas creadas, cuja vaidade, no dizer das letras santas, fascina e obscura os espiritos (7).

É a illusão propria da mocidade.

Nunca se me revelou, tão ao vivo, e, digamol-o assim, entrou-me pelos sentidos esta magia da illusão, como em recente passeio á historica ilha de Cápreas.

A marinha de Napoles, uma das mais encantadoras do mundo, sorria, lado a lado, á caricia dourada e morna do sol matutino. A beiramar, que de bordo viamos curvar-se além, graciosamente, do cabo Miseno á Ponta da Campanella, parecia florescer toda nas mais poeticas evocações. No fundo, imprimindo feição local á paisagem, a silhueta typica do Vesuvio; ao norte, Posilipo, Puteolos e Baias; ao sul, o mar de Sorrento, onde se adivinha, ao longe, o perfume dos laranjaes, e onde as aguas profundas e silenciosas, sob o alcantil das costas altissimas, fazem devéras, como diz a letra da popular canção, sonhar, mesmo a quem vela.

(7) — Sap. IV, 12: *Fascinatio enim nugacitatis obscurat bona.*

Enlevado assim nestas e outras sugestões da historia e da poesia, a realçarem a belleza daquella terra, já sagrada pelos antigos de feliz: *Campania Felix*, foi que aportei aos rochedos de Cápreas, e penetrei de chofre, pela vez primeira, na maravilhosa lapa, que serve de antesala a quantos visitam a ilha: a Gruta Azul.

Foi, em verdade, um banho de azul. As aguas, a rocha, o ar, as barcas, tudo se disséra plasmado em saphiras diluidas e volateis. Um resplendor celeste nimbava todas as pessôas e todas as coisas. E quando os remos mergulhavam, de rijo no *crystallino azul* da quieta *lympha*, esta lembrando os luminosos versos de Heredia, arrepiava-se toda, numa palpitação de ouro e prata, de nacares e esmeraldas.

Mas era apenas um sonho em plena vigilia. Pois tudo aquillo mais não era, do que uma pouca de luz, que, refrangendo-se no seio glauco do oceano, matizava assim phantasticamente a gruta, num desses brincos divinos, em que se compraz a arte do Autor da natureza.

Tal é tambem o encanto perenne dessa atmospheria, em que desabrocha e viça a mocidade. Nada mais cheio de luz do que a phantasia juvenil, e esta luz, por uma refração mysteriosa em seu coração, pequenino mar de ouro, em que esfervilham todas as paixões, borrifa-lhe em tudo as sete côres do iris, numa illusão funesta, que, por assim dizermos, divinizando a seus olhos as creaturas, enfeitiça-lhe o entendimento e perverte-lhe o senso. Por isso talvez, já diziam os pagãos que morre moço, quem os deuses amam. E a sabedoria divina parece explicar e confirmar naquellas palavras: "Apressa-se Deus a tirar do meio das iniquidades a alma que lhe é cara" (8).

O "JOVEM INSTRUIDO"

O grande mal da juventude é, pois, a illusão, esse "engano d'alma ledo e cego" que desorienta desvia de Deus, á semelhança de pallido heliotropio, que debruçado para a terra, não mais acompanhe o sol.

D'aqui o apostolico empenho de D. Bosco no instruir moral e religiosamente a juventude: a sua gloriosa missão em prol da mocidade, teve por berço, como sabeis, uma aula de catecismo.

E o catecismo é o antidoto celeste ás illusões da juventude.

(8) — *Placita enim erat Deo anima illius, propter hoc properavit educere illum medio iniquitatum* (Sap. IV, 14).

Nessas minúsculas paginas, resumem-se para ella todos os livros da sabedoria, desde o Genesis da sua origem divina, até o Apocalypse mysterioso dos seus ultimos destinos. Ahi é que se lhe revela a majestade soberana de Deus, e o nada dos seres creados, que pretentem seduzir-lhe o espirito. Ahi a verdadeira finalidade da vida humana sobre a terra, e os meios para conseguir o seu ideal supremo e infinito.

Não faltará, por certo, quem note de arido o estylo dos catecismos; mas é a aridez sublime das coisas simples e eternas. Lembrae-vos de quando revelou Deus a Moysés, e a todo o povo hebreu, o nome proprio da sua divindade, dizendo-lhes: "Eu sou o que sou". Um espirito rude e superficial não pode, naturalmente, penetrar a profundidade insondavel desta formula; mas isto não obstante, percebe que está deante de uma verdade, cujo mysterio se adora em silencio, mas cuja luz tanto mais se aclara, quanto mais se aperfeiçoa a intelligencia, a ponto de encantar os maiores genios, na contemplação desse nome incomparavel, que tão bem define o unico Ente, cuja essencia é a propria existencia: *Ego sum qui sum* (9).

São assim tambem as expressões sagradas do catecismo: decoram-se na infancia, e nunca perdem a oportunidade, mas, pelo contrario, ao passo que as flôres da literatura humana desluzem com o tempo, e não mais produzem o mesmo enlevo, as formulas simples e seccas do catecismo, refloreecem cada vez mais, como as da Biblia, em verdade e belleza.

Teve disto D. Bosco intuição sobrenatural, e bem se pode dizer que desde a mais tenra idade, repetindo aos companheiros, sob as arvores do campo natal, as predicas que ouvira, até ás vespervas da ultima agonia, trasmittindo aos jovens as suas derradeiras recommendações, toda a sua vida foi uma continua catechese á juventude. Mesmo escrevendo sobre assumptos os mais indifferentes, como v. gr. o *Systema Metrico*, ou o *Enologo Italiano*, tinha sempre em mira a formação moral e religiosa dos rapazes, seja porque assim os preservava do contacto com autores, cujo só nome, muitas vezes, é já um perigo para a fé, seja porque, como em geral soia, floreira, aqui e alli, o texto de pensamentos christãos e salutaes.

Mas um livro existe, dentre os cento e tantos da lavra de D. Bosco, que vále aqui por um symbolo: é "O Jovem Instruido". Lembra-me ainda a impressão profunda, mas quasi imperceptivel de tão suave, que aos meus doze annos causou a leitura das suas paginas de ouro. Não era o primeiro manual de piedade, que assim

(9) — Exod. III, 14.

me cahia sob os olhos, mas nenhum, como este, me fizera tanto reflectir e meditar. O tom familiar de insinuante amizade, que desde as primeiras palavras nos enleia; o interesse purissimo pela mocidade, mostrando que tanto a quer, quanto lhe quer o verdadeiro bem: o conhecimento perfeito do coração moço: o mixto de segurança clinica e delicadeza paternal, com que lhe põe o dedo nas chagas; a simplicidade clara e natural, no expor as verdades mais austeras; a unção inffavel, que lhe repassa todos os pensamentos, á semelhança do oleo derramado, de que fala o Cantar dos Cantares; tudo isso, emfim, encanta de tal maneira as jovens almas, que se deixam guiar, sem saber porque, e só chegam a comprehendel-o mais tarde, quando em annos já maduros, relemos saudosamente essas lições, bemditas lições, que illuminam a quadra perigosa e decisiva, em que a mocidade nos abre, com seus dedos de rosa, a porta oriental da vida.

Por ahi se justifica o extraordinario successo desse aureo livrinho, que em vivendo ainda o autor, alcançava já 122 edições de 50 mil exemplares cada uma, e corre hoje traduzido em todas as linguas cultas do universo. Basta elle para nos dar um mimoso especimen desse estylo inconfundivel, com que D. Bosco fala aos jovens, estylo que é nota característica do seu apostolado, e bem lhe faria jus à brilhante aureola de Doutor da Juventude.

OS DOIS PHARÓES

Dir-se-ia que tenha Deus querido completar admiravelmente esse estylo, concedendo ao apostolo uma faculdade rara, a que poderíamos chamar o "dom dos sonhos". D. Bosco foi, como sabeis, um sonhador singular. Começou de sonhar aos nove annos; e sonhou toda a vida. Mas os seus sonhos não eram meras phantasias nem chimeras, senão visões nitidas, em que se materializavam grandes verdades, concretizadas crystallinamente em imagens vivas, a impressionarem as almas travessas e levianas dos jovens alumnos.

E dentre os seus numerosos sonhos, um se nos offerece aqui e vem, como se diz, a talho de foice. Escutae-o. Apareceu-lhe uma vez em sonho um vasto mar sombrio e revoltado, por onde muitas embarcações pequeninas e leves singravam, a esmo, perseguidas por um bando de terriveis piratas. Do meio das vagas encapelladas, duas columnas se erguiam alli, á feição de pharóes colossaes e immoveis. Contemplava attentamente tudo aquillo D. Bosco, sem poder, entretanto, decifral-o, quando observou que não conseguiam fugir á furia dos corsarios e á fatalida-

de do naufragio, senão os bateis felizes, que se refugiavam, celeres, ao sopé das duas torres sobranceiras. Levanta então os olhos para titar melhor aquelles monumentos, e eis que tudo se lhe esclarece: esplendia no alto, sobre uma das columnas, a brancura da Hostia, e sobre a outra, o sorriso de Maria.

Era a confirmação imaginosa, clara e celeste da doutrina, que pregada por elle desde os albores do seu apostolado, ia ser ainda, no leito de morte, o seu ultimo conselho á juventude: devoção á Santa Virgem e á Santissima Eucharistia.

D. Bosco, está claro, não comprehendia educação nem moral, sem religião. "Razão e religião, deixou elle escripto, são os dois instrumentos, de que deve constantemente fazer uso o educador". Não bastava, porém, o ensino theorico da religião; queria a religião praticada, a religião, que plasma a consciencia e o character, a religião, emfim, de que, no dizer de S. Paulo, se vive: "*justus autem ex fide vivit*" (10).

E este cunho pratico da religião ha de começar desde as lições do collo materno. Notaveis são a este respeito as paginas da biographia do jovem francez, Luiz Colle, nas quaes D. Bosco estuda os effeitos nocivos da educação falha na alma das creanças, e ante as quaes Joergensen, o poeta dinamarquez, se deteve a lhe admirar a perspicacia e profundeza da analyse psychologica. Dellas apraz extrahir o seguinte topico, em que resume D. Bosco a educação modelar, que os paes de Colle ministraram ao filho: "Fortificar-lhe a vontade e tornal-a, ao mesmo tempo, docil e propensa ao bem, mercê de uma sabia disciplina; formar-lhe a consciencia com lições simples e exemplos attrahentes; desenvolver nelle a paixão do bem e o odio ao mal, fazendo-lhe comprehender uma e outra coisa, como effeitos da conformidade ou da falta de conformidade com a vontade de Deus, de modo que o bem queira dizer "obedecer a Deus" e o mal "desobedecer-lhe"; fazer assim, na pratica, toda a direcção derivar deste unico principio, isto é, Deus, que se deve amar sobre todas as coisas, segundo o qual, no qual e pelo qual se hão de amar todas as coisas: tal foi a tarefa, a que esses progenitores christãos dedicaram todos os seus instantes e consagraram toda a sua sabedoria e virtude. A piedosa mãe, especialmente, tudo envidou para atear e nutrir naquelle generoso coração, a viva chamma da divina caridade.

"Muitissimas vezes a educação christã não corresponde ao seu fim, porque inspira ás creanças um temor "exagerado" da presença de Deus. Este Deus de bondade, é pintado á maneira de espantelho, que as apavora e lhes retrae os corações; diminue, dest'ar-

(10) — Rom. I, 17.

te, o amor de Deus, e eis que o servilismo e a desconfiança tomam o lugar á expansão confiante e ao abandono filial e jucundo.

“Bem differente era a idéa, que a mãe de Luiz procurava inculcar-lhe na tenra alma, ácerca das nossas relações com Deus. Deus, lhe dizia ella, é para nós o melhor e o mais generoso dos paes. Tudo devemos ao seu amor: a nossa existencia, os nossos paes e tudo que amamos. Só Elle é que nos conserva todos estes bens, e a sua bondade o leva a dar-nos sempre mais. Em troca, nada mais pede, senão amor e provas do nosso reconhecimento”.

Assim é que entendia D. Bosco o influxo religioso na educação, desde a primeira infancia. Em se desenvolvendo, porém, a intelligencia, quer que se faça comprehender aos meninos “a belleza, a magnificencia e a santidade dessa religião, que propõe meios tão faceis e tão uteis á sociedade civil, á tranquillidade do coração, á salvação da alma, como são precisamente os Santos Sacramentos, afim que os jovens tomem espontaneamente gosto a estas praticas de piedade, e dellas se approximem com prazer e fructo”.

Em uma palavra, o que D. Bosco sempre ensinou, foi a religião com todas as suas praticas salutareas. Querendo, porém, dar aos seus alumnos um resumo dessas mesmas praticas, um como ramallete espiritual, que lhes servisse de lembrança por toda a vida, a quinta essencia, por que assim digamos, da educação recebida nos seus collegios, inculcou-lhes em todo tempo esses dois cultos a Maria Auxiliadora e a Jesus Sacramentado, dois cultos, em que vae todo um ideal de luz, de força e de belleza immaculada, dois cultos tão entrelaçados entre si como a auro-ra e o sol, pois que a Virgem mais não é ahi, do que a amavel precursora da Eucharistia.

Taes são os dois mandamentos da escola salesiana de D. Bosco

IN HYMNIS ET CANTICIS

O bello trecho, que ha pouco, vos acabo de citar, e em que D. Bosco nos fala de como não se deve inspirar ás creanças o medo de Deus, senão o amor a Elle, convida-nos a tratar um ponto, que é o remate, a corôa, o esmalte, o brilho e a flôr da educação salesiana: a alegria.

Deus não é um espantelho, diz ahi o mestre, é o mais amavel dos paes. E foi uma atmospheria toda de paternaes affectos e alegria, que, mediante o Systema Preventivo, procurou elle crear no gaio recinto dos seus collegios: *in hymnis et canticis*.

Ouçamol-o. "Consiste este (Systema Preventivo) em tornar conhecidas as prescripções e regulamentos de um Instituto, e depois vigiar em maneira que os alumnos tenham sempre sobre si o olho vigilante do superior e dos assistentes, os quaes, como paes amorosos, falem, guiem, aconselhem e docemente corrijam, o que equivale a collocar os alumnos na impossibilidade de commetterem faltas". E em outro lugar: "Dê-se ampla liberdade de saltar, correr e gritar á vontade. A gymnastica, a musica, a declamação, o theatro, os passeios, são meios efficacissimos para obter disciplina, com proveito da moralidade e da saude... Fazei tudo que quizerdes, dizia o grande amigo da juventude, S. Philippe Neri, a mim basta que não faças uma coisa só: o peccado".

Até aqui o grande educador, de quem se lê que tinha por habito despedir-se dos seus jovens amigos, com esta amavel saudação: *Sta allegro!* Esteja alegre!

Nas proprias e alheias difficuldades, em meio ás contradicções inevitaveis da vida, costumava tambem repetir esta formula jovial e calmante, não só pela alta philosophia que encerra, como até pela simples lepez dos seus versos macarronicos:

*Laetari, benefacere,
Lasciar cantar le passere!* (11)

Mais original, porém, e mais significativo ainda, foi o titulo por elle adoptado, para aquella sympathica associação juvenil que, desde os bancos escolares, fundára entre os collegas de preparatorios: "Sociedade da Alegria".

Não seria, aliás, christão o systema educativo, que apagasse na alma o sorriso da jovialidade. Compulsae a Biblia: toda ella resôa em canticos de alegria. As vozes do jubilo e da exultação repetem-se ahi, em todos os casos e tempos. E S. Paulo parece resumil-as todas nesta insistente palavra de ordem: "Alegrae-vos sempre no Senhor, repito: alegrae-vos".

Não n'ó comprehendem, bem sei, os modernos paganizantes que, a exemplo do tão elegante quão leviano Renan, vão banhar de lagrimas as ruinas da Acropole, deplorando o desaparecimento dos mythos gregos, que foram para elles, em contraste com o christianismo, a religião da luz, da belleza, da arte e da alegria.

Mas a alegria de que vos falo, não é por certo essa, alegria pagã, illusoria e falsa; alegria de bacchos e menades; alegria dos Anacreontes, em meio a flôres e vinhos; alegria commum a todos os animaes; alegria que não consola a nenhum infeliz; ale-

(11) Estar alegre e fazer o bem

E deixar cantar os pardaes, ou, como diríamos nós, palrar as pêgas.*

gria em que o espirito se escraviza á materia, pagando-lhe o tributo do seu genio e das suas graças; alegria, enfim, que é uma flôr fugidia da carne, da saúde e quasi sempre do peccado.

A que apprendestes na escola de D. Bosco, é a alegria christã, fructo do Espirito Santo; alegria, que nasce do dever cumprido; alegria que tanto sorri no prospero, como no adverso; alegria superior ao corpo e ao tempo; alegria que illumina até a lepra e o monturo dos Jobs, num rosicler divino de esperança; alegria, que á feição das rosas de S. Teresinha, desabrocha ao redor da cruz, dos espinhos e dos cravos; alegria, que mesmo na pobreza e na dor, sabe entoar o "cantico do sol e de todas as creaturas"; alegria de amar, mas amar sob as benções de Deus; alegria de viver, mas viver eternamente.

VER SACRUM

Ahi vos deixo delineados, ó moços, em rapidos traços, os principios fundamentaes da escola, em que vos educastes, principios, que doravante, mais do que nunca, hão de brilhar a vossos olhos, como estrellas polares, na caligem dos erros e paixões do seculo.

Costumavam os Romanos, em epocas fatidicas da sua historia, consagrar aos deuses tudo que lhes nascia nos campos e nos lares, durante a estação em flôr desses annos nefastos. Era o que se chamava na sua liturgia, a "primavera sacra": *ver sacrum*.

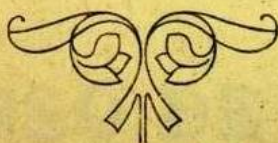
Moços! vós sois a primavera do Brasil: em vós, a luz primaveril do seu espirito; em vós, as flôres da sua belleza e das suas graças; em vós, a vibração calida e fecunda das suas energias; em vós, a fragancia dos mais puros ideaes; em vós, o jardim pensil das suas esperanças: em vós, a promessa de um verão cheio de trabalho, e de um outono rico de fructos.

Mas o Brasil, como o mundo todo, vive uma hora apprehensiva de incertezas, em que as nações enfraquecidas pela erosão surda da unidade nacional da fé e do civismo, mal fogem á invasão purulenta da anarchia, para cahirem nas garras do imperialismo. E vós, ó moços, vós é que podeis e deveis salvar a nacionalidade, muito melhor do que as primaveras sagradas, com que Roma pretendia, em vão, propiciar os seus numes e defender o seu imperio.

Basta para isto que vos conserveis nessa orientação luminosa da escola de D. Bosco, que outra coisa não é, senão a offerenda votiva da vossa juventude a Deus.

Dae-vos, pois, sempre mais a Deus, ó moços, mas ao Deus vivo da Biblia, ao Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob, ao

Deus dos altares catholicos; dae-vos a Elle, com toda a vossa alma, com todo o vosso coração, com todas as vossas forças, com toda a belleza virginal do vosso entusiasmo, e sereis a verdadeira primavera sacra do Brasil, salvando e glorificando a Patria, no mystico holocausto da vossa mocidade.



SESSÃO DE RECEPÇÃO

EM

30 de Agosto de 1930

I

DISCURSO DE POSSE

pelo socio

Dr. Olegario de Barros



Senhores :

Estou certo, ao transpor, hesitante, este portico aberto para o scenario da arte, de que não premiastes um representante, mesmo mediocre, da nossa cultura literaria.

E não é por falsa modestia que assim, rudemente, me expri- mo ao entrar para o vosso seio, num dos mais gratos momentos de minha vida.

A emphase da affirmação e o atrevimento da phrase revelam, claramente, a resultante indeclinavel da analyse serena e consciente.

Realmente, por mais que esquadrinhe o passado, revolvendo-lhe os sonhos que sonhei sob a constellação ardente que illuminava a minha torre de marfim, nada, senhores, nada me acóde á memoria que me faça digno de conviver comvosco sob o perfume das rosas destas arcadas misticas, emquanto a lithurgia do officio sagrado ides celebrando.

Que, afinal, fiz eu para merecer-vos?

E' verdade (e que alvorada maravilhosamente esplendida, se levanta a esta recordação!) é verdade que, quando se me ia ainda muito verde a juventude, á acção irreprimivel que o instincto da belleza nos desperta enchendo o coração de poesia e a garganta de cantares, cheguei a fazer alguns fracos ensaios literarios em prova e verso.

Mas, talvez, fossem os unicos, que a a mão febril sinceramente escrevesse acompanhando o rythmo da tristeza ou da alegria que estalava o coração...

Não me recordo de outras tentativas que não mallograssem, de trabalhos posteriores outros que fossem, simplesmente, versos alados para o firmamento, soluços sinceros sacudindo a alma ou, quando menos, mera preocupação dos rendilhados que deslumbram pela fórmula, pela côr e pelo som, extasiando os sentimentos ou encantando pelos pensamentos.

E a essas pobres producções, que a imprensa compassiva e acolhedora agasalhou, cuidando, certamente, que, menos murchas, outras florescencias viessem, sempre faltou o condão do encanto e da graça e a harmoniosa vivacidade dos passaros que, voam, livremente, pelo espaço.

Datam esses primeiros e, creio, esses meus ultimos ensaios, da phase ruidosa, dessa alegre matinada do « Club Minerva » cuja vida, embora ephemera, deitou fundas raizes em nossa saudade.

Permitti, e não será inoportuno, que eu vos evoque, aqui, alguns dos seus mais pittorescos episodios, que a muitos de vós tambem elles pertencem, e serão, assim, historias contadas e vividas, fragmentos de nossa propria vida.

Eramos dezena e meia de rapazes, quasi todos do extincto Lyceu Salesiano " S. Gonçalo ".

Nascera o " Club Minerva " da força calida e abrasadora dos nossos desejos, em um glorioso domingo de sól, quando os sinos das Igrejas, em gritos claros, annunciavam solennidades religiosas.

Bastou, então, a nossa vontade forte, unida e harmonica, e, como na passagem biblica, *o Club foi creado*.

No seu escudo symbolico, lembro-me bem, talhado com pouca mestria em uma folha de zinco, amator patricio que, a um tempo, accumulava os pendores de musico, alfaiate, photographo, desenhista e presidente perpetuo do Club " Habitantes da Lua », pintára, com tintas berrantes, uma senhora absolutamente hedionda, a que, irreverentemente, cognomináramos *Deusa Minerva*(!), sem attentar que poderíamos offender os melindres artisticos de Phycias.

Foi á sombra amoravel dessa tenda, sob os auspicios dessa Deusa bôa e desfigurada, que iniciamos, eu e varios de vós, que me honrastes com o vosso voto, a nossa despretenciosa carreira literaria.

Curta, sim, a sua vida, mas o canto, que é a finalidade das cigarras e das aves, encheu-a ponta a ponta.

Parece-me, que me não é licito dizer-vos, sem espontaneo embaraço, como o esperançoso ninho de sonhadores foi saccudido dos ramos em que o construíramos e brutalmente arremessado ao solo. Só vos posso adiantar que, ao tragico accidente, se prenderam questões de ordem financeira, um accentuado e crescente desequilibrio orçamentario. A *causa mortis*, afinal, se me não trahe a memoria foi a impontualidade invencivel no pagamento aos senhorios, razão, é verdade, de pouca monta para um bando de sabiás que enchiam de alegria e mocidade as mangueiras verdes e cheirosas de Cuiabá.

O que foram as nossas conferencias, os sarãos musicaes que promovemos, a nossa imprensa, então o maior assomo do nosso orgulho e toda a nossa gloria afinal!...

O "O Cruzeiro," de sete em sete dias, surgia como um viveiro de sons, de rimas e de cantos. José de Mesquita e Allyrio de Mattos, que formavam os pontos de apoio da vida jornalística da caravana bem dita, irradiavam o mais robusto e fulgurante talento.

Em suas columnas vivemos intensamente ora em filigranas de ouro, ora em som elegiaco, ora em notas ardentes como beijos que só o verso lyrico podia traduzir.

Havíamos alcançado a Chanaan dos nossos sonhos, eramos no esplendor do Olympo...

Houve, é certo, uma época de não muito grata recordação na trajetoria da sua vida luminosa, em que as asas azues da poesia se encolheram, pendentas, embora Mallarmé entenda que a fonte inspiradora flua, mesmo, entre os annuncios dos jornaes.

Foi quanto começamos de arpoar os maus costumes e a discutir, com azedume, questões de linguagem.

A satyra e ao remoque succederam, como era fatal, attrictos de certa gravidade entre a nossa e a gente da "Juventude," outro hebdomadario, não menos valente, que combatiamos.

O estylo engrossou, tornando-se aspero de lado a lado, até que, duma feita, os aretinos e os philologos, arregaçando as mangas, quasi se pegaram, a pau e a murros, nas immediações do jardim Ipyranga com extranhos e contundentes argumentos em torno das altas questões de linguagem.

Foi nessa phase gloriosa, mal entrados na mocidade, que escrevemos, quando as producções queriam, a nossa prosa e o nosso verso.

Notai, porem, Snrs, que essas clarinadas nada podem valer.

Que expressão positiva, que activo literario, com effeito, podem ellas representar que tenham a força para alçar-me até vós, a um Centro de Cultura onde se alteiam as mais ricas bagagens e os mais heroicos e sumptuosos trophéos?

Onde, pois, o motivo real de minha temeridade e dessa vossa generosa acolhida, senão na confiança que nutri em vosso coração magnanimo certo de que darieis o amparo affectuoso á ambição santa de quem vos quer servir sinceramente a causa e defender a dama no instante apprehensivo em que se armam conspirações contra a sua belleza?

Senhores!

Na poltrona que me destes não encontro, apenas, a sombra dolorosa de quem se foi, mais livre, espaço a fóra, na eterna

evolução dos seres... (Sobre esse móiho perfumoso de violetas que a mão do vate abandonou e que recolhestes para este templo, eu encontro, também, a impressão forte que a cultura e o talento sabem deixar por onde quer que passem, como se a força latejante do pensamento fosse pollem inebriante que jamais desaparecesse dos ambientes em que irradiam.

Em torno, no alto deste espaldar, eu vejo, igualmente, purpurea, no frescor da sua mais linda mocidade, e dentro da corolla rutila da ultima flôr do Lacio, o mimo regio que, ainda hontem, Cesario Netto vos offertou, em que o sentimento e a forma se casaram e se completam na mais doce harmonia.

Não morreu, e não morrerá nunca a suave resonancia de sua voz magica.

Estou como a ouvil-o ainda, sentindo-lhe as suaves vibrações que menos encantam o ouvido que delicias a alma pela fina e alta emoção que despertam.

Ditas assim como foram, esculpidas em forma modelar, e com a natural bonhomia com que sabe tratar os mais complicados problemas de arte e de linguagem, jamais poderão desertar este Centro, ao contrario, continuarão ellas a resoar nesta acustica e aqui se fundirão e se crystalisarão integrando-se, definitivamente, na vida desta casa.

Pois, senhores, é a esse espirito hellenico projectado em pleno seculo XX, cuja renuncia todos nós deploramos, ai de mim que venho substituir, como se fôra possivel o paradoxo de uma equação composta de membros cujos valores são immensamente desiguaes; como se fôra possivel, na nobre cadeira que o illustre conterraneo honrou, ao meu pequeno vulto de herva rasteira, abranger os altos e brilhantes contornos de sua sombra.

A Cesario Netto deve este Centro muito de sua vida e do seu prestigio literario.

No curso da sua existencia, victoriosa, corrida entre palmas de gloria e setas dos vencidos, espelham-se, como na agua corrente, paisagens fortes de sua fecunda collaboraçã, como philologo e ensaista.

São particulas luminosas, gemmas riquissimas faiscadas na combustão intellectual do jovem conterraneo que aqui serão permanentemente fixadas como indices de grande valor para o seu patrimonio cultural.

Envolto, sempre, na nobre modestia que mais o exalta oriunda de um temperamento espontaneamente retrahido, dentro da suave penumbra que certa ordem de contemplativos tanto amam, vai Cesario Netto tecendo a aza de só! e oiro do seu invejavel talento literario.

E assim sóbe, cada vez mais, erecto e magnifico, á força exclusiva dos seus meritos, sem os ribombos dos cachoeirões que alardeiam o seu poder estrondando por entre o mysterio impressionante das mattas seculares; porém, como a agua mansa, como a agua clara, larga, azul e profunda, que vae dominando e crescendo sempre, na expansão natural e heroica da propria energia

* * *

Mas, já é chegado o momento de vos fallar do patrono desta cadeira.

Nasceu José Thomaz de Almeida da Serra aos 7 de Março de 1886, nesta cidade. Criado nos austeros costumes de alta moralidade, que aliás sempre caracterisaram os lares cuiabanos, tacteando ainda o seu temperamento, José Thomaz sentiu-se atrahido para o doce mysticismo dos altares.

Esta passagem romantica de sua vida, que o levou ao habito talar, encontra explicação na viva sensibilidade do poeta e na influencia penetrante e dominadora da doçura evangelica, sempre bôa e consoladora, principalmente a quem sente na consciencia o preludio das amarguras que o irão mais tarde assettear.

O coração, ao roçar a primeira nuvem, o impelliu brandamente para o seminario, onde, então, uma pleiade de rapazes plasmavam a sua cultura mental sob a esclarecida direcção do eximio latinista Padre Bento.

O bardo em botão, ouvindo as harmonias interiores, que lhe subiam do sub-sólo da consciencia, e que o deveriam sagrar, depois, um dos maiores poetas romanticos de nossa terra, procurou o alcandor do Bom Despacho para, mais á vontade, gozar a volupia dos seus soffrimentos.

Fôra como se a surdina de uma lyra ideal o chamasse.

José Thomaz, do lar, subiu para aquelle campanario que alli está, procurando, de balde, cumprir uma finalidade que não lhe deveria pertencer.

Parecia-lhe, talvez, que ao isolamento e ao perfume do incenso hypnotico, as janellas de sua alma se abriam de par em par, para receber em cheio, aos golfões, a luz e o aroma ideal que lhe faltavam.

Seria, então, no alto, na cupola do Santuario, o grande Mestrel da sua cidade natal e cantaria, como um rouxinol no pinheiro dos ramos, a canção embaladora do somno profundo em que se mergulhavam, cá em baixo, alta noite, as casas, as ruas, os quartéis e as palhoças...

Dentro do bojo de pedra daquelle monumento que alli está, em cuja crista a alma da religião catholica espalma as azas carinhosas e protectoras, na cruz maravilhosa, como uma sentinella alerta e vigilante, ao poeta pareceu que attingiria a culminancia dos seus destinos.

Naquelles paredões historicos, lançados como arcabouços de sonhos formidaveis, grossos e pesados, para que o edificio possa resistir á arremettida do tempo e dos inimigos, encerrára assim a vóz do cantar, abrigado á fonte perennal da poesia e da lenda.

A pedra das Igrejas são poemas heroicos: fala, canta, anima-se, espiritualisa-se, sob a mão do artista, dizia Michelet.

Mas, o capricho ironico dos fados arrancou-lhe o habito talar numa tarde languida, pouco antes de se ordenar, atirando-o para a caserna.

Tentou, debalde, no gesto irreflectido, abafar-lhe a vóz suavissima da lyra, mettendo-lhe, nas mãos fidalgas, o punho de uma espada de cadete.

Desceu, pensativo, José Thomaz o outeiro florido do Bom Despacho, descendo a ermida branca dos seus sonhos, cheia de volutas de incenso e de rosas, para envergar, desaprumado, a farda do militar.

Mais uma vez não ouvira bem claro a voz do seu destino.

Se o uivo profundo e unido das lamentações do velho organo do Seminario o havia enganado, enchendo-lhe o coração de torturas, a durindana mortifera cahiu-lhe, então, das mãos brancas e finas, com incomparavel repugnancia, tanto que, pouco depois a abandonou.

Eil-o, agora, na vida burocratica.

Attingiu, afinal, o cume da montanha esplendorosa.

Estava bem, embora na miseria.

Mas, que importa ao poeta verdadeiro o bolso vazio quando, refeito da fome, pode encher a alma da riqueza de todos os sons?

O poeta é um resoador: são antenas hypersensiveis captando todas as dores e todas as bellezas do mundo.

O mergulhador dextro, que descia ás profundezas esplendidas das odes de Horacio e voltava com as mãos cheias de gemmas e que, depois, montára guarda, ás noites gelidas de Junho, aos edificios do Thesouro Nacional, foi dar, finalmente, nos costados modestissimos de uma cadeira, como adjunto interino de professor de primeiras letras.

O rendimento, embora maior, não lhe chegava.

Foi, assim, o nosso poeta, forçado a procurar um outro poeireiro, de onde pudesse desferir seus cantos com mais confiança, logrando ser nomeado, a 31 de Julho de 1888, escrivão dos Feitos da Fazenda, mas, ainda assim, pouco allivio lhe trouxe á pobreza.

Sentir, em toda a sua exuberancia, os estímulos mais nobres e mais elevados do soffrimento, o coração a vibrar um rosario infinito de torturas, eis a organização desse cantor admiravel.

José Thomaz polarisava a sua dôr.

Em quasi todas as suas producções é ella a sua nota exaltada, a sua fuga, o seu motivo.

A melancolia é profunda e lembra a toada ancestral das cantigas da nossa raça.

O vate, abraçado á lyra, percorre toda a gamma da dôr e, instinctivamente, olhos fechados para fóra, numa introspecção suprema, arranca os thesouros da alma para nos offerecer.

Sentia. Era o artista perfeito. L'artiste est mediocre quand'il raisone au lieu de sentir, proclamou Le Bon.

Mas, senhores, para que vos fatigar com a apreciação deficiente de quem jamais meneou a critica, quando ainda cantam, em vossos ouvidos, a analyse magistral de Cesario Netto.

"A melancolia lhe fecunda o sonho e permanece como nota constante nos seus versos."

Interprete da vida nos seus aspectos sombrios, mediu-a e cantou-a pelo rythmo do seu coração.

Lyríco de começo nos madrigaes com que incensava a mulher, foi, aos poucos, descendo sobre a alvorada do seu amor, tarjas longas de melancolia, a gemer e a gemer...

Eil-o a florir em doce lyrismo:

Esquece esses idyllos innocentes
Balbuciados á luz d'argentea lua:
Quando meus labios soffregos, ardentes
Beijavam docemente a trança tua.

O sopro lyríco, tão leve e subtil sobe da ternura immensa do poeta e entra-nos a alma a dentro.

Aqui, é a graça e a espontaneidade:

Nesse retiro, morena,
Corre-te a vida serena,
Passas a rir, a brincar...
Tu és a magica fada,
desse vivente palmar.

Entre infantis alegrias
 Vão deslizando teus dias
 Sem sombra de dissabor...
 No seio da Natureza,
 Tu, alma é toda pureza,
 Toda-illusão, toda-amor!

Eil-o, afinal, quasi em extase:

Meu desejo? Era ser a luva branca
 Que essa tua gentil mãozinha aperta
 A Camelia que murcha no teu seio
 O anjo que, por te ver, do Céu desperta.

E' o reinado maravilhoso do Coração. Deixa-o fallar.

“ Je ne chante ni l'esperance
 Ni la gloire, ni le bonheur,
 Helas! pas meme la souffrence
 La bouche garde le silence.
 Pour écouter parler le cœur,
 exclamava Musset.

Senhores!

Depois desta estação florida, o grande cantor rumou a gondola para outras praias.

Desceu-lhe sobre a alma, a flôr melancolica das lamentações.

O sabiá dos nossos coqueiros recolhe a cabeça pensativa sob as azas e desfere, ao pôr do sol, os seus ultimos cantares. Romantico. Sim, e em todas as suas manifestações poeticas. Artista consciente, subjectivista, os seus versos, José Thomaz, os fazia com a naturalidade de uma corrente agua cantante...

Amou muito, por isso mesmo, soffreu muito.

Cumpriu a sua nobre missão na terra, espalhando a mãos-cheias as flores do seu estro, dando tudo o que possuía, numa abnegação quasi divina. “Nous sommes tous membres les uns des autres,” affirmou Uyers.

Morreu cêdo, quando lhe deveria chegar, como um sol a zenith, a mocidade em festa, cheia de fanfarras e clarins.

Cerrou os olhos a entrada melancolica do outomno, sentindo bem, nas primeiras folhas amarellas e tristes que cahiam do seio das arvores ainda cheias de seiva, sob o esplendor tropical dos nossos céos deslumbrantes, a sua propria vida torturada a extinguir-se.

Foi bem uma folha saccudida para o solo, quando pelo tronco verde e nos ramos viçosos, a harmonia da primavera cantava.

Morreu José Thomaz quando apenas tinha 23 annos de idade...

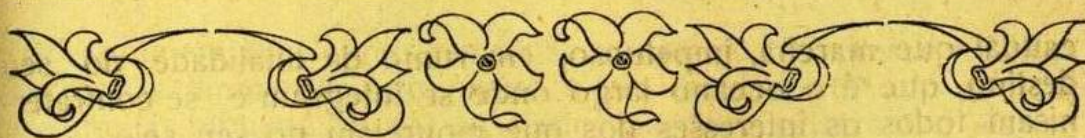


II

DISCURSO DE RECEPÇÃO

Pelo socio

Des. Palmyro Pimenta.



” Esta eminencia, sempre que nella assomo — e esta é a segunda vez que a attinjo — afigura-se-me tão alta que — como, em circumstancia analoga disse um eminente espirito — eu sinto, ao culminal-a, um como estonteamento de vertigem. E’ que, daqui, como de um pinaculo, o olhar alonga-se profundamente pelo Tempo e vê a estrada da vida, entre vastos horisontes, pontilhada de doces e suaves recordações. Nada mais bello, então, que evocar reminiscencias, porque, por mais atribulados que tenham sido os nossos dias de moço, quando evocamos os desalento do nosso espirito juvenil, a nossa alma como que se rejuvenesce e em cada lagrima de outrora transparece a pallidez de um sorriso

A cerimonia que hoje nos congrega neste recinto, onde fulgem os elementos mais representativos do escól cuiabano, não deve limitar-se a apparecer com a monotona physionomia das etiquetas officiaes. Representa alguma coisa mais. Marca mais uma etapa vencida pelo Centro Mattogrossense de Letras, pois, eis-nos de novo reunidos, neste instante, para entoar a saudação de boas vindas a mais um denodado batalhador que, de animo forte e sereno, vem cerrar fileiras em torro do mesmo ideal commum, a prol da realização dessa grande obra de solidariedade, trabalhada pelo entusiasmo de um grupo de moços entusiastas e que fez surgir um rythmo novo de fraternidade lançado no espaço e vibrar para logo a atmosphaera parada do ambiente cuiabano, repercutindo como as notas vibrantes de um toque a reunir.

O nosso Centro era ainda ha pouco somente um elevado ideal, grandioso e timido; simples filete d’agua brotado na monianha alta de uma aspiração collectiva. Oppunham-se-lhe á passagem os obstaculos do caminho — os calháus do scepticismo, os pedrouços do menoscabo, a aridez hostile da indiferença; mas transpondo barreiras, colleando difficuldades, avolumou-se pela convergencia de correntes affins, fez-se rio e hoje é este

caudal que marcha, impetuoso, em rumo da finalidade do seu destino, que é o oceano largo onde se integram e se confraternizam todos os interesses dos que mourejam no seu seio.

* *
*

Quem ingressa hoje, sobranceiro, os porticos do nosso Syllogeu, nest' hora de tão gratas emoções, não é um desconhecido, antes um companheiro que já devêra estar integrado ha muito tempo no nosso convívio.

Olegario Moreira de Barros, nascido a seis de Março de 1890 na formosa Corumbá, filho do fallecido Coronel Salvador Augusto Moreira e de D. Izabel de Barros Moreira, desde a sua auspiciosa mocidade sempre mostrou decidida vocação pelas letras. Desde os saudosos tempos do Collegio Salesiano onde compunha ternos madrigaes e inspirados e mimosos poemas em prosa e por onde se bacharelou em sciencias e letras em 1909 até em S. Paulo onde concluiu brilhantemente o seu curso de sciencias juridicas e sociaes em 1914. Após a sua brilhante formatura regressou ao seu Estado natal onde exerceu successivamente os cargos de Delegado de Policia da Capital, Procurador Fiscal do Thesouro Nacional, Adjunto do Procurador da Republica em Corumbá, Chefe de Policia, Promotor Publico, Director da Imprensa Official, Consultor Juridico e actualmente o de Procurador Geral do Estado. Durante o seu curso gymnasial e posteriormente á sua formatura em sciencias juridicas e sociaes collaborou nos jornaes "Cruzeiro", "Themis", "Diario de Corumbá", "A Cidade", "Tribuna", "Correio do Estado", "Republicano", e "O Democrata" e nas revistas "Matto-Grosso", "Nova Epoca", "Revista da Academia de Direito" e "Revista da Associação Commercial". A sua bagagem literaria que é de vulto se compõe de varias conferencias e discursos que se encontram prodigamente esparsos em jornaes desta Capital e de Corumbá.

Quereis vêr o seu estylo colorido e vivo de narrador, numa pagina impressionante e suggestiva, digna de figurar num livro de educação civica para exemplo e encorajamento da mocidade? Lêde commigo este trecho de um discurso por elle proferido em Corumbá, em 1919, na inauguração do monumento aos heroes da Retomada:

.....
" O inimigo implantara-se dominador. Do norte, sae a caravana cheia de fé, de sonho e de heroismo. Não lhe impede a marcha as vicissitudes variadas e tremendas da jornada. E' que acima de todas as angustias estava a imagem torturada da

Patria, que em resplendor espiritual aureolava. No recesso tropical das mattas immensas, enquanto a via lactea como um bando de estrellas biblicas, sorria, os clarins marciaes gritavam o alerta, temperando a alma guerreira desse punhado de bravos. Quanta modalidade nas representações mentaes daquella gente ao ouvir, no silencio da noite estrellada, o canto de guerra! Então, Corumbá, como uma sombra lacrimosa enche-lhes o coração. Por cima do casario meudo, cae, como um pranto do céu, a garôa branca de junho, amortalhando, como se fosse flores do martyrio, a fronte pudica da donzela. Em baixo, o Paraguay, geme e chora, lambe-lhe os pés como um cão fiél, protesta-lhe seu amparo e desce rolando as aguas mansas e largas, certo de que trará o reinado da paz para a sua linda sultana prisioneira. E o trouxe, senhores. Em 13 de junho de 67, o sol rutilo da alegria rebentou no estouro da ultima rajada de fusilaria. Os grillhões, partidos, tombaram, enquanto a nossa bandeira, espelhando o nosso heroismo, tatalava, cobrindo de benções o povo liberto.”

.....

Apraz-vos, antes, conhecel-o no seu amor á nossa natureza á portentosa e impressiva belleza da nossa vida rustica e campestre, fonte inspiradora de tanto heroismo e de tanta grandeza? Ouvi-lhe este trecho da oração proferida quando foi da inauguração da praça Antonio Corrêa, nesta cidade, em 1925:

.....

“Não raro, fugia levado pela saude, em busca dos prados viridentes da nossa natureza, que amava tanto na immensa poesia e simplicidade como os da nossa historia, perfumada de lendas e pontilhada de lances; e nessa fuga, desertando o aranhol da cidade, alma antiga á procura do bem que perdeu, ficava-se a relêr as verdades singelas como um tonico de que necessitasse o seu espirito. Quando voltava desses retiros, immersa a alma nesse ambiente de religiosa doçura, especie de ablução espiritual nos ermos purificadores da paz bucolica, parecia sentir-se ainda mais retemperado do seu immenso amor á liberdade, ás verdades basilares do regimen de que o municipio é cellula fecunda e substancial, concorrendo ambos, amor á liberdade e amor ao regimen, no traço fundamental do seu caracter de homem publico.”

.....

Preferis, ao invés, sondar no nosso recipiendario de hoje a fibra psychologica, a tendencia para o estudo dos grandes problemas moraes e sociaes que apaixonam o homem do pensamen-

to e fazem a tortura dos philosophos e politicos? Escutae este hymno á democracia e ao Bem, um topico da sua conferencia "O ideal da humanidade" feita em Corumbá em 1919:

«Para a remodelação dos costumes barbaros, que, como um cancro roaz, gangrenava o organismo social, onde se naufragou a ordem moral na libertinagem generalizada, sob o aspecto de festins bacchicos, é que surgiu esse brado de revolta, esse movimento salutar, a cuja frente se poz ha mil e tantos annos, um galileu chamado Jesus. A lucta contra a masmorra teve epopéas sublimes; e hoje, quando um olhar retrospectivo, a evocamos, descobrimos a frente respeitosa, como á passagem de heroes, e sentimos os olhos humidos de lagrimas vendo a interminavel procissão das victimas levantar-se do passado cheias de serena pureza de martyres das tyrannias».

Como orador, «sua elocuencia evita todos os elementos verbaes que não concorram para accelerar e reforçar a argumentação. Seus discursos visam sempre este fim: a utilidade immediata. O superfluo não é para elle mais indispensavel como o indispensavel, como para tantos sophistas da tribuna. Suscitar a admiração dos ouvintes nunca foi seu objectivo, e sim ir em linha recta a um resultado pratico. Detesta a vaidade das phrases inuteis e sabe empregar com a mesma desenvoltura mascula a idéa geral e o argumento particularista. Em suas reflexões a imagem pittoresca é ainda um recurso de argumentador ».

* * *

«De todas as formás de actividade que entre nós se deparam aos jovens intellectuaes, nenhuma como o jornalismo, para atrahil-os e enamoral-os, com o canto de sereia das vantagens que lhes promette. Mas, o jornalismo neste ponto igual a tudo, tem uma face boa e um lado máo—o classico verso e reverso de todas as medalhas. Como vehiculo de divulgação de um nome, é o mais rapido e completo. A desvantagem consiste na constante fadiga intellectual e no habito de escrever sem pensar muito, que são da vida da imprensa um corollario quasi fatal. Porque num jornal moderno tudo é immediato, é instantaneo, é febril. O publico é difficil de contentar, a clientela é exigente. E a noticia, a chronica, o suelto, tudo tem de ser feito á pressa, num afan incessante, emquanto *a fera* lá embaixo arfa e trepida reclamando a ração copiosa. Ha talento e muito, ás vezes, nessa especie

de literatura *à la minute*. Como as rosas, porem, morrem com o nascer do dia seguinte e como os meteoros passam, deixando um rastro de luz que dura segundos».

E, Olegario de Barros tem sido incontestavelmente um genuino jornalista na expressão mais justa do termo.

Meu novel confrade:

O louvor que aqui vos envia o Centro Mattogrossense de Letras posto que na desenfeitada phrase do seu modesto interprete é sincero, é calido, é effusivo. A copia de serviços que, effectivamente, podereis prestar ao nosso Centro é tão grande que só podel-a-ia medir pela vastidão oceanica do nosso programma de acção.

Honra vos seja, pois, tributada, porque vindes batalhar connosco pelo soerguimento da nossa cultura literaria.

*
*
*

Permitti, meus caros confrades, que antes de concluir esta despretenciosa oração eu vos faça esta exhortação:

« Elevemos, pois, bem alto a aspiração que hoje nos congrega nesta sala, para que os muros desta casa se dilatem, se ampliem e se transmudem em o grande lar que agasalhe todos os profissionaes das letras; unidos na fraternidade que solidarisa, na justiça que ampara, na sciencia que illumina, na fé que redime, alenta e inspira. Que extraordinaria messe não colherá Mattogrosso da acção systematisada de tantas energias que ora se volatilizam, da coordenação de tantos esforços dispersos, se os unir o principio orientador de uma finalidade unica!

« Contemplae o espectáculo das palmeiras solitarias, que, destacadas, erectas e esgalgas, irrompem de quando em quando nas campinas rasteiras, nas macéguas baixas, nos brejaes palustres: sem duvida, ha uma impressionante belleza na galhardia de seu porte, linhas rectas em demanda do azul, na ansia do infinito, orgulhosas da solitude, adejando ao vento as palmas verdes, onde poussa, rapida, a passarada, no remigio largo para as paragens acolhedoras. A sua fronde, minguada e alta, não agasalha os ninhos, não protege, não sombreia o gado de em torno; bellas e inuteis semelham no dizer de Affonso Arinos "velhos guerreiros petrificados em meio da peleja". Expressão magnifica de altivez e de autonomia, o isolamento as esteriliza e representam somente um traço decorativo na paysagem monotona das planicies crestadas e sáfaras.

Vêde, porem, em contraste, os robles gigantes que se irmanam e se abraçam na massa possante das florestas, na transfusão da seiva transbordante, as ramadas unidas para o beijo fecundo das corollas, amparando, protegendo a eclosão gloriosa da semente, tombada ao solo adubado pelas folhas mortas, mas que renascem na constante resurreição da arvore! A floresta é o triumpho da solidariedade, é a victoria da aproximação das especies, que, unidas, dominadoras, campeiam o terreno conquistado, cada vez mais fecundas e mais uteis. Agasalha e alimenta. Protege e vence. Fertilisa e purifica. Provoca as condensações atmosphericas, geradoras das chuvas, que humedecem e fecundam, quebrando o rigor do sol que abraza e incendeia. »

Felizes, meus confrades, fortes e triumphadoras são as sociedades que têm a unidade das florestas e extendem sobre a terra a caricia de sua sombra e o beneficio das suas utilidades. Agora que mais um companheiro denodado se vem juntar ás nossas fileiras para, juntos trabalharmos pela grandesa intellectual de nossa terra, compenetremo-nos da força do symbolo que exprime a cohesão da nossa associação, para que, relegando, de vez, como a figura do egoismo e da improductibilidade, a visão desolante e merencoria da palmeira solitaria dos desertos, nos congreguemos na união intima e indissoluel das florestas fecundas e bemfasejas.

Tenho dito.



Profissão de fé.

(para o meu Carlinhos)

Sê bom: simples, sincero, recto, justo.
Crê em Deus, na Justiça e na Verdade;
Pratica, com desvelo, a Caridade;
Ama a Virtude com respeito augusto.

Semeia o Bem e o Amôr, inda que, a custo,
Vinguem num sólo de esterilidade.
-- Não póde haver maior felicidade
Que a de vel-os crescer, como um arbusto.

Que teus actos, movidos com pureza
D'animo, sejam todos coherentes
Com os dictames de teu coração,

E sentirás o encanto da belleza
Das almas grandes e que -- indifferentes,
Pairam acima de toda ingratidão.

Castro Brasil

Imagem branca.

Como se bem te eu visse: a mesma, a tua
Imagem branca tão esbranquiçada
Pelo palôr suavissimo da lua...
Baixas á tela que arranquei do Nada.

Já teu encanto limpido fluctua
No quadro azul desta paixão sagrada;
—Primavera a vestir a terra nua...
—Não ha sem flôres uma só ramada!

De que serve eu ser Deus? Vontade e preces
Povoando o Nada?... crendo, crendo, crendo
Que te não vaes... e tu desapareces!

Que meu consolo é ver-te, a alma não crê:
—Tem-se saudade de quem se está vendo...
—Tem-se saudade de quem não se vê!

(9-930)

Octavio Cunha

Anima viva.

Onde estou não estou. Vivo partido.
Partido eu vivo em dous, por meu peccado...
—Aqui, meu corpo, ou morto ou sem sentido,
E alli, minh'alma em flor, viva, ao teu lado.

Larguei-te, morto mar, quasi bebido
Pelo areal que o sol tornou queimado...
Quando a alma vôa para o bem querido
O espaço, que cortou, vale um passado.

Um passado de fremito e de aneio...
Minh'alma é uma gaivota em lago morno,
Que me deixou em busca do teu seio!

Antes assim, amor, em que eu me fito:
—Nem teu olhar dos céos traça o contorno?
Nem minh'alma se perde no infinito!

10 — 930

Octavio Cunha

SOLITUDO.

*Nada me vem de ti! Já não me escreves,
Mandando um riso teu nos teus carinhos...
E o leito do meu sonho em sol, sem neves,
Parece um catre a se forrar de espinhos.*

*Ninho rolando pelo chão... Ai! debes
Saber que é triste o desmanchar dos ninhos...
E um dia, assim, dos nossos dias breves
Dá-me a funda saudade dos velhinhos!*

*Volve-se o coração para o passado,
Como elles fazem, — porque na velhice
O presente é um pão negro e amargurado.*

*Ter meu passado n'um presente mudo?
Não! — que tu' alma tudo não me disse...
Nem eu, do nosso amor, te disse tudo!*

(10 — 930)

Octavio Cunha

O Combate do Alegre

Ao imperterrito defensor da nossa Capital
Cel. Antonino Menna Gonçalves

dedico.

*Era tranquillo o rio S. Lourenço.
Fluiam suas aguas de mansinho;
Das margens se evolava olor intenso
E pelo espaço, tremulo, suspenso,
Sentia-se o gorgear do passarinho.*

*A exausta expedição que regressava
Victoriosa da lucta em Corumbá,
No Alegre — por prover-se — “carneava”
E episodios dizia a gente brava
Da forte pugna que renhira lá.*

*Em seis igarités, variolosos
Supportavam, stoicos, suas dores,
Na esperança de ver inda, ditosos,
A familia, o casal de tantos gozos
E a vida a lhes sorrir por entre flores.*

*Abaixo, o Jaurú parece enorme
Monstro d'agua num rio tão pequeno!
No Antonio João o fogo, preso, dorme,
Não se ouve o resfolgar, surdo, disforme,
Nem gargalha a bandeira no ar sereno.*

*Um brado, de repente — alerta! alerta!
Despertou, retumbando, o acampamento;
O fumo de um “vapor” qual vela aberta,
Do inimigo indicava a marcha certa
E o combate a travar-se num momento.*

*E' o Salto de Guaira que, possante,
Tem por fim abordar o Antonio João;
O canhoneio estronda retumbante,
Toda a mosquetaria sibilante
D'agua e da terra ecoam na amplidão.*

*Foi baldada a ousadia. Retrocede
Duas vezes, batido, em avarias!
Aborda o Jaurú que, fraco, cede;
Mas meia duzia que lá está procede
Como heroes das mais altas galerias!*

*Não passou sem castigo o atrevimento;
Antonio João, furioso, resfolgando,
Recebe nova gente num momento
E contra o vaso paraguayoy, attento,
Vae aos centos as balas despejando.*

*Foge o inimigo envergonhado, corre...
Não podendo o alcançar, numa investida,
Retoma o Jaurú que sangue escorre,
Sangue de quem pela bandeira morre,
Agradecido de perder a vida.*

*Caliope, José Luiz, João Luiz Pereira,
Menezes e outros bravos de valor,
Arrancando da espada a mão certa,
Foram goipes vibrando, de maneira
Que era mais que dantesco aquelle horror!*

*Depois d'aquella sanguinaria lucta,
Corpo a corpo travada, a fogo e ferro,
Cantou Diogo de alma resoluta,
As façanhas que o grupo, attento, escuta
E eu nestes versos pallidos encerro:*

" Foi Francisco Corrêa tão valente
Como o foi João da Costa e o foi Vieira:
Aquelle o commandante repellente
Matou de um golpe; este outro, nobremente
Matando, defendeu nossa bandeira.

Vencidos pelo numero, cansados,
Tiveram de baquear, os dois primeiros;
Eil-os mortos agora, ensanguentados,
Os olhos já sem luz, semicerrados
Morreram como grandes brasileiros.

Bem pouco durarei, pouco me resta
De sangue neste corpo mutilado,
Não morro descontente, a sina é esta
Do soldado que o seu valor attesta
Com a tinta do sangue derramado."

Terminada a eloquente narrativa,
Do Jaurú. o acampameato todo
Via Chiba arrancar da chaga viva,
O cinturão, que mais a dor aviva,
Que cingiu ao bater-se com denodo!

Foram muitos os bravos! Dentre os bravos
Mais se elevaram Costa e Balduino,
Que terrivel lição deram a ignavos
Servidores de Lopez — vis escravos —
Sem arbitrio, sem honra e sem destino!

Ja ia o Sol tombando sobre o occaso,
Leu-se um grande elogio entre ovações.
Pensando com pezar no triste caso,
Descia as aguas o inimigo vaso,
Levando as mais crueis recordações.

S. Antonio do Rio Abaixo - 29 - 12 - 930

A. Tolentino de Almeida.

LAGRIMA

*Lagrima, luz, pharol que mostra a escarpa
que a alma escalou na hora dolorida;
sangue que brota dessa dura farpa
que a feriu numa hora não sabida.*

*Gotta d'agua que as nossas dôres marca
quando vem pelas faces, na descida,
como um traço de amor, de phrases parca,
mas que por todos pôde ser ouvida.*

*E's tu, na limpidez da formatura,
a crystalização de uma ternura
que o coração deixou cahir na terra.*

*Lagrima, luz, pharol, és a tortura,
symbolizas a dôr da creatura
no sofrimento que nossa alma encerra!*

Henrique Soido

Do "JARDIM MYSTIGO"

Sonetos de José de Mesquita

Fé

Crer... Sua alma librar, na asa branca da prece,
por sobre este paul de miserias e dores...
Sentir que a vida é um sonho estranho que amanhece
na alvorada sem par de eternos resplendores.

Crer... E, crendo, domar a fera que enraivece
dentro de nós, em seus rugidos e furores...
Crer... Mystico laurel que n'alma se entretece,
os abrolhos crueis nos transfazendo em flores...

Ai de quem olha em roda e só vê o horizonte,
que não sabe sentir atravez da materia
e para o céu azul jamais ergueu a fronte !

Feliz quem póde ler do Infinito os arcanos,
do Sobrenatural na linguagem etherea,
e enxerga alem do véu dos sentidos humanos !

Esperança

Prelibação do Bem e unico Bem da vida,
és tú, meiga Esperança, amiga do vivente,
pois só tu sabes dar á alma desilludida
a illusão de um porvir mais bello que o presente.

Esperar é antever, posto que fementida,
a ventura a fulgir, entre o névoeiro ambiente,
como a aurora boreal nos gelos reflectida,
luz, calor, alegria, entre a noite lugente.

Esperança... Uma restea azul no céu coberto...
taboa de salvação entre o mar de tormenta...
oasis verde de paz na aridez do deserto...

Ditoso o que deseja um bem e não o alcança !
Feliz o que, soffrendo, ainda no peito alenta
a gloria de esperar contra toda a esperança !

Caridade

Abrir sua alma á dôr e ás tristezas alheias,
eis o maior prazer que ao ser humano é dado:
—ser fonte e a agua jorrar em sáfaras areias,
ser sol e a luz enviar ao pégo mais fechado.

Partir o coração, distribuil-o a mancheias
entre o misero, o só, o doente, o infortunado,
e na treva do egoismo em que—alma vil—tacteias
vêr o amor elevar o seu facho sagrado.

Distribuir sem reserva a toda a humanidade
o pão que a arca possui e a moeda que enche o cofre
e a palavra de paz e o consolo e a piedade!

E numa ansia de amor, num anhelos sem par,
as portas do seu lar abrindo ao igual que soffre,
dar tudo e lastimar não ter mais para dar!

(Outubro MCMXXX)

THEOS

Console-toi: tu ne me chercherois pas si tu ne m'avois trouvé.
(Pascal — Le Mystère de Jésus, II)

Ao Dr. Vicente Maurano

*Tudo o que vejo, sinto, ouço, tudo me fala
de Ti, que no teu ser condensas o Infinito.
Vejo-Te no esplendor da primavera em gala,
ouço-Te do tufão no horrisonante grito.*

*Dos seres percorrendo a vastíssima escala,
no Todo e em cada um vi o Teu nome escripto:
desde a tímida flôr que a alma em perfume exhala,
até as colossaes montanhas de arenito.*

*É quando, por fugir-Te, eu quis fugir ao mundo,
furtar-me á obsessão do Teu olhar profundo,
de que o dia é uma sombra, e a luz uma apparencia,*

*é que vi que jamais Te fôge algo que existe,
pois que Tu, como o sol no pego negro e triste,
és luz, perdão e amor, nas trevas da consciencia!*

MCMXXX

Jesus

Precisamos de ti, de ti só, de mais ninguém,

(G. Papini)

Como quando, ao espalmar da altiva aguia romana,
surgiste no presepio a encarnar a humildade,
hoje, mais do que nunca, immersa em sêde insana,
necessita de ti a pobre humanidade.

Na ansia do gozo e da ambição que o olhar empana,
como que se offuscára a espiritualidade.
A agua pura do amor que dos teus labios mana,
é a unica a saciar a febre que ora a invade.

O mundo quis viver sem ti e viu que a vida,
sem a tua palavra eterna que conforta,
é uma gleba maninha, esteril, resequida:

só tu tens o remedio ao seu mal, Nazareno!
volve ao mundo e farás que a humanidade morta
se erga, transfigurada, ao teu divino aceno.

MCMXXX

A morte do Christo

(Paraphrase de Molière)

Ao P. José Nunes Dias

Quando Jesus soffreu por toda a humankindade,
a morte aproximou-se, em meio do supplicio,
e interdicta se queda ao pé da Divindade,
não usando exercer sobre Elle o seu officio.

Cabisbaixo, o Senhor, todo affecto e piedade,
manda que ella complete o tremendo flagicio,
e, sem olhar siquer a sua majestade,
ultime, sem receio, o rude sacrificio.

A barbara obedece, e esse golpe execrado
faz Natura tremer e ao Sol lhe muda o aspecto,
qual si do mundo o termo houvesse ali chegado.

Tudo descora e freme, ar, terra, azul, oceano,
menos o peccador, que tem de pedra o peito,
na hora em que as pedras têm como que um pei-
to humano.

MCMXXIX

Mater dolorosa

De quanta invocação tendes, Virgem Senhora,
nenhuma é para mim mais doce e mais humana
que esta em que minha crença humilde vos exóra
sob o peso da dôr que nossa sorte irmana.

Ao triste coração que neste mundo chora,
em meio do soffrer, nesta peleja insana,
esse teu meigo olhar balsamo puro irrorra,
no pranto maternal que desse seio mana.

Nem da Gloria na auréola excelsa em que vos vejo,
Rosa do Paraizo, entre o celeste brilho,
de eolios córos gentis ao dulcissimo harpejo,

me é tão grato vos ver, ó minha Mãe amada,
como aqui, junto á cruz do vosso grande filho,
das espadas da dôr vossa alma traspassada!

MCMXXVII

S. Francisco de Assis

(no 7º centenario da sua morte)

Ao P. Romualdo Lettieri

Trovador que viveste a exaltar a belleza
do Senhor, através das suas creaturas,
mystico menestrel, cuja lyra retesa
vibrou mesmo da dôr nas supremas agruras;

tu que, como ninguem, amaste a natureza,
e a soubeste cantar em estrophes tão puras,
que por irmãos tiveste a Alegria e a Pobreza,
e o Sol, e a Lua, e a Terra e os Astros das alturas;

sobre o mundo carnal, torpe, vil e mesquinho,
estende, qual um manto alvissimo de arminho,
—flôr do desprendimento e da paz a tua alma!

Tal, nos valles da Umbria, ás horas do transmonte,
soltavas tua voz enchendo o amplo horizonte,
do extase desse amor que os corações acalma...

MCMXXVI

**SESSÃO SOLEMNE DE RECE-
PÇÃO EM 13 DE DEZEMBRO
DE 1930**

I

Discurso de posse pelo prof. Francisco Mendes



Exm^o. Sr. Representante do Governo do Estado

Exm^o. Sr. Representante de S. Ex^a. Rev^{ma}. Sr. Arcebispo.

Exm^{as}. Senhoras.

Exm^{os}. Senhores:

Occasiões ha em que o homem, mirando-se no espelho da propria alma, vê o peso da responsabilidade que assumiu perante a sociedade, e mede o valor de suas forças.

E se lhe fallecem resignação e coragem necessarias para affrontar e vencer nessa contingencia baquea e tomba; mas, se se arma com fé e perseverança, lucha e vence.

E' o que se afigura neste momento com quem, ao assomar esta eminencia, como do cimo d'um pinaculo, vê dilatar-se diante de si a extensão interminada de longa caminhada para a conquista da terra promettida que lhe sorri e que lhe não será dado alcançar.

Houve um dia em que, fugindo a quietude do meu sertão na poetica terra diamantinense, para aqui me dirigi na ansia insofrida de alimentar o espirito, na doce convivencia do lar paterno.

Foi isto, nos fins do glorioso anno de 1922, quando a minh'alma de 23 annos, embalava-se então nos sonhos risonhos do porvir, que de tão perto falam á alma e ao coração.

José de Mesquita, á frente d'uma pleiade de jovens, fervorosos pelo culto á Patria, haviam fundado nesta capital o "Centro Mattogrossense de Letras," triumphando do pessimismo trahiçoeiro, que ameaçava vicejar, qual arvore do mal, no jardim sacrosanto da

virtude e da esperança no coração da mocidade matogrossense.

E aquelle grande amigo, que desde os bancos collegiaes conhece o sentimento que me guia a alma, julgou n'um gesto de excessiva benevolencia, poder aproveitar-me para a sociedade, e quiz que o meu humilde nome figurasse entre os illustres que ornamentam a galeria dos socios correspondentes da novel aggremação.

Houve, porém, um criterio judicioso, que julgou prudentemente aguardar que alguma collaboração da minha penna, viesse justificar a escolha do meu nome, para o cenaculo augusto da intellectualidade patricia.

Regressei para o meu sertão.

Parti em busca da solidão, refugiando ao bulicio da vida, no seio da natureza.

Novembro expirava por entre as ardentias da canicula abrazadora.

A fióra sertaneja, rebentava explodindo em viço de verdura e o vento cantarolava docemente, levando no espaço cheio de harmonias, o suavissimo, subtil aroma tão peculiar á natureza da nossa terra extremecida.

Os velludeiros brancos, em profusão de cachos, semelhavam grinaldas coroando a manifestação chlophiliana da pujante selva do norte mottogrossense, desse norte invejavel, onde a tradição historica da querida Patria brasileira encontra paginas de heroismo, suggestivas e deslumadoras que dizem claro da alma, da honra e do caracter dos filhos de Matto-Grosso.

Por todos os recantos da grande matta, o "sassa-fraz" embalsamava o ar, e a canção ornithologica, harmonisava em côro de hosanas, bendizendo a natureza procreadora, que despertava sorridente, communicando a vida a tudo, numa expansão magnificente de encan-

to, que se diria uma maravilha portentosa da criação. — Flaubert, o genial escriptor, que a Academia Franceza consagrou dissera: «ha trechos da natureza tão bellos que a gente tem a vontade de apertal-os, bem junto ao coração.»

Sertão do Arinos! O caudal desliza serpeando em direcção ao norte, qual enorme véo, que as auras matutinas agitam docemente.

A matta farfalha solennemente; a machadinha do destemeroso seringueiro, ainda encorajado, com esperança de recompensa do seu labor insano, castiga os troncos donde sangra a seiva fecunda da seringueira rica.

De a espaço a espaço ouve-se a onomatopéa dos urutáus nas quebradas da grande serra. Mas, quebrando essa scena nostalgica, o rude seringueiro na labuta, estribilha a canção amorosa, espargindo saudades por entre os troncos mudos da veneravel selva.

Subito acode-me a mente aquella pagina de Sylvio Romero no descrever a grandeza do sertão do meu Brasil:

«Ninguem imagina, como eu quero bem a isto, como ach) isto bonito! Este sól que não se cança de nos dar belleza e fartura e dengue ás nossas mulheres, palavra que ás vezes, tenho vontade de o adorar, porque é verdadeiramente um deus. Nós não prestamos para nada. Qual literatura! Toda essa versalhada que por ahi anda, não vale o canto de um boiadeiro. Se voces querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por ahi, por esses rincões, passem uma noite num rancho, á beira do fogo, entre violeiros ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantador sertanejo, um desses caboclos destorcidos, de alpercatas e cha péo de couro e peçam-lhe uma cantiga. Então, sim.

Poesia é no povo. Eu criei-me na largueza livre, correndo campinas, varando cerrados, comendo o que

me offereciam as arvores, bebendo nas fontes vivas e quando o calor abafava, despia-me, pendurava a roupa num galho e atirava-me n'água, nadando contra a corrente. Poesia para mim, é agua em que se refresca a alma e esses versinhos que por ahi andam, muito medidos, podem ser agua, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete inglez e esponja. Eu, para mim, quero aguas fartas — rio que corra ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa, e eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao só!»

Enlevado nesse sublime pensamento, naquelles rincões remotos, no descanso da lucta, enquanto a candeia de azeite bruxoleava, em torno da qual voejavam libellulas e mil orthopteros, num crepitaculo metalico de elytros, ouvindo perto a nenia dos passaros agouzeiros da cren-dice sertaneja, o rumorejar das frondes e o murmúrio da torrente, escrevi o meu humilde trabalho—« No pouso,» em que procurei traduzir a poesia incomparavel do sertão; trabalho esse, que mereceu por uma grande deferencia do genio fulgurante e grande magnanimidade do coração do festejado poeta José de Mesquita, ser estampado nas paginas da revista do Centro.

Louvando a pureza do sertão, longe estava de prever que seria essa a ultima vez que pisaria aquelles recantos magnificos da minha terra que estremeço e pela qual o meu peito pulsa, sem medir sacrificios, para vê-la engrandecida e prospera.

A trahiçoeira *anophelina*, havia sorrateiramente injectado em minhas veias, o *virus* terrivel que sacrifica vidas e que extermina o paludismo.

E o mal, minando progressivamente o meu organismo, obrigara-me a procurar recursos da sciencia nesta cidade, d'onde, a conselho de illustre facultativo amigo, nunca mais me foi dado voltar ao seio querido do meu sertão. Longe embora, continuei pela im-

prensa, a cantar a poesia inimitavel, a riqueza sem par do meu sertão nortista, e assim, abriram-se-me as portas do Centro Mattogrossense de Letras, cujos humbraes, com passos incertos, abordoado a égide da benevolencia da illustrada intellectualidade de minha terra hoje tranponho, titubeante embora, mas cheio de fé e de esperanza, e com ufania, pois que, esta honra que me cabe neste momento, não é minha unicamente, mas é a glorificação do meu norte, cuja poesia está na vida livre, nas passifloras magnificas, nas campinas maravilhosas, na matta veneranda.

Mas, senhores, se me deixo levar pelo enlevo que a reminiscencia da minha vida passada nas entranhas do sertão, me traz a mente, descrevendo em rapido raconto o historico dos meus dias saudosos, equivaleria isto a passar o tempo sem referendar como me cumpre, aquelle cujo nome fulgurante, é o patrono da cadeira que, immerecidamente venho ocupar neste areopago da sciencia, entre os mais renomados expoentes da cultura mattogrossense.

Esta Academia belletrista, desde os primordios da sua fundação, sagrou o nome aureolado do festejado poeta patricio D.^r Augusto Cavalcanti de Mello, para ocupar a cadeira n.º9, que tem por patrono, o nome altamente significativo do saudoso e illustrado cuiabano, que foi o D.^r Joaquim Mendes Malheiros.

Belletrista aprimorado, o Dr. Cavalcanti de Mello, soube honrar o posto que lhe foi confiado, e as paginas da revista do Centro, enriqueceram com as colaborações esmeradas da sua penna fulgurante. Talento de escól, escoreito no trato, em virtude de dispositivo regimentar, viu-se esta Academia privada do seu concurso efficiente como socio effectivo, passando a figurar como socio correspondente.

Em virtude dessa disposições, vaga a cadeira em apreço, cou-be-me, por um suffragio unanime, o que mui-

to me honra e desvanece, a escolha do meu nome para substituir o Dr. Cavalcanti de Mello nesta Academia de Letras. E essa escolha, fructo da bondade dos illustrados conterraneos, que formam esta pujante aggremação belletrista, está a contrastar lastimavelmente com a solennidade desta tertulia, pois, entre o substituto e o substituido, não pode haver parallelo.

Mas, se me fallece talento, essa rarissima dadiua de Deus, sobra-me entretanto boa vontade, e, se não sae obra de artifice, é que minha arte de lapidar está longe ainda de attingir a perfeição.

Não me leva a pretensão, de fazer neste momento, um estudo completo da biographia daquelle que tenho por patrono, mas, apenas, um esboço biographico, pois, para um serviço completo demandaria tempo e cuidado. — Nasceu o Dr. Joaquim Mendes Malheiros, nesta cidade de Cuiabá, ha precisamente um seculo atraz, á 30 de Março de 1830, e foram seus paes Joaquim Mendes Malheiros e D. Maria Magdalena de Mesquita. Desde cedo, partira desta cidade que estremecia, em busca de outro centro, onde em ambiente mais vasto e culto, pudesse dar largas á sua intelligencia, porque, desde menino sentira pronunciado pendor para a judicatura; e escolhera S. Paulo. a terra onde formaria o seu espirito, que desabrochava então, ao calor primaveril dos seus primeiros annos de mocidade.

Em 1852, graduou-se em leis pela Faculdade de Direito de S. Paulo, e eil-o de volta á terra do berço, trazendo na fronte ufana, o galardão, symbol da recompensa ao merito, após as vigalias passadas, os sobressaltos naturaes, que assalteiam o estudante nos momentos imprevistos por entre os bancos academicos. Estudante, revelou a sua intelligencia, sobresaheindo-se entre os seus collegas como orador, pois a sua palavra eloquente impulsionava, arrebatava. Almeida Nogueira, nas suas «Tradições e Reminiscencias» da Faculdade de Direito de S. Pau-

lo, refere-se a Joaquim Mendes Malheiros nestes termos: — Estatura mediana tez merena escura, cabellos crespos, figura varonil. Temperamento communicativo e jovial. Era dado a musica e fazia serenatas com Joaquim da Cruz. Elle tocava violão; o Cruz, flauta. Afecçãoava-se á pintura e não era inhabil no desenho. Até bem pouco tempo a familia do Dr. Escobar possuia um esplendido quadro — a cabeça de Christo — da palheta de Malheiros.

Tambem gostava de esgrima e tinha como companheiros e adversarios nesse *sport* o Chico Gomide, o Francisco Bueno (mais tarde Visconde da Cunha Bueno), o Gil, o Porfirio de Lima e o Benicio, todos, como elle, moços valentes e bons cacetistas.

Morava na rua das Flores, na casa da familia Munhoz, numa sala da frente. Talentoso e bom estudante.

Era convidado algumas vezes pelo director da Academia para, em substituição, leccionar no Curso Anexo e mesmo examinar em mesas de Geographia e Historia.

Constam-nos delle duas anedoctas:

O Dr. Malheiros tinha, como dissemos, pronunciado amor a estudo das linguas: era mesmo polyglotta. A esse pendor reunia elle ardente culto, platonico talvez, á esthetica humana. Uma vez, no Rio, em trajecto num *bond*, admirava a extranha belleza de uma senhorita loura, que ao lado de senhora mais edosa occupava o banco immediato na frente. Impressionada com a insistencia daquelles olhos, que a fitavam, dirigiu-se a menina, em allemão, á outra senhora: — *Mamã wer ist doch nur der alte mulatte, der mich auf diese weise anklotzt? Was wird er wollen?*

(Mamãi quem será este mulato velho que me está cravando os olhos desta maneira? Que quererá elle?)

A senhora mais edosa respondeu-lhe no mesmo i-

dioma: — *Was weiss ich, meine Tochter!... Er sieht nicht schlecht aus.* (Sei lá, minha filha!?... Elle não parece mau sujeito).

Intervindo nesse dialogo, o Dr. Malheiros, com surpresa das interlocutoras, atalhou em puro allemão: — *Meine Damen, wollen sie mich gütigst euts chuldigen—Ich beir der Doktor Malheiros, professor na der Militarschule. Ich bervumdere thatsachilich die ausserordentllliche, Schönheit des fauleins. Verzeihen sie mir, wenn ich sie damit beleidight sabe.*

(Minhas senhoras, queiram perdoar-me. Sou o Dr. Malheiros, professor na Escola Militar.

Estou realmente admirando a extraordinaria belleza aqui da senhorita. Perdão, se com isto as offendo)

Era Malheiros, por afinidade, semelhança de temperamento e até pela predilecção de ambos por estudos philologicos, amigo affectuoso de Gaspar da Silveira Martins.

Uma vez, muito antes de sonhar com a eventualidade de vir a ter assento nos conselhos da Corôa, estando o fogoso democrata gaúcho a esbravejar contra o imperador e a escarnecer das "*librés* dos ministros," disse lhe o amigo:

— Olhe, Gaspar, não fale assim. Hei de ainda vê-lo, ministro do Imperio...

— Celeste?

— Não, do Brazil. E, se isto acontecer, que é que V. me dará?

— Uma cadeira de deputado.

— Fica registrado! — acudiu Malheiros.

Poucos mezes depois, com a subida do gabinete Sinimbú, era chamado Silveira Martins a gerir a pasta de ministro da fazenda.

Uma das primeiras visitas, que recebeu, foi a do Malheiros.

— Venho trazer as minhas saudações ao conselheiro ministro do imperador.

— Muito agradecido ao futuro deputado por Matto Grosso — foi a resposta de Gaspar Martins.

E cumpriu-se o vaticínio.

Em sua terra natal, dedicara-se à magistratura, porém, quasi todos os seus actos perderam-se na treva do esquecimento. Infelizmente, muitas vezes, é a sorte que têm os bons sentimentos, as boas virtudes, as boas obras — serem relegadas para o nada, perdendo-se no abysmo cavado pela voragem do tempo.

Entretanto, com Juiz Municipal do termo desta cidade de Cuiabá, soffrera em 1857, um attentado, por haver proferido uma sentença condemnatoria contra um accusado em crime inafiançavel.

Consociara-se em 1856, a 19 de Novembro, com D. Isabel Alexandrina Malheiros Leite Falcão.

Mas, para que se tenha a feição do ohmem, oiçamol-o pela leitura d'uma de suas cartas endereçadas ao eminente Arcebispo de Cuiabá, D. José Antonio dos Reis, seu grande e infatigavel amigo, escripta do Rio de Janeiro a 20 de Março de 1859.

« Exmo. e Rvmo. Snr. Bispo

Tenho presente os estimadissimos favores de V. Excia. de 3 de Novembro e 1º de Janeiro. Agradeço tantas expressões e tão irrefragaveis provas de estima.

Quanto a mim, não faço mais do que o meu imprescriptivel dever de retribuir com a minha sincera affeição, o tanto que a V. Excia. devo de bondade e delicadissimas attencões. Muito folgarei se na que V. Excia. me dirigir, depois desta e em todas as outras, vier eu ao conhecimento, que V. Excia. e toda a sua casa gosão de perfeita saúde, e mesmo que, nem os pequenos incomodos atrapalhão á V. Excia. no seu

grandioso pensamento do Seminario.

Só o futuro mostrará cabalmente os inumeros beneficios que V. Excia. vae fazer e já está fazendo, não só á Provincia como ao Imperio, com a fundação desse Seminario, que será o primeiro grande fóco, donde dimanar luz benefica, clara e civilisadora para a nossa misera provincia

Melhor do que eu V. Excia sabe como vae mal o mundo, que necessita duma regeneração; a terra cansada, ha mister ser revolvida em todos os sentidos pelo fundo dente do arado e depois, adubada para pagar com vigorosos productos, os suores que primeiro que as chuvas lhe humedecerão o seio. A sociedade de hoje, é uma terra cansada, esteril, ingrata. Apenas ideias politicas e commerciaes, nella são semeadas e ahi produzem enfesados arbustos, cujos fructos, em nada differem dos nascidos ás bordas do Asphaltite. As grandes arvores, isto é, de grandiosa apparencia, apenas resistem a um raio que as racha do cimo ás raizes e as prostra esgalhadas e despedaçadas; não são por certo cedros de Libano, em quem raios, gelos e tempestades, passam com respeito ou impotentes».

Exmos. Senhores !

Neste trecho de carta, a sua alma deixa transbordar com effusão, todo o sentimento que a norteava, quando se lançaram nesta cidade, ha 71 annos atraz, os alicerces sobre que se assenta hoje o magnifico edificio do Seminario da Conceição, sobre o verde morro da Prainha. Naquella época, já a terra, a sociedade, sentia-se cansada e esteril, pois as sementes que nella eram lançadas, produziam arbustos enfesados, cujos fructos eram eivados de pessimismo, de descrença, e a nossa querida Patria lutava a braços contra os tentaculos do polvo nefasto--a. politicalha --, que naquella época, como

mais adiante, em outro topico asseverava o illustre misivista a quem me refiro, era de servilismo abjecto

— Mas, prosigamos na leitura, para que continueis a ouvir, no seu estylo, o proprio homem:

« A politica de hoje, não pode operar essa regeneração, porque ella não tem convicção, não crê, não tem fé.

Essa gloria ha de ser da religião. Mas, sob pena de tudo volver a peor, esses sacerdotes hão de purificar-se na pia lustral da Sapiencia. . . » porquer a sciencia bem assente, dá o conhecimento pleno do homem, inspira a verdadeira tolerancia para com suas innatas paixões e ordena o perdão de muitos desvios.

O padre, sabio conhecedor do homem, da sua historia, de suas transformações nos seculos, de suas mudanças, eis o maior, o unico elemento duma victoria certa, ainda que custosa, contra a depravação e a corrupção que nos vae assimilando á Roma dos ultimos imperadores. O merito de V. Excia. está nos esforços para polir e endireitar essa alavanca secular da civilisação — o clero — que V. Excia. sabe tão bem, como vae hoje geralmente abaixo da sua missão. Mas . . . bem impolido tenho estado em lêr assim tão mal a cartilha ao mestre: desculpe-me V. Excia » .

Vede, Senhores, como neste topico, deixa transparecer a sua fé, a sua crença em Deus e na religião, que elle reputava capaz da regeneração dos costumes publicos que naquella época então, marchavam em desregramentos compromettedores da sociedade e da propria Patria.

E mais adiante, ao fazer referencia directa á politica do seu tempo dizia:

« De politica, isto aqui vai de mal a peor — *Omnia serviliter pro dominatione* é a divisa invariavel de todos os paladinos das pastas. As reformas ultimas das Secretarias, crearão novos e pesados consumidores da ren-

da publica—só para satisfação de pedidos, de afilhados, etc...

A fonte unica de nossa riqueza — a agricultura — está ao desamparo, nem disso cura o governo. Vae tudo por tal arte que em todas as boccas, está a palavra revolução. Se ella virá não sei; se só ella pode acabar com tal estado de coisas, — a continuação assim digo eu e dizem todos que sim.

Senhores! O seu espirito revelava-se manifestamente favoravel, á revolução, como unica forma capaz de reivindicar os direitos opprimidos, conspurcados pela bastardia de meia duzia de patrioteiros daquella época que só pensavam em crear pesados tributos para a terra, espesinhando o povo, deixando ao abandono a agricultura, fonte principal da riqueza e economia de nossa terra, entregue aos desvários de politiqueiros sem ideas.

E desde aquelle tempo, o nosso povo sabia manifestar se, sabia lançar mãos dos recursos necessarios para desopprimir-se, para salvar a patria, da ganacia de filhos que, longe de engrandecel-a, amesquinhavam-na, esquecidos do dever sacrosanto que é o dever filial, que em toda a emergencia deve sobrepairar acima de quaes quer interesses particulares. Mas, senhores, tempo é de dar remate aqui ao ligeiro perfil moral em bosquejo apenas do illustrado e querido filho que, tão bem amou este pedaço da querida terra, dedicando-se com affecto nunca desmentido, toda a sua energia, durante o pouco tempo que aqui consagrou a sua actividade, a prol do engrandecimento da zona norte de Matto Grosso pois, em 1870, fundára, no Sepotuba, uma pequena fazenda, e iniciara-se no mister de cultivar a terra, desbravando-a, explorando a industria da *poaya*, esse arbusto, riqueza de nossa terra que

tanto tem despertado a cubiça dos nossos industriaes.

E regressando ao Rio de Janeiro, dedicara-se ao magisterio, preparando o espirito da mocidade brasileira da Escola Militar, e do Collegio Pedro II para a formação d'uma patria robusta, de esperança e de grandeza, de respeito e de veneração.

E pois, senhores, seguindo o exemplo do illustrado e dilecto filho de Matto-Grosso que óra panegyrizo, foi sempre e será sempre minha ardente aspiração, trabalhar pelo engrandecimento da zona norte do meu querido Estado, integrando-a na comunhão patriótica de nobres e alevantados ideaes, para grandeza de minha estremecida Patria.

E se nada tenho feito até o presente, é que minhas forças têm sido impotentes, para vencer os obstaculos, os revezes que se me têm antolhado, porém, nunca olvidei esse dever de filho estremoso.

Educado por um espirito que em minha terra sempre cultuou a justiça, espirito que nunca se afastou da trajetoria rectilinea do direito, o auctor dos meus dias aprendi a amar minha terra naquillo que ha de mais puro, de mais digno, de mais nobre e altruistico, o sentimento da fraternidade, esteio sobre que se edifica a grandeza d'uma nacionalidade, a felicidade d'uma patria ideal.

E é para Diamantino, para esse rincão esquecido do grande Matto-Grosso, terra ideal dos meus amores sob cujos encantos quero viver, haurindo a magnificante brisa embalsamado de subtis perfumes; sentindo as vibrações das maravilhosas catadupas que echôam unisonas, reclamar pelo trabalho; é por essa estremecida porção da minha Patria, que possui as riquezas invejaveis d'um paiz, que peço a Deus engrandecel-a, como ao seu sertão uberrimo, guarnecido de rios que

se deslisam em serena paz, aformoseando-a e enriquecendo-a.

Que o céu purissimo, que como um manto de cobalto, agasalha a terra diamantinense, espargindo flores, por entre bençãos e graças, derrame como chuvas de estrellas, felicidades mil para um futuro grandioso, da terra dos meus ideaes, berço dos meus sonhos.



II

DISCURSO DE RECEPÇÃO

Pelo socio

Dr. Oscarino Ramos.



Exmo Sr. C^{el.} Interventor Federal
Exmo Sr. Arcebispo D. Aquino Corrêa
Minhas senhoras
Meus senhores

Sr. Prof. Francisco Ferreira Mendes:

Quando em 25, por um dia de Abril, cheguei a Rosario Oeste para assumir o cargo de Juiz de Direito, ja vos encontrei naquella boa terra, entre aquella boa gente, no vosso nobre mister de educador. Ali estivemos largo tempo: vós na direcção do Grupo Escolar e, eu, na direcção dos negocios judicarios da comarca. Ali segui os vossos passos na gestão da casa de ensino a vós confiada. E bem me lembro ainda do alvoroço patriótico que agitou o meu espirito quando da primeira visita que fiz a esse estabelecimento publico, alvoroço que deixei gravado, com minhas proprias mãos, no livro destinado as impressões dos visitantes.

Tempo depois, em Janeiro deste anno, novamente nos encontramos em Poconé: dirigieis o Grupo Escolar daquella cidade e eu chegava para assumir as minhas novas funcções de Juiz. Naquella terra onde, muitas vezes, accudiram ao meu espirito as suas glorias passadas, onde, muitas vezes, no meu isolamento, eu como via e ouvia o raspão das patas de cavallos nas lajes das ruas conduzindo cavalleiros destemerosos e agitando as plumas dos velhos chefes poconeanos nas gloriosas arrancadas civicas, ali, ainda o destino nós irmanou para o sagrado sacrificio de servirmos ao nosso Estado. No arduo desempenho do meu cargo ainda pu-

de acompanhar o vosso desvelo pela instrucção naquella localidade.

Emfim, eis que nós nos encontramos ora aqui nesta Capital, depois de, por muito tempo, rondarmos as suas portas, no desempenho das mesmas funcções: vós na vossa cathedra de professor e eu na minha de Juiz.

Dahi, dessa afinidade das nossas funcções, talvez, a determinação que recebi do nosso caro e preclaro Presidente para vos saudar nesta noite de galas, neste ambiente saturado da mais fina espiritualidade, com as minhas palavras, pobres e ephemeras, como a labareda que erra á flor dos nossos macegaes pelo tempo das queimadas.

Dahi, talvez, a escolha do juiz para saudar ao professor que transpõe, agora, o portico do nosso Centro, porque, entre a funcção de julgar e a de educar ha uma grande e palpavel afinidade. São duas parallelas que correm para o mesmo destino. São dois rios que desaguam na mesma foz. São d'is sacerdocios iguaes. Si o juiz, vivendo no tumulto da vida moderna, com o cerebro solicita do por problemas de toda sorte, raciocinando logica e scientificamente, é um torturado pelas suas tremendas responsabilidades; o professor, no seu grandioso officio, trabalha, despercebidamente, a mais das vezes, abdicando tudo como aquelle, somente para cumprir o compromisso que assumiu para com a Patria. Porque só ella recebe os beneficios dos que renunciaram tudo para servir a.

O professor instruindo os cerebros infantis e o juiz assegurando os direitos dos seus concidadãos, são factores da grandeza de um Paiz; mas, em lhe faltando a justiça e a instrucção, no concerto de outros seus irmãos, nada será.

Dahi, Sr. Prof. Francisco Mendes, a satisfação com que recebi a incumbencia de vos saudar, hoje, quando é chegado o momento de assentardes ao nosso lado,

trazendo as credenciaes do vosso apostolado civico e o concurso da vossa festejada penna de escriptor.

Bella mocidade a vossa! Espirito voltado para as graves locubrações do vosso cargo, elle não póde, entretanto, sopitar os seus delicados pendores e se embebe na contemplação dos panoramas faceiros da nossa terra. Filho de Cuiabá, com raizes que se estendem até às margens do Ribeirão do Ouro, a vossa penna não se cança de louvar a terra mãe, e este Norte todo, despovoado e desamparado.

Sois um admiravel filmador das nossas paizagens e da nossa vida cabocla. A vossa estirpe de escriptor é aquella mesma de Franklin Tavora e Bernardo Guimarães, Alencar e Arinos, de Alcides Maia e Raymundo Moraes e, para falar dos nossos: de D. Aquino e José de Mesquita, sem olvidar do vosso irmão Lamartine Mendes, nosso querido companheiro de lutas que, longe embora, não se esquece das nossas serras e dos nossos pantanaes.

Matto-Grosso é um mundo.

Grande na sua extensão territorial, grande em suas riquezas naturaes, elle precisa ser grande, tambem, pela cultura e intelligencia de seus filhos.

Ahi estão, adormecidos, os seus mananciaes esperando a hora dynamica do seu exsurgir.

A pleiade a qual ora pertenceis precisa crescer, expandir-se para cantar em poema e prosa os gabos da terra moça e dadivosa.

Precisamos mostrar que Matto-Grosso não é somente as riquezas do Sul com as suas campanhas opulentas, cruzadas, de quando em vez, pelos arriveños e peledores de vida aventurosa, das fazendas com galpões em cujo pés rolam, suaves, as sangas e arroios de aguas limpidas. Que Matto-Grosso não é so-

mente os heruaes povoados do rumor festivo das carretas encarnadas.

Mas é ainda os garimpos onde a coruscação das gemmas preciosas offusca de cubiça os olhos do homem audaz que lhe mette as mãos nas entranhas.

Que é este Norte onde nascemos á sombra das ermidas brancas e humildes, das mattas perfumadas de baunilha e dos pantanaes. Norte de onde partem para os seringaes longinquos e em busca da poaia os novos e obscuros sertanistas, tendo como unica bussola, a *papa — ceia* e as *sete irmãs*, no ceu.

Que é este Norte de proeiros e zingadores, de folgadores e violeiros que, nos seus descantes, á hora da partida, da sua amada, so querem um aperto de mão.

Por isso, Sr. Prof. Francisco Mendes, é com effusão d'alma que eu vos recebo em nome do Centro Mattogrossense de Letras ao tomardes assento na cadeira nº 9 cujo patrono é o immortal «Joaquim Mendes Malheiros».

Sei dos vossos alevantados propositos em pról do nosso Norte, da vossa dedicação pela nossa terra e por isso estou certo, o vosso concurso será efficaz em nossa officina onde cultuamos os proceres da nossa cultura e procuramos a gra deza de Matto Grosso pela dilatação das suas raias intellectuaes que outra coisa não, é, senão propugnarmos pela grandeza da nossa Patria.

Sêde bemvindo.



A QUEIMADA

Agosto. No céu plumbeo e sereno
Que tanto me recorda o tempo de creança,
As bandas que nasci,
Ha qualquer cousa de mystica apparencia
Como se alguém a incensar estivesse
De mystico perfume o ambiente.

De quando emvez, no entanto,
Lá vem uma fuligem
Que a mansa brisa agita
Como quér,
E fôge si a buscamos,
Ou chega si fugimos,
Como si algo tivesse da Mulher.
Vem de bem longe, ás vezes,
De lá do campo onde a escuridão da Noite
Melhor esculpe de ouro a flamma da voragem,
E onde o avestruz na lympha que serpeia
Córre veloz e embebe as frouxas pennas
Para o aceiro do estremado ninho,
É o GUARÁ da penumbra do arvoredo
Grita no descampado,
Attonito de medo olhando p'ro Infinito.
É a queimada! A espera das primeiras chuvas,
Como si a Natureza symbolizasse a Vida:
— o espontar dos ramos,
— da flôr,
— do fructo,
— do esplendor da mésse,
— a florescencia querida
que viésse
do fogo santo da Purificação!

(Do AROMITA, a sahir)

ARNALDO SERRA

NO CALVARIO

Como uma grande flôr aberta ao vento,
Jesus inclina ao hombro a fronte mansa.
A vida foi-lhe um mar de sofrimento.
A morte se lhe antolha uma bonança.

Nem partem desse olhar lampejamento
Que não do amor, em que o perdão descansa.
As linhas de seu labio macilento
Se entreabrem num sorriso de criança.

Jesus expira. Elle é, em verdade, um forte:
sente que a vida se lhe vae fugindo,
e não chora, e não geme, e não reclama,

e não treme, sequer, diante da morte.
Succumbe assim o sol: glorioso e lindo,
em beijos pela treva se derrama.

Lamartine Mendes

MEU CANTO

Um dia, alem, muito alem,
Ja bem no extremo porvir,
Quando outra gente vindoira
Accaso este livro abrir;
Verá, que deste sertão,
Surgira um rude cantor
Que tem nos cantos, — amor, —
E fez do — amor — a canção

* * *

Se depois de minha morte
A mesma gente futura
Lêr este canto dolente,
Quizer saber por, ventura,
Quem foi que d'este sertão
Carpíra prantos de dôr;
Pois foi o mesmo cantor
Que fez da dôr — a canção —

* * *

Quando este livro fôr lido
Por nova gente que vem,
P'ra contar o que hei soffrido,
Não haverá mais ninguém!...
Mas meus versos contarão
Que já soffri dissabor...

Porem fiz como cantor.
— Do dissabor a canção. —

* * *

Vivi sempre obliterado
E esquivo da sociedade,
Onde a corôa de Pluto
Rége sua Potestade!...
A pobreza, dando então
O desprezo com rancor!...
Fiz sempre como cantor,
Do desprezo -- uma canção —

Quero cantar altaneiro,
Pelo muito que hei soffrido,
Por isso, a lyra, sómente
Solfeja canto sentido!...
Alcunha sempre me dão
— De gyra, — com tal clamor!...
Mas zombo como cantor,
Dos zoilos, n'uma canção

Pois eu que, nada gozei,
Que sempre pobre vivi,
Homens nimios ambiciosos,
Embevecidos eu vi
No orgulho da posição,
Aviltando-me o valor!...
Mas sempre como cantor,
Fiz de tudo, uma canção...

J. B. A.

0 0 00 0 0

A's minhas filhas

É bello vêr a filha: como é bello
Notal-a predisposta e bem contente,
N'esse afan d'um proposito singelo,
Nos mistéres do lar, diariamente:

Ora a varrer a casa com desvelo,
Ora a espannar os móveis destramente;
Mostrando sua aversão ao desmazelo,
Alégra o velho Pai impertinente.

Aos actos de somenos importancia
De cada filho, ao transcorrer do dia,
patenteia o Pai sem relutancia:

Gabos se se portár como devia;
Arguições, si o desleixo é com constancia. . .
Mas sempre com carinhos e alegria.

José Bonifacio de Albuquerque—1929

0 0 00 0 0

A minha estimada Irmã "Nenê".

Bons-annos ! E boas-festas !
Venho brindar-te este dia,
Como em leda galhardia,
Meigas aves, nas florestas.

Surge a aurora luminosa,
Te saudando do Levante;
Com essa luz fulgurante,
N'esta data venturosa.

Como a brisa, que contente,
A tua fronte festeja,
Teu irmão, que ora verseja,
Vem saudar-te alegremente.

A ave, com tal brandura,
Da harmonia, nos cantares
Que retumbam pelos ares,
Não diz bem o que te augura;

Nem a aurora que dardeja,
Bellos raios no Oriente,
A illuminar docemente,
Não traduz o que deseja;

Nem a brisa sorridente,
Com o perfume das flores,
Expargindo seus odores
Não traduz o que ella sente. . .

Mas o bardo que suspira,
Com a penna que verseja,

Já tudo quanto deseja,
Trar^{duz} ⁴ cordas da lyra:
Trar^{duz} ^{ne}

Venho brindar-te este dia
Com minhas phrazes grotescas,
Qu'estas plagas pittorescas
Não me inspiram cortezia.

Mimosa c'róa de flores,
Trescalando a doce essencia,
Orna-te a bella existencia
—Co'a juventude os fulgores—.

Tudo que encerra alegria
E tudo quanto é ventura,
Á ti, com préce mais pura,
Invóco a Deus, cada dia.

Sejas sempre protegida
Da santa égide Paterna,
Com a caricia materna,
Que mais nobilita a vida.

N'estes versinhos sem graça,
Delphina te cumprimenta
Com a "trempe" barulhenta
E de tão longe te abraça.

José Bonifacio de Albuquerque (Janeiro 1912)

**SESSÃO DE RECEPÇÃO EM
26 DE JANEIRO DE 1931**

1

Discurso de posse pela socia D. Maria de Arruda Müller



Exmo. Snr. Cel. Interventor Federal

Exmo. e Revmo. Snr. Arcebispo

Exmo. Snr. Presidente do "Centro Mattogrossense de Letras"

Minhas senhoras

Senhores:

Neste momento, cuja lembrança gravar-se-á eternamente em meu coração, través vicissitudes porventura ainda reservadas á minha vida, pontilhada toda ella de motivos emocionaes, profundos e indeléveis, evola-se de todo o meu ser, uma singular alegria que o enflóra e transfigura...

Esta alegria não tem por objectivo um presumpçoso convencimento, porque não me cega a inconsciencia do meu desvalor: natureza singela e acanhada, jamais aspirei a evidencia em que hoje me collocam por captivante, cavalheiresca unanimidade, os senhores membros deste « Parnaso », cujo porticos se desceram para receber-me numa acolhida de tal fórma magnanima que me confunde e me atordôa!..

Da placidez calmosa em que se remanseára a correnteza débil da minha vida, a se defluir tranquillamente como:

« Em manso lago azul sereno e quedo »

Foram buscar-me, as mãos generosas e amigas de dois queridos e inolvidaveis professores meus, aquelles que na minha adolescencia, nos saudózos periodos do apprendizado normal, guiaram a minha incipientes sensibilidade artistica, para o gosto que mais tarde se accentuára, pelo estudo e cultivo da lingua materna e pelos conhecimentos da historia da civilisação e da patria estremecida...

Şacerdótes de Themis e de Clio, musas que trazem como a Fortuna, vendas e véus sobre os olhos, talvez seja este o motivo, porque se lhes obscureceo o criterio sempre seguro, quando, esbatendo em suavissima meia tinta a minha inepecia, puze-

ram relevo em côres carregadas, as minhas modestas possibilidades...

A alegria apoderou-se no entretanto, de tal jeito do meu coração, que não teve valor para repudiar-a ouvindo a voz grave da consciencia, advertir-lhe da temeridade sem par desse commettimento.

Esta extranha alegria, senhores, que enastra uma côroa de rosas, de formósas rosas de Jerichó, ao coração ainda a pungir da viva recordação do nobre e venerando ancião, cuja perda irreparavel viéra de soffrer, provém do sentido, desde a minha juventude formado, do culto que dévem merecer as letras e, do escopo enquadrado nos programmas dos centros literarios, tendentes a fazer da literatura algo mais que simples dilettantismo...

E assim deve ser.

Para que uma frivolidade a mais na sociedade, já de si tão futil?!

É ella para mim, uma como «estrada de Damasco», na qual, a graciosidade e levesa da prósa, e o rithmo maravilhoso dos versos, revelando a magia das cousas e dos sentimentos, impellem-nos, com a attração irresistivel da alma para a perfeição, a procurar o Bello onde quer que elle se encontre !..

A cadeira nº. 15, deste Centro, tem por patrono o conego José da Silva Guimarães, um denodado paladino da instrucção, disseminando a um seculo atraz, as primeiras ideias da fundação de uma Escola Normal primaria na Capital recentemente transplantada, nucleo que seria dest'outra, cujos fructos opimos, vêm attestando á posteridade, a sua aguda clarividencia. Espirito culto e operoso, a par de elevado criterio moral e ideologico, pois « a sua vida foi uma verdadeira ascensão para a luz », não descurou elle, nas varias vezes que governou a Provincia — a primeira dellas em 1821, como agente pacificador membro que foi de uma junta governativa, em quadra difficil e angustiosa da vida nacional — nenhum dos prismas porque os grandes administradores têm encarado os problemas sociaes.

Tratando da personalidade notavel deste sacerdote, cuja acção foi das mais destacadas no carregado ambiente politico do Brasil, nos primordios do seculo XIX — cheio das fermentações nativistas e do acirrado odio ao alienigena — abre-se-me o ensejo de vehicular neste « Centro de Letras », a rectificação do equivoco perduravel desde o fallecimento do conego Guimarães em 1844, quando Araujo Porto Alegre, ao fazer-lhe no "Instituto Historico" o elogio funebre, deu-lhe, por explicavel

nadvertencia, o titulo de « autor da interessante memória sobre ndios Appiacás ».

Os incansaveis perquiridores dos alfarrabios que jazem no fundo dos archivos, drs. José de Mesquita e João Barbosa de Faria, este exhumando e aquelle divulgando, propiciaram-nos o meio de reparar o engano historico, sobre o authentico autor daquelle *memoria*.

O documento encontrado fôra o officio, dirigido em 1819 a Paula Maggesi, o ultimo e infeliz Capitão General de Matto-Grosso, pelo Capitão mór João José da Silva Guimarães, irmão maior do referido clérigo, dando conta da missão a elle confiada a proposito d'aquelles silvicolas, apresentando a sua « Historia dos Appiacás ».

Assim sendo, essa reparação se impõe como um dever de consciencia, certamente grata e consoladora ao espirito elevado do conego Guimarães, sempre recto e escrupuloso nos minimos actos de sua existencia material.

Occupando esta cadeira, jamais poderei emprestar-lhe o brilho que lhe communicara o meu predecessor, Alcindo de Camargo, obrigado pelas contingencias da vida a afastar-se do nosso convivio, onde se faz intensamente sentida a sua ausencia.

Jornalista de pulso, cultivando o genero literario mais difficil e mais activo, em que a observação e o senso psicologico se aguçam, absorvendo muita energia subjectiva pelos processos inductivos que reclama, porque, como pondéra Waldo Frank nos seus estudos criticos: « Assim como a arte é mais do que expressão, a critica é mais do que sorrisos, caretas ou muchochos »!

Tal como a comprehendemos hoje, é uma complexa e difficilissima arte-ciencia, seguindo par e passo os surtos vertiginosos da archeologia, da historia e do jornalismo, enveredando-se pelos dominios da psico-analyse, requerendo o mais alevantado espirito de isenção e equanimidade... Seguindo os postulados de Taine, surprehendeu-nos aquelle vibratil pensador, pondo interjeições admirativas no commentario dos doutos, pela subtileza dos seus trabalhos neste genero, publicados pela imprensa regional. No estudo do patrono da cadeira que tão bem soube elle honrar, mostrou-se, além de admiravel rendilhador da forma e estylista acabado, um invocador de personalidades e restaurador de épocas longevas, com a segurança desses prodigiosos paleontologistas, que das ossadas prehistoricas dos dinosauros e dos rhynocéphalos reconstituem monstros da éra antidiluviana.

Sob a floresta immensa onde se erguem troncos veneraveis,

rôbles e araucarias magnificas, as bojudas cópas sustentadas por multidão de vigorosos galhos — briaréos colossaes da matta virgem — de tal forma unidas que não deixam nem de leve passar, a poeira imponderavel mica e ouro da luz, as delgadas lianas deitam raizes e, no imperativismo atávico de expansão, grimpam ligeiras os troncos adustos permutando o firme apoio destes, pelo liber fresco e abundante que da terra umbroza trazem, dando uma symbiose perfeita o exemplo formoso da solidariedade! Depois de voltearem o tronco e os ramos em arabescos caprichosos, vão sob o azul do firmamento, ao beijo glorioso do sól, corôar de flores alâcres, a magestade das frondes...

Na vossa arcadia, senhores membros do « Centro de Letras », quero ser como essas plantas, os esbeltos cipós, as perfumadas baunilhas, as orchideas exóticas de bizarros coloridos — calumniadas de parasitarias porque mal conhecidas!.. Desejo collaborar comvosco, na humildade das minhas aptidões, com o concurso desataviado e sincero de que por ventura serei capaz, pequeno, obscuro, mas dignificado pelo esforço, brazonado de legitimidade pela propria deficiencia; pois que, o parasitismo pode ser commodo mas não me tenta: á calmaria da inercia, prefiro a agitação bravia da luta!

Trabalhar neste cenaculo, onde pontificam as mais formosas intelligencias do meu Estado; saber que d'aqui se abrangem mais amplos horizontes, vislumbrando mais ricos panoramas, fruir mais energia e mais denodo para entrar no plano que nos traça hoje a universal cruzada feminina reivindicadora dos direitos da mulher, de que, a fundação do Gremio « Julia Lopes » em Cuiabá, ha quinze annos passados, fôra uma como clarinada avançada no recesso longinquo e ignorado da terra brasileira!

Esse gremio literario com a sua revista, sustentados pela perseverança heroica de duas benemeritas cuiabanas, d. d. Bernardina Rich e Maria Dimpina Lobo Duarte, ainda ahi se acham para attestar o espirito conservador da mulher conterranea, guardando como num gazophiláceo, preciosas e rutilas alfaias do seu caracter e da sua intelligencia!

O feminismo é hoje uma potencia! A cultura extraordinaria da mulher em nosso seculo, vem provar a inocuidade dos arremessos antifeministas dos seus detractores gratuitos, entre elles Schopenhauer, cuja famosã antithese não assume mais nem sombra de consistencia ante a impiedosa derrubada das longas cabelleiras tão decantadas outr'ora pelo romantismo!

Os congressos feministas, convocados annualmente nas gran-

des capitaes do mundo pleiteando transcendentas medidas, assecutorias dos seus direitos, vão, de victoria, em victoria, collocando a mulher em supremacia inequívoca, havendo muitas com assento nos parlamentos e na direcção dos mais importantes departamentos dos publicos poderes, já não fallando na legião das que exercem profissões liberaes, fazendo calar num respeito tacito, as poucas vozes que ainda glosavam infelizes irreverencias... Ainda agora, ante o movimento armado que sacudiu a nossa patria com a impetuosidade irreprimivel de um maremoto, formou-se em Minas, na invicta metropole do civismo e do liberalismo, o batalhão feminino "João Pessoa" sob o commando da dra. Elvira Komel, cuja actuação a par do patriotismo e altruismo poz á prova a jamais desmentida coragem das brasileiras. Cuidando abnegadamente dos serviços inherentes ás suas profissões domesticas, como amestradas no manejo das carabinas e metralhadoras, utilisaram-se com o mesmo «aplomb» e a mesma attenção que punham as nossas avós, no apprendizado dos passos do minueto e das malhas aranhadas dos crivos e das bainhas «castelhanas».

Não mais querendo ser Helena Hippodamia, inspiradora das batalhas ou causadora das derrotas, resolveu como Camilla, a rainha dos Volscos ou Joanna d'Arc, a pucela de Orleans, ser a «armata Venus», collaboradora dos homens, mesmo nos aventurosos lances de sangrentas pelejas...

Estes, porem, diante a invasão cada vez maior do «bello sexo» no que costumaram a considerar de seu exclusivo dominio, entenderam distrahir-a; enfraquecer-lhe a ousada determinação por um artificioso ardil, engendrando como nas festas pagãs denominadas «Calisteas», um premio «a mais formosa». A emulação da vaidade e o grosseiro engodo de um premio pecuniario, vão fazendo a sua obra. Esses concursos de belleza originarios da norte america e que ameaçam contagiar o mundo; tanto mais singulares por partirem de uma nação em que se procura dar cunho solido e realista á educação feminina, esses concursos, repito, foram uma solerte invenção, entorpecente e alienante, contra a avalanche triumphadora do «bom feminismo». Incentivando a vaidade, o «calcanhar de Achilles» da mulher; collocando a forma passageiramente seductora da materia, acima dos predicados eternos do espirito e da formosura moral, percebe-se naturalmente e com que fito, o enfraquecimento, e, possivelmente, a derrocada dessa organização que nasceu ainda nos Estados Unidos da onda suffragista de Misteres Panckurs...

Ha precisamente um mez, desta mesma tribuna, paraninphan-

do a turma de professorandas que a nossa Escola Normal diplomou no anno recem-passado, a palavra suggestiva e fascinadora do mais alto expoente da cultura conterranea, sua excellencia o nosso Arcebispo, profligou numa cerrada e vehemente oração, a maneira porque se vão pautando os tães concursos de belleza, aberrando de toda ethica, assassinando impunemente as nossas mais caras tradições de modestia e pudor! Paradoxalmente, a voz mais humilde que jamais resoou neste recinto, vem tambem condemnar do seu ponto de vista, essas mesmas instituições que nas passadas civilisações sempre foram o primeiro alarma de suas tristes decadencias...

Não sendo inteiramente feminista, pelo menos no tocante a arregimentação da mulher em geral para as luctas estereis da politica, achando esta fórmula um tanto dissociativa e de consequencias insondaveis para o futuro da humanidade, dado o fatal desequilibrio do lar e o afrouxamento inevitavel dos laços da familia, não posso no emtanto deixar de vibrar no mesmo fremito, com as minhas irmãs de toda a terra, pelos formidaveis triumphos obtidos em todas as causas que pleiteam, conquistando direitos postergados por inqualificaveis injustiças dos codigos!

Parece-me que se deva dividir o feminismo em dois vastos campos: num, militem as emancipadas pelo espirito e pela coração, mulheres fortes, independentes e energicas que, pelo celibato voluntario ou não, se lancem na arena das luctas partidarias, de viseira erguida, soberbas de intelligencia e audacia! Noutro, por esclarecida voluntariadade, integrem-se aquellas que preferirem exercer o sacerdocio divino do lar, para o cumprimento dos santos deveres de esposas e mães, fortalecidas no apoio e garantia de leis mais uniformes e mais justas do que as que ainda subsistem para os dois sexos.

Em ambos os campos em que se bipartir a actividade feminina, o que é de magna importancia é a solidez da sua cultura e a illuminada convicção da sua fé e da sua crença religiosa.

Abaixo o preconceito de se vedarem a ella os sagrados humbraes da sciencia!.. Para governar, para educar, para ser verdadeiramente mãe, a mulher precisa adquirir o caprichoso polimento do diamante.

E a faceta mais trabalhada tem que ser o caracter! A educação moral da mulher como a do homem deve ser superposta á mental e á phisica. E, é, sobretudo no lar, meus senhores e minhas senhoras, no exemplo diuturno dos nossos passos e das nossas acções, que plasmamos o caracter dos cidadãos e cidadãs de amanhã! Si nos empenharmos com perfeita e methodica com-

preensão dos nossos deveres de paes, na educação moral nossa — pois a auto educação é factor importantissimo — e, na de nossos filhos, será sustado em tempo, o tormentoso descalabro social que prenunciam avisados moralistas.

A corôa de rosas, de lindas rosas de Jerichó, que hoje me enflora o coração, quero dedicar num symbolismo vivo, ás mulheres de minha terra!

Depondo-a aos pés daquella que me deu o ser, e que por coincidencia completa annos nesta data, reverencio nas suas peregrinas qualidades, toda a suprema belleza interior que irradia nos olhos das minhas conterrâneas, formando o substractum de suas excelsas virtudes.

E a ti, mãe querida, em cujo regaço, aprendi a juntar em palavras as letras do alphabeto, e, em cujos ensinamentos christãos, hauri as eloquentes lições do trabalho, da coragem e da resignação! Mãe adoravel e esposa modelar! herdeira genuina dos attributos paternos, d'aquelle que na vida social e politica foi « o batalhador » no sentido completo do vocabulo, e, de cuja bravura e generosidade, estão cheios os annaes matogrossenses... A ti bondosa e inegalavel criatura, desejo ter a suprema ventura de repetir os versos do poeta, d'aqui ha muitos annos, quando as pratas substituirem inteiramente o ebano dos teus cabellos :

«Minha mãe! Beijo-te a mão,
E a cabeça côr de neve.
Beijo-te, leve,
O coração!

Beijo-te a alma (ó meu thesouro
De raros dons)
Tu és a fonte de ouro
Dos meus sentimentos bons.»



II

DISCURSO DE RECEPÇÃO

Pelo Prof.

Philogonio de Paula Corrêa

SO

sa
do



Mais uma vez engalana-se o Centro Mattogrossense de Letras para a solennidade de uma nova recepção, solennidade essa, hoje revestida de especial brilho, por se tratar de preencher a vaga aberta na cadeira nº 15, com uma representante do sexo femenino.

Por ocasião da fundação do nosso "Centro", fôra objecto de discussão si se devia ou não dar ingresso á Mulher na Companhia.

A inclusão do nome de d. Anna Luiza Prado entre os fundadores resolveu a duvida.

Hoje, com jubilo e orgulho, recebemos d. Maria de Aruda Muller no numero dos nossos consocios.

Com esse gesto, vamos na vanguarda da nossa associação modelo, a Academia Brasileira de Letras que, escrava na interpretação do art. 2º dos seus estatutos, condenou a candidatura de d. Amelia de Freitas Bevilacqua, para a vaga de Alfredo Pujol, havendo já posto de parte, por ocasião de sua formação, os nomes de d. Julia Lopes de Almeida, para fundadora, e de d. Carolina Michaelis, para correspondente em Portugal, por não serem do sexo masculino.

« Foi essa uma clamorosa injustiça praticada pela nossa mais alta assembléa das letras, agora que — "Contingencias naturaes, de character physiologico umas, de ordem moral outras, podem vedar e vedam ao sexo fragil diversas carreiras; mas nunca ninguem pensou prohibir-lhe esta em que militamos das letras e da arte".

"O nosso officio não existe sem uma constante inspiração de belleza. Como repellir, portanto, a grande causa geradora de nossas obras, o perpetuo motivo de fé do nosso trabalho?"

“Dia por dia, a mulher cresce em cultura e se impõe na vida intellectual do mundo moderno, sem decahir do seu papel antigo, assim augmentado de novos brilhos”.

Embora Rousseau, no seu “Emilio”, sustente ainda que “a educação das mulheres deve ser relativa aos homens”, excluindo assim do chamado néo-humanismo as ideias de Vives e de Erasmo, os verdadeiros precusores do feminismo contemporaneo, notamos em nossos dias como ideias capitaes e geradoras do socialismo moderno a luta para a perfeita igualdade dos homens e, pela applicação deste ideal á mulher, um movimento “tendente a reclamar para ella os direitos reconhecidos para os homens”.

Esse movimento feminista, preconizado de um modo absoluto e impraticavel pelos socialistas exaltados, melhorado e praticavel pelo feminismo conservador *opportunista*, dito feminismo burguez, pelos exaltados, empolga, mais do que nunca, a attenção do mundo, depois da grande conflagração européa.

Elle reclama “a igualdade dos sexos, a supressão dos privilegios masculinos, o voto universal e o acesso da mulher a todas as profissões”, e surgiu principalmente da collaboração mais intensa da mulher no proletariado, em consequencia da diminuição dos braços masculinos depois da grande guerra.

O feminismo pratico, esse que não deseja banir do lar as mães acreditando que “a melhor mestra das futuras mães será a mãe, e a melhor escola para donas de casa a propria casa”, não concebe simplesmente mulheres medicas, advogadas e deputadas, ao menos emquanto, no dizer judicioso de Agostinho de Campos, “o socialismo não apresentar amostra de um lar governado com toda a dedicação, todo o amor e toda a poesia, por funcionarios pagos pelo Estado”.

A tendencia mais logica será, pois, aquella que não simplesmente procure conservar o anjo do lar, mas tambem transformar a escola num prolongamento desse mesmo lar.

Das proprias teorias de Bacon e de Descartes, decorre a necessidade de se organizar a escola como um prolongamento do lar.

É nos principios intuitivos desses dous illustres pensadores e nos de Locke, que se encontrou base para affirmar que “a mãe é o modelo, o typo do verdadeiro educador primario”.

E' ainda por isso e na impossibilidade de transformar cada mãe em uma educadora, como já sonhara Pestalozzi, que Herbart e Froebel, incontestavelmente os representantes da mais

alta expressão da pedagogia technica allemã, idearam a — escola das mães — ou jardim no qual as crianças são as flôres.

Hodiernamente, na éra da educação no dizer de Bunge, notavel educador argentino, as necessidades de caracter economico crearam na Inglaterra o "the right man" e na Allemanha o "deuthchland uber alles" que, refinando o sentimento de patriotismo, exigiu da mulher collaboração mais activa nos diversos departamentos da sociedade.

* * *

E é neste momento empolgante da vida da humanidade, neste delicado momento da vida do Brasil, que vem Vossa Excellencia, d. Maria, alistar-se entre nós, no "Centro Mattogrossense de Letras", para maior efficiencia do seu trabalho de construcção da futura sociedade.

Esposa, mãe, professora, jornalista e sempre patriota, a todos os aspectos pluriformes dessa vida tão util em ensinamentos, attende V. Excia. com invejaveis intelligencia e energia.

Esposa e mãe, soube sempre V. Excia. alliar á simplicidade de costumes e á sua bondade natural, uma invulgar firmeza e rectidão de attitudes, qualidades que tanto confortam o seu adorado companheiro na vida, por estes tempos em que de exemplos semelhantes os homens tanto carecem.

Na escola, vem sendo a professora intelligente e cuidadosa, distribuindo, com amoroso carinho o valioso thesouro intellectual que soubera accumular; é professora e mãe. Jornalista e patriota, os seus trabalhos reflectem sempre a grandeza do Brasil e de Matto Grosso, grandes e magestosos na sua pujança integral.

São das chronicas da "A Violeta", de Maio de 1927 e de Abril de 1928, os seguintes trechos: da primeira —

"Uma febre de progresso agita e sacóde Matto Grosso, o colosso verde, que sente um impulso estranho desenferrujar-lhe os membros, quebrar-lhe a eurithmia da organização perfeita, mas entorpecida, levantar-lhe no esplendor de toda a sua pujança o corpo gigantesco para a execução victoriosa do trabalho".

Da segunda: "Não duvidamos nunca dos grandes destinos do nosso Estado! Temos a intuição segura do seu progresso para dias não muito longinquos! Vive em nós um optimismo que nunca esmorece, e, quando o derrotismo dos sce-

pticos procura assediar-nos, exorcisamol-o com a magia das nossas convicções”.

Professora e brasileira, defende ativa a nossa bella lingua, algures taxada de “tumulo do pensamento”, dizendo na “A Violeta”, de Fevereiro de 1927: — “Nas innumeradas linguas vivas ou mortas existirão palavras e axiomas que a nossa não reproduza com a mesma ou com maior justeza?...

Não! A lingua portugueza, na sua riquissima collectanea synonymica, não encontra rival; só ella poderá cantar o mesmo poema por mil fórmulas diferentes, sem alterar-lhe a belleza e a perfeição...

Sim, e para sanar esse mal, ergamos para honra da “creadora da nossa nacionalidade”, este solenne protesto:— nunca mais, salvo por ignorancia, misturemos á nossa, mesmo á mais humilde seára, os joios dos gallicismos, germanismos ou anglicanismos.

Assim, o forte idioma, portuguez-brasileiro poderá tornar-se ao em vez de “tumulo do pensamento” o auspicioso berço das novas ideias”.

Brasileira e mattogrossense, é de vel-a agitar-se, com santa revolta, todas as vezes que espiritos menos reflectidos tocam a desafinada tecla da mudança da Capital do Estado para uma cidade da nossa opulenta zona sul.

Leiamol-a na chronica de 20 de Março de 1919, anno bicentenario de Cuiabá: “Agora que se approxima o momento em que a capital de Matto Grosso vae festejar o seu bi-centenario, não sei porque impiedosa lembrança fala-se da mudança dla mesma capital para Corumbá ou para uma das localidades do su

Nas rodas familiares, nas reuniões á porta dos vizinhos, nestas prateadas e silenciosas noites de luar, o assumpto é sempre esse.

Ha mesmo no sul e em Corumbá uma corrente favoravel a essa mudança; mas, porque não formamos tambem uma liga de defesa aos nossos interesses?

Os cuiabanos não podem, por fórmula nenhuma permanecer inactivos deante da absurda campanha. Não podem e não ficarão porque, amantes do seu berço como são, formarão a Liga contra a mudança :e Cuiabá, serena e immutavel, permanecerá a legendaria e natural capital do grande Matto Grosso.

Uma capital ameaçada em Corumbá uma onerosissima no sul só trariam desvantagens politicas, estrategicas e financeiras.

Cuiabá, centro naturalmente defendido, engastado na vastidão exuberante do norte, morrerá infallivelmente!

Não. Essa mudança seria uma iniquidade e um erro de funestas consequências.

Contra ella estamos nós na estacada

Deante os duzentos annos da "Cidade Verde", nós, as mulheres, as igualadas ao homem, no conceito de calmo "realizador de utopias" na Grande Guerra, offerecemos a nossa intelligencia, as nossas forças e o nosso tributo de amor e gratidão".

Mattogrossense e cuiabana, acostumamo-nos a admirar a heroico "Gremio Julia Lopes", á frente das suas benemeritas companheiras, constellação formosa que rebrilha magestosa a illuminar as trevas dos nossos desanimos.

O Gremio é bem o irmão em crença e na tenacidade do "Centro Mattogrossense de Letras"; e, em ambos, as organizações de eleição, de intelligencia e de bondade que são Maria de Arruda Muller e José de Mesquita, conduzem superiormente os seus companheiros de jornada, na viagem da Esperança, rumando ao ideal.

E a "A Violeta", revista heroica valente orgam do "Gremio", vem continuando a ser, como bem o diz a sua chronista, no numero de Dezembro de 1927, "o orgam da unica associação literaria feminina em nosso Estado, e, se motivo nenhum á benemerencia tivesse, esse de ser a iniciadora do bom feminismo, essa inquebrantavel energia que a tem sustentado através as vicissitudes, bastariam para sagral-a".

E esse bom feminismo é aquelle que a mesma chronista preconiza em artigo de 20 de Fevereiro de 1919, quando doutrina que "para o lar não ha necessidade de saber ler mas, para ser a rainha do lar, é mister saber mais do que ler".

Esse bom feminismo é aquelle mesmo com que *Mary* sonha no artigo "O Momento feminino no Brasil", "d'A Violeta", de Setembro de 1923, quando escreve: "Vencendo, ella não ostenta o orgulho e a vaidade varonis. Sorri, cala-se e vae conquistando. E por isso parecia ser mais difficil essa conquista no Brasil.

A brasileira é meiga e docil, é amiga do seu lar e não entende a emancipação como as suas irmãs americanas. Dahi, a apparente difficuldade em que se achava e que mais parecia indifferentismo e desprezo aos direitos reconhecidos;

direitos que se impõem no actual estado da civilização, pois em todo o mundo observa-se o crescente borborinho creado pelo valor feminino, creando, pensando illuminando!...

Mas, a brasileira espera, e enquanto espera, crescem as associações femininas, duplicam-se as suas potentes manifestações de força e vitalidade”.

*
*
*

Poetiza, já tivemos ocasião de referirmo-nos á produção da nova socia, hoje empossada, quando assignamos a sua proposta.

Chronista de estylo elegante, delicado, imaginoso, correcto e facil, de temperamento firme e altruista, sempre prompto para defeza das causas nobres, é da mais perfeita justiça a attitude do nosso “Centro de Letras”, recebendo na sua phalange a valorosa batalhadora, cujo exemplo ha-de constantemente servir-nos de incetivo poderoso para novas conquistas na campanha nobilitante em que nos temos empenhado.

E ao “Gremio Julia Lopes” cadinho precioso onde se refinou' essa vontade victoriosa, symbolo da tenacidade, attestado eloquente do querer sejam enviadas as nossas mais calorosas felicitações pela sua benemerencia no treinamento dos espiritos de escol e dos corações bem formados.





Unificação Ortográfica

“Rio, 1º. de Maio, 1931. Foi assinado, ontem, nesta capital, na Academia Brasileira de Letras, o acôrdo ortográfico luso-brasileiro. A cerimónia foi solene, tendo a presença do chefe do govêrno provisório”. (Transcrito da “Gazeta Oficial”, de 2 de Maio).

Notícia alviçareira é, por sem dúvida, a que se contém no despacho telegráfico acima transcrito!

Por ela, ficamos scientes de que, de agora em diante, escrever-se-á por um único padrão ortográfico, nos dois países em que se fala a língua portuguesa, acabando-se destarte, com a incoerência — amadurecida com o andar dos tempos — de terem dois povos, irmãos pela língua e pela tradição, diferentes sistemas de grafar. De-feito, como todos sabemos, Portugal adopta, desde 1911, a *ortografia racional simplificada*, (não a fonética ou sónica como é chamada erroneamente por muita gente), que atende à etimologia, quando conhecida, sem desadorar a fonética histórica; despreza consoantes insonoras, salvo quando influem no timbre de vogais que as antecedem; acaba com os símbolos gregos, por inúteis, recomendando os correspondentes latinos; enquanto nós ficámos com o sistema *usual* ou *misto*, que, ora respeita a etimologia, ora não; aqui simplifica e acolá adopta um etimologismo gráfico difícil aos principiantes, e por isso mesmo causador de atroz confusão nos cérebros infantis, como êste pano de amostra: *pha* vale *fa*; *the* é igual a *te et cetera*.

Agora, não. No Brasil, em Portugal e suas colónias, poder-se-á escrever por um único sistema.

E será, salvo algumas alterações, um tanto ou quanto incoerentes, pelo que foi codificado pelo saudoso fonetista Gonçalves Viana e homologado pela Academia das Ciências de Lisboa e hoje em dia usado pelo govêrno, nas escolas, academias e pela imprensa de além-mar — o sistema *racional simplificado* — infelizmente desadorado pela maioria dos Srs. jornalistas brasileiros, pelo nosso govêrno e por alguns literatos e professores, que, pe-rece, morrem de amores pela ortografia *mista*.

Com o auspicioso acôrdo de 1º de Maio, supõe-se seja relegada, atirada ao lugar das coisas mortas, como merece, a disparatada ortografia da Academia Brasileira de Letras, a qual jãmais poderia ter o consenso da maioria dos brasileiros, como se poderá aquilatar, pelos inúmeros parecêres dos entendidos, que a tem desancado, perecêres que se acham publicados nos mais autorizados órgãos da imprensa carioca e paulista.

De maneiras que a unificação de que tratamos vem a tempo de prevenir a pavorosa anarquia ortográfica em o nosso país, a qual se estava a iniciar com a adopção, felizmente apenas no seio da nossa Academia de Letras, da engraçada ortografia, inventada em 1907, morta em 1911, graças ao advento do sistema português, e, para nosso mal, ressucitada em 1930. Anarquia ortográfica, dizemos bem, porque, enquanto os Srs. académicos, em seus actos officiais, escrevem segundo os cânones da sua ortografia; enquanto grafam: *meza, defeza, caza, Brazil, mezes, mez*, com intruso, z, por terem tirado ao s intervocálico o incontestável valor daquela dental sibilante surda, num desaforado atentado ao étimo dessas palavras, nós e todos que escrevem português pintamos: *mesa, defesa, casa, Brasil, mês, meses*, com o s, a que tem direito essas palavras.

Logo, o acôrdo assinado na Academia de Letras tem o condão de evitar essa anarquia e de prevenir a calamitosa confusão, que se estabeleceria inevitavelmente na juventude das escolas e mesmo no meio intelectual; salvou ainda uma tradição fonética do nossa língua — o s, com valor de z, quando entre vogais, se bem que ela não se olvidaria assim com tanta facilidade. Sim, talvez depois de meio século escrever-se-iam, como em espanhol, as palavras que requerem agora o grupo ss: *posso, pássaro, nosso*, que deveriam ser grafadas, de acôrdo com as regras ortográficas da Academia, somente com um s: *poso, pasaro, noso*. Verdade é que transigiram com a actual, grafia, adoptando, por enquanto, os dois ss - incongruência maior da marca, visto que outra regra determinou acabar com o s, com valor de z.

Por tudo isso, seja bem vindo o acôrdo!

Preciso é que seja êle cumprido, não só no seio da nossa Academia, mas nas escolas, no livro e na imprensa, no comércio e nas repartições do governo, adoptar co-se, de vez e c'esassobradamente, o sistema ortográfico português, a ortografia *racional simplificada*, científica, coêrente e fácil à mocidade, tendo sido a ortografia dos primeiros tempos do nosso idioma, como se poderá verificar em quaisquer documentos antigos, nas "Ordenações Afonsinas", por exemplo.

Para que fiquem registadas aqui, transcrevemos abaixo as bases do acôrdo, divulgadas pela imprensa do Rio.

1º. — Eliminar — 1º. — as consoantes mudas: *ctro, fructo, sinal*, em vez de *scetro, fructo, signal*.

2º. As consoantes geminadas: *sábado, belo, efeito*.

Exceptuam-se :

a) — os *ss* e *rr* : *russo, carro*;

b) — o grupo *cc*, quando os dois *cc* soarem distintamente: *sucção, secção*;

3º — O *h* mudo mediano: *sair, tesouro, compreender*.

Notas :

a) — Mantêm-se os grupos *ch* (chiante), *lh, nh*: *chá, velho, ninho*.

Excepção:

Conserva-se o *h* mudo nos vocábulos compostos com prefixo, quando existir na língua, como palavra autónoma, o último elemento: *inhumano, deshabetuar, deshonra rehaver*.

b) — As fórmãs reflexivas ou pronominas do futuro e condicional dos verbos serão escritas sem *h*; *dever-se-á, amar-te-ei, dir-se-ia*

4º — O *s* do grupo *sc* inicial: *ciência, ciático*;

5º — O apóstrofo: *dêste, naquele, donde, outrora, estoutro, mãe d'agua, daí, dali*.

§ 2º — Substituir- 1º o *k* e o grupo *ch* (duro), por *qu* antes de *e* e de *i*, por *c* nos outros casos: *querubim, monarca, química, quilo, Cristo, técnico*.

Nota :

Conserva-se a letra *k* nas abreviaturas de quilo e quilómetro: *2 ks. de sal: 50 ks*; bem como nos vocábulos geográficos ou derivados de nomes próprios: *Kiel, Kiew, kantismo*.

2º — O *w* por *u* ou *v*, conforme a pronúncia do vocábulo *vormio, uigandias*;

3º— O *y* por *i*: *júri, mártir, Potí, Andaraí*:

4º— Os grupos *ph, rh, th*, por *f, r* e *t* *fósforo, retórica, tesouro*;

5º— O *z* final por *s* nas palavras como *água-rás, português, país, após*.

Nota :

Os nomes próprios, portugueses ou aportuguesados, quer pessoais, quer locais, serão escritos com *z* final, quando terminados em sílaba longa, e com *s*, quando em sílaba breve: Tomaz, Garcez, Queiroz, Andaluz; Alvares, Pires Nunes, Dias, Vasques, Peres.

Obs.— Os nomes Jesus e Paris conservarão o *s*, visto a dificuldade de qualquer alteração. No uso do *s* e do *z* médios, segue-se o que determinam a etimologia e a história da língua.

6º— O *m* por *n* nas palavras em que houver caído o *p* etimológico: *pronto, assunto, isento*.

§ 3º Grafar: 1º com *i* as palavras que alguns escrevem com *e* e outros com *i*: *igual idade igreja*.

2º Com *s* as palavras que alguns escrevem com *s* e outros com *c*: *cansar, pretensão, dança, ânsia*.

3º Com *ã* a sílaba longa: *irmã manhã, maçã*.

4º Com *ão* os substantivos e adjectivos que alguns escrevem com *ão* e outros com *am*: *acórdão, bênção*.

5º Com *am* o final átono dos verbos: *amam amavam amaram*

6º Com *ai, au, eu, iu oi*, os ditongos que alguns escrevem com *ae, ao, ce, io, oe*: *pai, mãe, pau, céu, viu, herói*.

Nota: Não sendo ditongo permanece o digrama *io*: *rio, fio, tio*.

§ 4º Conservar— 1º— O *g* mediano: *legislar, imagem*.

2º Os ditongos *ue, õe*: *azues, põe*.

3º Os vários sons do *x* (*s, z, cs, ss, ch*): *excelente, exato, fixo, próximo, luxo*.

§ 5º Divisão silábica— 1º— No infinito seguido dos pronomes *lo, la, los, las*, êstes se transportarão para depois de hífen, acutuando-se a vogal tónica do verbo, de acôrdo com a pronúncia: *amá-lo, dizê-lo*.

2º Escreve-se-ão com hífen os vocábulos compostos, cujos elementos conservam a sua independência vernácula: *para-raios, guarda-pó, contra-almirante*.

3º A divisão de um vocábulo far-se-á foneticamente pela soletração e não pela separação etimológica de seus elementos: subs-cre-ver, sec-ção, des-ar-mar, in-ha-bil, bis-a-vô, e-xér-ci-to, nas-cer, des-cer.

§ 6º — Nomes próprios — Conservar nos nomes próprios estrangeiros as fórmulas correspondentes vernáculas que forem de uso: Antuérpia, Berna, Cherburgo, Colónia, Escandinávia, Escalda, Londres, Marselha.

Obs. — Sempre que existam fórmulas vernáculas para os nomes próprios, quer personativos, quer locativos, devem elas ser preferidas.

§ 7º — Acentuação — Reduzir os sinais gráficos, que caracterizam a prosódia, de modo a corresponderem êsses sinais à prosódia dos dois povos, tornando mais fácil o ensino da língua escrita.

A refórma portuguesa adstringiu-se muito à prosódia continental”.

A nosso ver, seria mais viável adoptar-se in-totum a refórma portuguesa, em cujas bases não há as felizmente poucas incoerências notadas nesta que transcrevemos, especialmente a que diz respeito à conservação do *h* medial, (v. obs. ao § 1º), e a que se refere à redução dos acentos gráficos, que tem por fim evitar êrros prosódicos.

Mas, dos males, o menor, é da sabedoria popular.

Cuiabá, Maio, 1931.

Severino de Queirós



Um rapaz alegre



LEANDRO é o rapaz mais alegre e communicativo que tenho conhecido. Não sei si elle tem motivos para julgar-se feliz, acredito, porém, que se julga. Ora, uma destas melancolicas tardes de fim de outono, encontrei-o, por acaso, passeando no Jardim da Luz. Depois de haver-mos dado umas voltas atôa, falando de estudos e passeios, theatros e *grisettes*, viemo-nos sentar a um banco, numa alea de poucos transeuntes e ficámos alguns segundos calados, como presos da suggestão do crepusculo. O silencio era profundo e calmo, como numa floresta: o barulho dos carros no largo da Estação, as vozes dos passeantes, o rumor do vento na folhagem, tudo parecia ter-se interrompido momentaneamente... Pouco a pouco, em rôda de nós, a paisagem estreita de arvores e aguas que os nossos olhos divisavam se ia apagando, ennevoando-se, diluindo-se na sombra.

Uma tristeza infinita e doce é o que nos infundia aquelle retiro campestre, a 5 minutos da Cidade, nessa hora recolhida e calma do escurecer.

Leandro e eu pareciamos muito distantes um do outro e muito alheios a tudo que nos cercava, quando, não sei si no Seminario ou em outra igreja proxima, um sino começou a encher o silencio da tristeza christã de angelus vespertino. Uma turma de operarios que passava tirou respeitosamente o chapéo. E quando as ultimas notas se perdiam no ar tranquillo, sob o céu de cobalto, Leandro, o rapaz mais alegre e communicativo que eu já tenho conhecido, me disse:

"Sabes? eu vivo do som e de todas as cousas que se

prendem ao som. Creio que para mim a maior desgraça seria não ouvir... Não imaginas o que me suggerem certos sons, já não falo da musica, o som coordenado, medido, reduzido a rythmo, mais sim o som livre que conserva a alma daquillo que o produz, o som que guarda o espirito mysterioso e multiplo dos sêres e das cousas... Ha sons suggestivos e que falam com um encanto ineffavel...

Quanta cousa se poderia escrever acerca da expressão polymorphica dos sons! Melopéas entristecidas que arrulam leve, como uma saudade muito doce e muito antiga ou vibrante clangor de epinicios, que arrebatam nas azas velivolas do sonho... Cantigas abafadas no mysterio da tardinha ou alacres canções da vida forte, cheia de seiva, quente de sangue, na gloria rubra do meio dia... Como eu as amo, principalmente essas sonoridades que parecem apenas esflorar a sêda do silencio e que evocam, num campanario deserto, onde dardeja o ultimo raio de sol, o derradeiro dobre de um sino que se vae calando... Ainda ha pouco, tu não imaginas o que eu senti, quando aquelle sino começou a tocar as avemarias... Eu estava pensando em não sei que frivolidade, quando a primeira badalada sonora e grave me chamou a attenção.

Era o mesmo tocar dos sinos da minha terra... Diria bem que era o mesmo sino ou o mesmo sineiro.

Depois, meu amigo, a hora, a paisagem... Tudo isso tem uma enorme influencia sobre nós.

A tarde, em torno de mim, se ia fechando em noite, com a demorada tristeza de uma agonia. O que eu evoquei, o que eu vi, na dorida melancolia da tardinha, enquanto o sino continuava a gemer com a mesma doce expressão dos sinos de minha terra! A minha memoria não me poderia enganar! Já ouvira esse som, o mesmo, á mesma hora, sem poder, porém, precisar a circumstancia... Já viste tortura intellectual maior que essa de querer a gente lembrar um facto de que temos a intuição que se deu, mas do qual nos faltam pormenores que o identifiquem e lhe dêem o character de realidade objectiva? De subito, recordei, com uma nitidez admiravel: foi em minha cidadezinha natal — já lá vão tantos annos! — na vespera do dia em que parti, criança ainda, inconsciente do bem que lá deixava pelo mal que aqui fóra, na vida, estava me esperando... Nunca me esquecerei daquella hora dôce do escurecer e daquella esquisita emoção de saudade antecipada que então me veio. O sino tocava assim mesmo, como este de ha pouco.

Era o velho sino de minha cidade, o mesmo que tocou alegremente ao meu baptizado, o mesmo que eu ouvira tantas

vezes, no seu repicar festivo, nos dias da infancia feliz, o mesmo que dobrou á morte de tantos queridos e parentes e até dos meus antepassados que eu nem conheci... Bom sino, meu amigo sino! Este daqui teve agora a mesma expressão, donde estou em que elles têm almas affins. Os sinos devem entender-se e dahi, talvez, não sejam tão infelizes como nós que, tendo almas indifferentes ou hostis, quasi sempre não nos comprehendemos, vivendo insulados pelo egoismo no rochedo das solidões mais tragicas... Os sinos, por outro lado, devem entender-nos, como nós lhes comprehendemos a suggestiva linguagem. Aquelle sonoro sino da minha terra si me visse de novo e me devassasse a alma, núa e triste como um deserto, por certo não teria mais esta doçura melancolica de angelus com que se me avivaram as saudades... Dobraria a finados”.

Eu olhava o meu amigo, espantado e commovido do que lhe ouvira e do novo aspecto em que me desvendava o estranho enigma da sua personalidade. Elle sorria agora... Eram sete horas da noite e nos levantámos. Na praça Mauá era grande o movimento de carros, autos e electricos, num barulho ensurdecedor...

Trens apitavam dentro da Estação, uns chegando, outros a partir... Passavam bandos de operarios e costureiras numa garrulice alegre. Eu notei, sorrindo, que não havia som mais harmonioso do que a voz das mulheres. Leandro, a fitar um grupo de *grisettes* que passava tagarellando, concordou num aceno de cabeça, quasi machinal. E, ainda presa da sua profunda abstracção, foi que eu lhe disse, como para o distrahir:

— Olha! ali vem o nosso bonde. Vamos tomal-o.

E corremos para alcançar o *Santa Cecilia* que já virava a esquina da velha estação da Sorocabana. A noite se fechara de todo e uma garôa fina, fria e penetrante começava a peneirar do céu sombrio e cheio de brumas.

José de Mesquita

**SESSÃO DE RECEPÇÃO
EM 30 DE ABRIL
DE 1931:**

I

Discurso de posse -- pelo socio Nilo Póvoas



Excmo. Sñr. Dr. Interventor Federal;
Excmo. e Revmo. Sñr. Arcebispo Metropolitano;
Excmo. Sñr. Desembargador Presidente do Centro Mato-
grossense de Letras;
Exmas. Senhoras e Senhores;
Senhores Acadêmicos:

Refugindo, para ser sincero, a um clássico uso acadêmico não venho fazer a pública confissão da minha humildade e da minha fraqueza, nem a fementida exprobração do acto pelo qual me chamastes a ocupar uma cadeira neste augusto cenáculo; mas sim trazer-vos as expressões do meu grande reconhecimento e as entusiásticas promessas de me altear aos páramos das vossas simpatias e de corresponder às esperanças que em mim depositastes.

Tam bem me fizera ao coração a vossa delicada lembrança; encheu-me de tal vaidade a vossa preferênciã; engrandeceu-me tanto a fineza dos vossos sufrágios, Sñrs. Acadêmicos, que me aproximo com passos firmes e resolutos, sem o mínino constrangimento, da cadeira de que é patrono o Padre-Mestre Ernesto Camilo Barreto e na qual assentaram, com rara galhardia, Leovigildo Martins de Melo e Ovídio de Paula Correia.

A honrosa investidura que me conferis, tem para mim algo daquele poder sobrenatural atribuido à chave de Salomão, de que nos fala o olímpico poeta Goethe na scena da galeria obscura, aquella chave que desvendou a Fausto mundos até então desconhecidos e maravilhas nunca sonhadas; que o conduziu ao encantado reino das Madres e abriu os seus olhos ávidos às origens de todas as coisas; que o levou à Grécia e o fez pasmar ante a beleza ática de Helena, por quem se enamorara; que lhe decifrou, de relance, o grande enigma da vida, que lhe abriu a caixa dos segredos do mundo e o guiou pelos ínvios e escabrosos caminhos que conduzem à verdade.

Em me recebendo, hoje, na vossa ilustre e ambicionada companhia, meus eminentes confrades, não fazeis mais do que repetir aquela scena descrita pelo gênio imortal do Goethe, entregando-me pelo vosso digno representante, a minha chave de Salomão.

Esta chave, crescendo e iluminando-se magicamente na minha mão, hade, como outr'ora acontecera a Fausto, iluminar o meu espírito, rasgar aos meus olhos horizontes novos e fascinantes, abrir-me, de par em par, as portas doiradas da natureza, fazer jorrar para mim, fresca e cantante a fonte de Castália, e então, verei palácios encantados resplandecerem em tórno de mim e enxames luminosos povoarem esplendidamente o infinito.

E assim, arrebatado em éxtasis nas asas côr de rosa da vossa nobilitadora simpatia, fortalecido pelo calor reconfortante da vossa confiança e prestigiado firmemente pelo sólido amparo da vossa autoridade, confiante na minha vontade, firme na minha crença, grande e forte ao influxo da vossa grandeza e da vossa fôrça, elevar-me-ei até a vós e, se não puder engrandecê-la e realçá-la, ao menos não vereis amesquinhada a cadeira com que me distinguiu a vossa affectuosa confiança.

Mau grado meu, Sñrs., não me é dado repetir nest'hora o que disse, ao ser recebido na Academia Brasileira, o abalizado filólogo Sñr. João Ribeiro, a quem tenho a honra de prestar reverente homenagem:

“Muitas, sentenciou o novel acadêmico, são as distinções que podem enobrecer o espírito e delas vangloriar-se o homem; nunca as merecí e, por isso mesmo, passei por elas, quero dizer, passei através delas sem inveja, sem terror e sem emoção; esta, porém, a nenhuma outra se compara, porque era esta a que eu queria, temia e desejava, porque esta é a que nos produz êsse alto sentimento de paz, que é o termo de todas as carreiras e é, para mim, o comêço da grande tranquilidade final. Merecê-la é como se me dissesse: — já posso estar seguro de mim mesmo”.

Sem embargo de ser esta, também, a distinção “que eu queria temia e desejava”, com todas as veras de minh'alma, não me proporciona ela, infelizmente, aquele “alto sentimento de paz”, o suspirado “termo de todas as carreiras”, a que se referiu o notável acadêmico; ao invéz, ela vem rojar o meu pobre espírito num abismo de inquietações, nessa ânsia dolorosa de me elevar ao nível dos vossos méritos, para poder viver a vida que viveis; não assinala, para mim, “o comêço da grande tranquilidade final”, que

só a immortalidade acadêmica pode assegurar, mas sim o começo da grande agitação inicial, em que o espírito, mobilizando todas as suas forças, apresta-se para a grande luta da conquista da glória.

Isso, não obstante, Sñrs. Acadêmicos, recebo-a com a alma a afogar-se num oceano de alegria e de affecto, entrevedo na gentileza fidalga do vosso acêno, uma grande e especial significação. Essa distinção com que tanto me exaltastes, se não atinge as proporções grandiosas de uma consagração, se me não confere "a grande tranquilidade final", nem me traz a doce "segurança de mim mesmo", é, todavia, um poderoso estímulo, um forte encorajamento que me proporciona para proseguir na minha jornada beletrística; significa os aplausos com que acolhestes as primeiras florações de meu espírito, as palmas com que coroastes a minha dedicação ao cultivo inefável das boas-letas, as consoladoras promessas das vossas benções para o futuro.

E a vossa generosidade não parou aí! Não contente com proporcionar-me um lugar em companhia tam ilustre, para participar das delícias do florido jardim da vossa espiritualidade, para gozar convosco das riquezas abundantes dos vossos tesouros, para ser um novo conviva no banquete opíparo da intelectualidade, ainda me apontou um exemplo, um belo exemplo — o Padre Ernesto Camilo Barreto, mestre de tantos mestres, aquele que tam justa fama conquistou como paladino da Fé Cristan e como paladino das sciências e das letras.

E que grande ufania a minha, senhores! E que maior motivo de orgulho para um professor católico, que viu defluir suave e feliz a sua puerícia e adolescência à sombra dos veneráveis muralhões de um colégio religioso, do que vir assentar-se na cátedra em cujo espaldar refulge, como um grande símbolo, o nome consagrado do Padre-Mestre?!

Mas assim ordenastes a desprimor inescusável seria não no cumprir.

Senhores:

Ha na complexa organização do ilustre padre de Cachoeira, vários aspectos a estudarem-se, comportando, cada um dos quais, alentada monografia; pois o seu invejável engenho desdobrou-se fecundo entre a cátedra e a tribuna, que engrandeceu, entre a política e o jornalismo, que sublimou.

Homem vivaz e ardente, lídimo representante das honrosas

tradições de coragem, de energia e de heroísmo dos bravos restauradores da Baía, impetuoso como as catadupas, que se despenham fragorosas na sua terra natal, herdara dos seus avoengos aquele gênio altaneiro e combativo, que o impeliu, em vigorosa e esplendente mocidade, para o torvelíneo infrêne da política militante, onde a sua actuação se fizera sentir, inteligente, sensata e eficaz, na defesa dos sãos princípios democráticos, combatendo "com a destreza do gladiador e o denodo do atleta" os desacertos e as injustiças acumulados pela política bastarda, o abuso, o arbítrio e a prepotência dos maus governos.

Ungido de Deus e unguido da Pátria, prestou à Igreja e ao País os mais assinalados serviços. Do mesmo passo que empolgava as assembleias dos crentes, arrebatando os seus ouvintes nas asas do seu verbo cheio de unção religiosa, na explicação dos logares santos, arroubado pelas violentas comoções do seu patriotismo, nos momentos mais afflictivos da nossa vida política, quando os direitos se desrespeitam, as paixões se desencadeiam, as autoridades públicas desprestigiam-se, as leis estiolam-se, as instituições sossobram e a descrença os domina, ei-lo a inflamar com a sua palavra candente como as lavas de um vulcão as turbas revolucionárias, iluminado-as e conduzindo-as, em memoráveis arrancadas reivindicatórias, ao triunfo dos seus direitos conspurcados, à conquista das suas justas aspirações.

Nele, ora refulgia o gênio filosófico e doutrinador de D. Romualdo de Seixas, ora coruscava o espírito bravo e revolucionário de Frei Caneca.

E foi assim que o vimos, árdego e destemido como o valeroso frade pernambucano, mas com o decóro e a nobreza condizentes com a sua alta jerarquia sacerdotal, enfrentar superiormente o sanhudo Presidente António Pedro de Alencastro, nos sombrios dias do seu governo cheio de fortes explosões de partidarismo, de violências e de opróbrios.

Campanha foi essa formidável, Sñrs., célebre nos fastos da nossa história, em que a inteligência e a bravura indómita do Padre, pairando muito acima da pequenina mentalidade política de um régulo, tamanhos e tam valentes golpes lhe vibraram, que provocaram a sanha violenta da autoridade atrabiliária; mas, se de uma parte, aqueles golpes valeram ao intemerato sacerdote os vexames de uma prisão e deportação escandalosa, de outra parte, aqueles requintes de prepotência fizeram com que o tresloucado Presidente ouvisse, como um réu perante o tribunal, a leitura solene da sentença que o apeou do poder.

Senhores :

Um carácter eminentemente doutrinista identificara a tal ponto o Padre Camilo Barreto com as árduas lides do magistério que, como bem disse Ovídio Correia, na sua bellissima oração de recepção neste cenáculo, assim na imprensa como na tribuna do parlamento, "servia-lhe sempre de tema a instrução, ensinando e doutrinando".

Mas é que o insigne Mestre bem penetrara a extensão e sublimidade da sua missão duplamente evangelisadora; — é que êle entendia, com muito acêrto ser a instrução "a obra humana mais alta que se pode fazer, uma verdadeira prolação da obra divina, no que ela tem de mais nobre e elevado — a criação das almas".

E, realmente, senhores, ensinar é tirar do nada, é criar, é moldar uma nova alma ao sôpro da própria alma, é participar da natureza criadora do Supremo Mestre. Ensinar é iluminar as inteligências, é abri-las para a vida, para o mundo; é dar ao bruto a dignidade de criatura humana, consciente de que vive e do fim para que vive, é levar ao espírito essa luz que vivifica e que anima, que engradece e que sublima, "essa luz que é a verdade, que é o bem, que é a justiça, que é a perfeição, que é a beleza máxima, que é o próprio Deus".

Digno discípulo dos célebres padres do Seminário de Belém da Vila de Cachoeira, dêles herdara Camilo Barreto aquele amor quási idolatria para com a instrução da mocidade, a que se êle entregara com verdadeiro entusiasmo, e tanto fez nessa ingrata seara, tantos frutos colheu nessa vinha afanosa, que a sua vida passou, mas o seu nome perdura ainda "envolto em refrações de benemerência e celebridade".

Pedagogo na amplitude máxima do termo, nele o dom precioso da clareza corre parelha com a excelência da concisão e da propriedade, apanágio dos espíritos de distinção, e, no concêrto harmônico dessas supernas virtudes, encontra-se, sem dúvida alguma, o segredo dos seus ruidosos triunfos, dos loiros imarcessíveis que colhera nos campos de Minerva e com os quais teceram os seus coetâneos a corôa de glória, com que lhe cingiram a fronte duas vezes sagrada.

As auras que passam, brandas e perfumadas, a beijar, na volúpia de uma eterna lua de mel, a viridente ramagem dos frondosos "acaiás", que ensombram o solitário edifício do Seminário da Conceição, e as águas cristalinas que rolam, plácidas e murmurantes, pelo leito sombrio do ribeirão "Pary", trazem ainda aos nossos ouvidos, numa música cheia de saudosa harmonia, os écos melancólicos e semi-apagados daquela grande voz, vi-

brante e persuasiva, ora a discorrer grandiloquente sôbre as excelências da razão católica em face da razão filosófica, ora a ensinar os seus alunos os rudimentos de Humanidades, estudos êstes de que foi um dos mais aprimorados cultores.

Como uma reminiscência dessa fase gloriosa da sua carreira, quiçá a mais brilhante e proveitosa da sua actividade intelectual, deixou-nos o ilustre preceptor, no precioso acêrvo da sua bagagem literária, as suas "Lições de Teologia Exegética, Religião e Logares Teológicos", "Filosofia Racional e Moral", "Teologia Dogmática" e um "Manual da Língua Latina", pelos quais se pode aferir as excepcionais qualidades de talento do emérito educacionista e Protonotário Apostólico, e a sua dedicação á causa sacrosanta do ensino na nossa querida terra.

Foi êsse, senhores, indiscutivelmente, o traço mais pronunciado, a nota mais vibrátil do talento proteiforme do Padre-Mestre, e, porventura, a que maior popularidade deu à sua pessoa cingindo o seu nome num halo das mais profundas simpatias.

E, como o cisne, que morre cantando, morreu o Padre ensinando

"As leis sublimes do amor,
Amor que à Pátria votamos,
Como os ninhos pelos ramos,
Como o orvalho pela flôr".

E quando a morte, ao serviço inexorável do Destino, ceifa uma vida material, fecunda e luminosa como a do Padre Mestre Ernesto Barreto, bem justo é que a perpetúe a memória e a gratidão da posteridade.

Espírito dúctil, servido por um apurado senso analista e por uma grande acuidade de observação, adquiridos através dos seus estudos filosóficos e no assíduo trato dos grandes mestres; animado por uma delicada sensibilidade, e, sobretudo, dotado daquela notável suavidade de estilo, facilidade, abundância e garbo de expressão, que o sagraram mestre consumado da palavra escrita e falada, mesclou o Padre a todos êsses dotes excelentes, que somente sóem reunir espíritos de eleição, aquela cultura sólida e profunda de versado humanista, abeberado nas genuínas fontes greco-latinas.

Com tais primores de recursos, o feroso sacerdote, filho da terra clássica de Ruy Barbosa e de Carneiro Ribeiro, o maior centro de civilização e cultura daqueles tempos, constituiu-se um dos mais valiosos factores da formação e desenvolvimento da cultu-

ra matogrossense, destacando-se, num relêvo acentuado, em meio à luzida plêiade dos intelectuais coêvos, como o centro, em torno do qual gira todo o movimento intelectual do seu tempo.

No meio da grande efervescência literária de que foi teatro a lendária Capital Brasileira, afeiçoado desde os mais verdes anos a ouvir as vozes eloquentes dos mais autorizados mestres de Retórica, de que tanto se ufanava o Seminário de Belém da Cachoeira, e procurando, ademais, conservar as gloriosas tradições dos insignes prégadores da estôfa do grande Vieira e dos seus dignos êmulos Eusébio de Matos e António de Sá, os quais cobriram das mais lídimas glórias o púlpito brasileiro, destacou-se, também, o Padre Camilo Barreto como primoroso orador sacro.

Professor dos mais abalizados de Retórica e Filosofia, familiarizado com as regras dos insignes panegiristas à Massilon, à Bossuet e à Bourdaloue, dotado de um estilo parcimonioso de enfeites, mas nem por isso menos majestoso, ostentando, atravêz da riqueza da sua fraseologia tôda a beleza fascinante dos seus pensamentos, tôda a pompa e colorido das suas imagens, alteava-se o Padre em surtos condoreiros, derramando, em derredor, os magníficos revêrberos de uma dição altiloquente, doce e perfumada, que, por vezes, nos lembra o grande Sampaio ou o sublime Monte Alverne.

Primoroso assim no dizer como no escrever, avulta a figura hierática do Padre-Mestre, não somente entre os mais inspirados oradores que ilustraram a tribuna sagrada do seu tempo, senão também entre os escritores exemplares e um dos mais dedicados servidores das letras.

Tomemos, ao acaso, um tópico do seu discurso pronunciado por ocasião do lançamento da pedra fundamental do edifício do Seminário Episcopal da Conceição. Como sempre, serve-lhe de tema a instrução e educação da mocidade :

“Fortes pelas nossas convicções lancemos os ombros a esta obra, que só o gênio católico podia conceber e executar, porque só assim, Sñrs., aproximareis com mais presteza de vossos filhos — o pão da inteligência, e lhes dareis sem os custos da saudade, ainda em verdes anos, e sem perigo da perversão dessas primeiras impressões morais e religiosas, que lhes fizestes beber no lar doméstico, uma instrução convenientemente preparatória para os cursos maiores, para que assim alimentados nas lições da casa de Deus, aprendam a ter por vestimenta a roupa

embranquecida no sangue do cordeiro, o cinto da castidade, o calçado da imitação de Cristo, o anel da fidelidade ao dever, os braceletes da submissão, o colar da paciência, o camafêu do amor da cruz, o ramalhete do fervor, o diadema da sabedoria, as rosas do pudor, o enfeite da modéstia, os perfumes dos bons exemplos, as pedrarias do mérito das boas obras, a amplitude da dedicação, a santa altivez da fé, o ar seguro da esperança, e o ouro da caridade”.

Admirai, senhores, a correcção e pureza da sua linguagem castigada ao rigor clássico, a simplicidade e a elegância do seu estilo, o fulgor das suas imagens!

Ao lado de uma linguagem bem condicionada, vasada nos mais apurados e elegantes modelos clássicos, despida das affectações que tanto empanaram o brilho dos escritores da sua época, encontram-se os mais preciosos tesouros de erudição. A sua frase harmoniosa deslisa correntia e singela, vestindo os mais elevados pensamentos.

Não fazemos nenhum favor em confessar que a obra do Padre Camilo Barreto é toda ela merecedora da nossa estima. Os seus trabalhos, infelizmente raros, revelam o seu fino senso estético, e êsses primores de forma, que só o dedo dos mestres sabe imprimir.

Ainda que, de par com os veios abundantes do ouro de lei da linguagem, encontremos, uma que outra vez, os cascalhos que soem desalindar as nossas falas, nem por isso podemos deixar de reconhecer nos seus escritos o sinete da bôa e genuína vernaculidade, os requisitos da lídima prosa portuguesa.

Dessas pequeninas nugas também foram acusados o imortal Camões, o incomparável Vieira, o grande Camilo, o puríssimo Bernardes, o soberbo Ruy e outros tantos exímios e imortais obreiros do nosso idioma, provocando ao estrênuo Filinto a pergunta: “E onde se acha escritor que não péque e que não dê à critica?”

Nas suas memoráveis orações, de que nos dão notícia os velhos alfarrábios carinhosamente conservados nos arquivos do Seminário da Conceição, não raro se nos deparam deslises decorrentes de certa vacilação no uso da crase, aliás muito encontradiços nos escritores do seu tempo, assim como da incerteza na topologia pronominal e da indébita combinação das formas pronominais SE e O, A, OS, AS, ao sabôr gaulês, além de outros pequenos senões, de que não foram imunes os maiores artistas do classicismo.

De resto, Senhores, ha nos vastos domínios da linguagem muitos fenómenos, que somente nos tempos modernos foram estudados à luz da sciência e perfeitamente elucidados.

Ora, se o exímio Sotero dos Reis, filólogo gigante como aprouve chamar-lhe ao doutíssimo professor da Universidade de Coimbra Cardoso de Figueiredo; que já em 1862 publicava, com os mais acalorados encômios dos competentes de aquêem e de além-mar, as suas eruditas "Postilas de Gramática Geral", livro reeditado em 1868, contemporaneamente à actividade literária do Padre Camilo Barreto, e que constituiu o marco inicial da sua glória, "as primícias magistrais" de um profundo sabedor da nossa língua, se Sotero dos Reis, grande entre os grandes, reverenciado pelo gênio imortal de Ruy Barbosa, incidiu nesses mesmos senões, é que tais factos linguísticos, ao tempo, ainda não tinham rompido as brumas da indecisão que os envolviam; é que sôbre êles a sciência soberana ainda não havia pronunciado o seu *verdictum*.

Somente assim se podem explicar semelhantes deslises em escritores que, como o Padre-Mestre, foram sempre as sentinellas avançadas da vernaculidade da nossa língua. Concedei-me vênha para ler-vos ainda um trecho da sua erudita oração de sapiência pronunciada no Seminário Episcopal da Conceição, sôbre a razão católica e a razão filosófica:

"Vejamos agora as consequências dessa doutrina falaciosa acerca da natureza do homem. Desde que a filosofia puramente racional, ou a razão filosófica, desconhecendo o princípio que se completam mutuamente pela sua união, não tendo mais do que um só e mesmo ser, nem formando mais de um composto substancial, considerou o homem apenas como um composto accidental, e a alma e o corpo como duas substâncias completas cada uma por si mesma, tendo cada uma seu ser aparte, e operações próprias -- foi obrigada a imaginar leis, a inventar sistemas e combinações para explicar o acórdão maravilhoso das sensações com as volições: e daí êsses quatros sistemas falsos, que os modernos têm renovado sob o nome de Harmonia preestabelecida, Causas ocasionais, Influxo físico e Mediador plástico. Mas estas pretendidas leis, êstes diferentes sistemas nada têm e nada podem explicar: dizem uns: se a alma opera por si mesma, se gera suas ideias sem concurso algum do corpo, o que é o corpo, a que vem êle se nada por êle concebemos?

E para abreviar a questão, negam a realidade do corpo humano e daí progridem para a de todos os corpos do universo, e ei-los estabelecendo o Idealismo. Outros como os Epicúreos dizem: se o corpo tem em si mesmo, independente da alma, um ser próprio, se o corpo existe, como o objecto movido diante do seu motor, como o batel ante o barqueiro ou como o servo em frente do seu senhor; se é êle que, recebendo as impressões todas dos objectos externos, sente e executa seus próprios movimentos e operações, a que vem uma alma? O corpo nós vemos e tocamos, a alma nem a vemos nem tocamos; logo se ha alguma cousa de certo, é que não existe alma; assim negando a existência do espírito do homem, de consequência em consequência, êsses filosofantes negam a de todo espírito, sem exclusão do mesmo Deus, e d'aqui o Materialismo, o Ateísmo. Entre êstes dois sistemas é que se tem dividido tôda Filosofia antiga e moderna, que apoiando-se sôbre si mesma desconheceu a base fundamental da verdadeira sciência do homem, o princípio da unidade substancial d'alma com o corpo”.

E assim defluiu todo o discurso. E', efectivamente, uma magistral oração de sapiência, onde não sabemos que mais apreciar: se a aprimorada cultura filosófica, revelada, que farte, se a castidade e a harmonia da linguagem; se a clareza cristalina do estilo, se a admirável plasticidade e exuberância do vocabulário.

Difícultosos e ásperos que fossem os seus assuntos, tudo cedia ante os vastos recursos da sua dialéctica, ante os extraordinários dotes do seu engenho: as dificuldades aplainavam-se, as asperezas suavizavam-se, e as matérias mais árduas e transcendentês êle as tornava amenas e accessíveis.

Proferida, vai para mais de meio século, essa oração, do mesmo modo que as demais obras que nos legou a pênna fulgurante do Padre Ernesto, ainda hoje prende a atenção e se recomenda à estima dos doutos, quer pela grandiosidade dos seus motivos, quer pela excelência dos sentimentos que transmite, quer pela delicadeza das emoções que desperta, quer pela sublimidade das lições que ministra, quer pelos primores de vernaculidade que a esmaltam.

Linguagem discreta, sem refinamentos, arrebiques e torcicolos dos gongóricos, mas antes elegante e apropriada, variando segundo a natureza dos objectos e conforme os caracteres dos indivíduos, a sua expressão espelha fielmente a semelhança das coisas e

o seu estilo reflecte os seus motivos nas suas côres mais vivas.

A gravidade e unção religiosa da sua matéria, a solenidade dos seus pensamentos, não n'as comprometem as pompas de uma retórica empolada. O fulgor da verdade que prégava, não n'os empanam os excessivos adornos de um estilo bombástico. Os seus ornatos, é a razão que os escolhe; as suas figuras, ditavam-nas a sobriedade e o bom senso.

A sua filosofia, aquecida ao lume dos seus grandes sentimentos e a sua eloquência cheia de animação e de vida, convidam os seus ouvintes ao recolhimento e à meditação, para, ao depois, abrir os escaninhos de sua alma às resplandecências dessa claridade sublime que Deus acende nas inteligências privilegiadas — a Fé.

Infelizmente, senhores, perderam-se os seus artigos estampados na imprensa do seu tempo, por onde poderíamos apreciar a sua actividade jornalística e a influência dela na nossa vida social e política; mas conheceram-n'os alguns sobreviventes dessa época, testemunhas do seu valor, da eficiência da sua actuação e abonadores do seu alto merecimento.

A figura hierática do illustre Protonotário Apostólico avulta, não só na história matogrossense a que deu o melhor da sua energia e da sua inteligência, senão também na do País, a que prestou inolvidáveis serviços como Representante na Câmara Geral, a que se elevava, exclusivamente, pelo valimento das suas obras e pela solidez dos seus merecimentos, conseguindo posição honrosa ao lado das mais lídimas glórias nacionais.

A sua influência, pois, altamente moral e social, êle a exerceu, já como ornamento do Clero Nacional, cujas mais altas dignidades perlustrou, já como político de real prestígio e opulenta cultura cívica, a queimar o incenso de um patriotismo sadio diante do altar sacrosanto da Pátria, já como jornalista de escol, vigoroso e ardente, a vibrar o escarpêlo da sua crítica fulminante, ou a projectar as scintilações do seu gênio nos formidáveis artigos doutrinários com que honrou a nossa imprensa, já como preceptor incansável da mocidade, onde o seu nome avulta e sublima, profundamente querido e venerado. E é por isso que a sociedade matogrossense, pela fina flôr da sua intellectualidade, ainda hoje lhe rende o tributo sempiterno da sua gratidão e da sua saudade.

Senhores: Leovigildo de Melo, a quem primeiro coube a honra de ocupar esta cadeira, foi aqui uma explêndida prolação

do apurado senso pedagógico e da vívida eloquência do Padre Barreto, como o fôra Ovídio Correia da sua formidável bossa jornalística.

Não era Leovigildo um matogrossense, como matogrossense não fôra o Padre Ernesto Barreto. Digno descendente dos bravos bandeirantes, vanguardeiros intemeratos da nossa civilização e do nosso progresso, era Leovigildo paulista de nascimento; fizeza-se, entretanto, um dos nossos, estreitando-se conosco pelos sagrados vínculos do coração, incorporando-se, espontaneamente, ao nosso meio social, para viver a nossa vida, para argamassar com o suor do seu rosto os alicerces do nosso progresso, para propugnar com carinhoso desvêlo a nossa cultura intelectual, enricando e enobrecendo a terra, que em bôa hora elegera, para nela viver, lutar e morrer.

E em al não empregou a sua breve e luminosa existência. Aqui mesmo, dentro das quatro muralhas dêste nobre edifício, vimo-lo dedicar uma bôa parte da sua vida, palpitante de mocidade, de energia e de entusiasmo, numa como exaltação fogosa, que dia a dia se renovava e crescia, na ânsia de colaborar no nosso engrandecimento, de lutar pela nossa instrução, entretecendo, êle mesmo, essa corôa esplendente das mais vivas e duradouras simpatias com que lhe engrinaldara a frente a posteridade agradecida.

Talento fecundo e polimorfo como o do Padre Ernesto, do mesmo passo que actuava proficuamente na instrução da mocidade, jardineiro da inteligência, a cultivar a "oliveira glauca", a planta simbólica nutridora da infância, do mesmo passo que gravava o seu nome, com caracteres de ouro na história do nosso ensino público, doutrinava com raras refulgências no jornalismo e lidava inteligentemente no Forum, recamando as múltiplas facetas do seu engenho com a prata da sua linguagem polida, com o ouro da sua inspiração ardente a que imprimiam brilho e realce os toques da sua incendida eloquência.

Posto se tenha destacado valentemente nas pugnas do jornalismo, posto haja conquistado merecidas palmas no exercício da oratória, graças aos seus apreciáveis atributos de ilustração e de linguagem vernácula, enlevando, muitas vezes, o seu auditório, com o fulgôr dos seus períodos depurados no cadinho dos clássicos e refloridos aos cálidos bafêjos da sua imaginação viva e delicada, foi Leovigildo, antes de tudo e sôbre tudo, um pedagogo, um educador de eleição. Essa a sua faculdade mestra, essa a nota predominante do seu talento, a que melhor define a sua individualidade.

Senhores:

São de ontem os seus discursos, e Ovídio Correia os enumerou na sua belíssima oração de recepção neste sodalício. Assim como eu, muitos de vós vos tereis deliciado com ouvir-lhe o verbo candente e iluminado, a desprender dos seus lábios, em auroras de harmonias, a estravasar-lhe a alma cheia de fé, na veemência dos seus affectos e a derramar o seu coração em arroubos do mais vigoroso entusiasmo, em transportes de acendrado amor à causa da instrução e da educação da mocidade.

E' que êle, mui judiciosamente considerava a educação popular e pedra angular das sociedades, a fonte única de todo o bem e o princípio soberano da verdadeira beleza, assim como a sua falta a causa de todos os males que corroem o organismo social, a raiz de todas as desgraças que assolam a Humanidade.

Dêses discursos, através dos quais podemos formar um juizo seguro do talento do seu autor, sobresai o que proferiu na qualidade de paraninfo à primeira turma de professores diplomados pela nossa Escola Normal, da qual foi êle fundador, primeiro director e professor de Pedagogia.

Eu o ouvi com admiração: ouviu-o com verdadeiro enlêvo um auditório selecto como êste. Apreciamo-lo todos nós ao calor da eloquência do festejado orador. A par do extraordinário cunho de affectividade, que gravou nessa oração encantadora, verdadeiro hino à missão divina do magistério, patenteou Leovigildo os seus excelsos dotes de consumado pedagogista, consubstanciados no esmêro, na concisão e na clareza da sua linguagem, na exposição metódica dos seus conceitos, baseados numa análise percuciente e segura, transluzindo, em tôda ela, o belo espírito do emérito educador paulista, em tôda a sua plenitude e majestade.

Inteligente e operoso colaborador da administração modelar do Snr. Pedro Celestino Correia da Costa, foi êle quem levou a efeito a reorganização do nosso ensino público primário, de harmonia com os mais modernos e aperfeiçoados planos pedagógicos.

Quando outros títulos lhe faltassem, somente êsse empreendimento notável, do qual tem auferido o Estado incalculáveis benefícios, bastaria para torná-lo credor da nossa estima, para erigir-lhe um trôno nos nossos corações.

Quam salutar, senhores, é a influência, que no espírito dos povos, exercem as mentalidades sadias e bem organizadas como

a de Leovigildo de Melo e a do Padre Camilo Barreto, maximé num meio como o nosso, em que, peza-me dizê-lo, estadeiam sobranceiras a ignorância e a superficialidade, reinando e governando atrevidas, num domínio incompreensível sôbre a intelectualidade desprestigiada; em que ainda se não percebe nitidamente a importância suprema da educação popular; em que apenas se apuram, para o custeio da grandiosa cruzada do ensino, as minguidas sobras de orçamentos, migalhas ridículas, quando grandes créditos se abrem para outros serviços públicos, como se cousa alguma pudesse sobrelevar em importância à educação popular, como se não fosse a inteligência do homem o factor máximo da grandeza e da felicidade das nações.

Não é nos cárceres e nas enxovias, Senhores, que se curam os males sociais e que se regeneram os caracteres dos homens; mas sim na escola, nessa eterna oficina do Bem, onde se moldam os grandes paladinos do Dever, da Justiça e da Honra, os pioneiros da Paz e da Bondade, sôb a influência de preceptores apóstolos, como souberam sê-lo Leovigildo de Melo e Ernesto Barreto.

Passaram-se ambos para o silêncio da eternidade, deixando da sua perigração pela vida os traços inapagáveis do seu esforço, da sua inteligência e da sua cultura.

* * *

E de Ovídio Correia, que vos direi? Nada! Ele me escuta à distância e temo que as minhas palavras lhe resôem aos ouvidos como a expressão de falaciosos sentimentos, como o éco de falsos louvores. Dir-vos-ei, apenas, que como o seu saudoso antecessor, soube êle guindar-se às culminâncias em que planara o seu patrono, honrando, com os possantes remígios da sua primorosa inteligência, a cadeira que ora venho ocupar.

Dir-vos-ei mais, que não ha mister encarecido o seu mérito, já asselado pelo espírito público, e por êle trabalhado pacientemente em longo tirocínio na grande escola do jornalismo. E' aí que o seu nome avulta respeitado como batalhador intrépido e destemido, como polemista de vastos e aprimorados recursos. É de hoje a sua actuação; êle a exerce ainda com o mesmo vigor e com o mesmo brilho de sempre, só não na conhecendo aqueles que se desinteressam do evoluer da nossa vida intelectual.

Nas memoráveis campanhas políticas por êle valentemente sustentadas, nunca o vimos vacilar; nunca o vimos descer daquele plano elevado e nobre, onde sempre se colocara para prégar as suas doutrinas, para derramar os seus conhecimentos práticos, fazendo

da imprensa um veículo de ensinamentos proveitosos, uma verdadeira escola de educação popular, um forte instrumento de civilização e de progresso e nunca o cadinho em que se fermentam os ódios e as dissensões que geram os crimes, o pelourinho em que se aniquilam infamemente a reputação e a honra alheias.

Dir-vos-ei ainda, que a sua preciosa colaboração, a que elle costuma imprimir um cunho prático e sobremodo interessante, desde as primeiras florações do seu jovem espírito, recolhidas ávida e carinhosamente pelo mimoso "COLIBRY", sempre foi requestada pelos mais reputados órgãos da nossa imprensa, prestando a todos o brilhante jornalista o concurso inestimável do seu engenho fecundo, ilustrando-os e enobrecendo-os com os seus artigos da mais palpitante actualidade, a que empresta as formas nobres e elegantes e uma linguagem correcta e esmerada.

"Cultivar a fôrma, escreve Ovídio, é amar o Belo, e o Belo predispõe sempre o nosso espírito para o Bem, eleva o pensamento, e é o principal factor do progresso e da civilização".

Assim sempre entendeu e assim praticou; daí as suas vitórias e o seu renome.

Senhores Acadêmicos:

Com a minha admissão nesta nova cleresia, não fugistes à coerência com o vosso grandioso programa, magistralmente delineado pelo vosso Presidente de Honra D. Aquino Correia, no seu memorável discurso inauguravel deste Instituto Acadêmico; mas antes o reafirmaste peremptoriamente. Mais uma vez proclamastes bem alto a excelência do objectivo pelo qual vos reunis, que não é, por certo, fazer resurgir a clássica Hélade com os esplendurosos festões da sua civilização; não é intuito vosso reviver a Acrópole ateniense com os seus soberbos monumentos, nem elevar todos os espíritos ao Olimpo da beleza ideal do gênio helênico; porêm franquear as portas do vosso templo ao aspirantado do vosso culto sublime, despertar as nossas almas e predispô-las para sentir, admirar e gozar as delícias inefáveis do Belo. A vossa finalidade, pois é o culto da Beleza nas suas manifestações literárias: — *Pulchritudinis studium habentes*.

O culto do Belo! Eis, meus senhores, a súpula estupenda do programa que adotastes, o qual deletreei bem antes de vir para o meio de vós e aceitei-o por sabê-lo accessível a todos os espíritos.

O Belo, que se ostenta na natureza, recamando-a de pompas que a encantam e ornando-a de mil atractivos que extasiam o espírito humano, esplende também na arte, em todas as suas variadas manifestações. Daí o conceito que sintetizou todo o ideal romântico: — “Tudo que está na natureza, está na arte”. Sim, senhores, a arte é o eterno espelho da natureza e esta a oficina do Belo.

Consoante êste conceito, pois, o Belo da arte não é outra cousa que a imagem perfeita do Belo da natureza, o qual, por sua vez, resume tôda a harmonia, tôda a perfeição, tôda a pureza, tôda a graça, todo o encanto e tôda a majestade dêsse conjunto admirável, dêsse monumento incomparável da divina sabedoria.

O nosso papel, portanto, no estudo e cultivo do Belo, é reproduzir na arte das manifestações do nosso espírito, tôdo êsse mundo de magnificências prodigamente espalhadas na natureza pelas mãos do Supremo Artífice; é carrear para a formidável colmeia das letras, à semelhança das loiras abelhas de Horácio, tudo o que encontrarmos a palpitar no vergel abundante e florido da natureza.

E os maiores gênios, Senhores Acadêmicos, são exactamente aqueles que conseguem enfeixar nos seus escritos todos aqueles elementos capazes de despertar a nossa emoção e deleitar o nosso espírito. Entre êsses elementos, sobresaí, necessariamente, o gôsto da fôrma, sem o qual não pôde haver perfeição.

Cultivemos, pois o Belo, que se concretiza na correcção e esmêro da linguagem, dessa linguagem que mana pura e cristalina das “venerandas frentes grega e latina”; cultivemos o Belo, que se resume na perfeição máxima, não apenas do verso, a aspiração suprema da Escola Parnasiana, mas da fôrma, em geral.

E, para isso, impõe-se imperativo, o culto da vernaculidade, o que, conforme já disse alhures, só se consegue no trato constante e perseverante dos clássicos, no versar amiudado dos “humildes frades de antanho”, como Luis de Sousa, Manoel Bernardes, António Vieira, Filinto Elisio e outros, que se constituíram os melhores modelos da bôa linguagem portuguesa.

Cultivemos o Belo, Senhores, o tempo é oportuno e as suas leis estão ao alcance de todos. Aproveitemos êsse sôpro suave de paz, de tranquilidade e de confiança, que ora nos embala. Formemos aqui a grande aristocracia do espírito, a qual, consoante o imortal Ruy Barbosa, “não depende absolutamente da riqueza, mas da elevação das impressões, da nobilitação do sen-

timento, da inteligência delicada das relações entre o indivíduo e o mundo exterior, condições que o tornam compatível com a mediania das classes laboriosas. É' uma réstea de luz, que o luxo reproduz de prisma em prisma nos paços suntuosos do argentário, mas que penetra e acaricia com tôda a doçura da sua claridade a casa sóbria do homem de trabalho."

Pulchritudinis studium habentes.



II

DISCURSO DE RECEPÇÃO

pelo socio

Franklin Cassiano da Silva



Exmo. Snr. Dr. Interventor Federal
Exmo. Snrs. presidentes de honra e effectivo do Cen-
tro M. de Letras
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,
Caros confrades:

Mæterlink, nas suas meditações tão philosophicamente profundas, colloca o destino nas mãos dos homens como um brinco infantil, leve, ductil, amoldando-se, de accordo com os nossos interesses, ao sabor da nossa vontade.

Ora, senhores, não sou fatalista mas, em que pese á autoridade desse grande pensador, sinto que o destino nos envolve muitas vezes em teias finissimas, prende-nos, domina-nos e illudindo a nossa sabedoria, lança-nos em aventuras de natureza differente de nós mesmos.

Tal se me afigura a minha presença nesta tribuna.

Avesso por indole e temperamento ás lides da oratoria, não fôra a força do destino que me lançara em situação imperativa de obediencia ao ritual da nobre sociedade a que pertenço; não fôra a ligação de camaradagem que me prende ao recipiendario desde os saudosos tempos dos nossos devaneios juvenis nos serões litterarios do Gremio "Alvares de Azevedo" e, por certo, esquivar-me-ia da honrosa incumbencia de, em nome do Centro de Letras, apresentar-lhe os nossos votos de boas vindas.

Accresce ainda senhores, que o rever, embora em rapidos traços, a vida do novel academico, tem para mim o attractivo de um retorno ao passado e a fragancia deliciosa de uma petala de rosa esquecida por entre as paginas de um livro que lemos outr'ora entre os sonhos de nossa juventude.

Seu contemporaneo, tendo convivido com elle a mór parte de sua vida, bem facil me pareceu estudar-lhe o o feitio complexo da individualidade.

Que me enganei não será preciso que vos diga!

Já disse algures que a complexidade da vida de um jornalista escapa, as mais das vezes, á nossa percepção analytica, e Nilo é, antes de tudo, um JORNALISTA — Jornalista! Considerai bem a extensão a que se propaga um jornal, conceitúa judiciosamente Mario de Alencar; "attentai bem para essa folha volante, anonyma, gazeta de vintem ou tostão, insinuante como o ar, dispersa como o pó que o vento levanta, celere, um momento em cada ponto da cidade, em cada cidade, em cada paiz, em cada mão" e comprehendereis o valor, a força dessa orientadora de opinião, dessa alavanca poderosa, destruidora de thronos e constructora de nacionalidades.

Com a attração irresistivel da grandeza e do poderio que della dimana é natural que seduza a alma sonhadora da juventude que della se approxima como de uma fonte de glorias e de preponderancia; dahi ser o jornalismo a feição natural com que as inteligencias entre nós formam reputações litterarias.

Ha uma symbiose do jornal e da litteratura de modo que, diz Austrégesilo, "commumente os homens de letras sahem do jornal".

E vós, caro confrade, não fugistes a regra! Iniciastes cedo ainda a vossa vida jornalística, collaborando na Revista "Matto-Grosso", e no "O Neophito" e da-

hi por diante, numa trajetória brilhante, collaborastes ainda na "A Imprensa", "O Reverbero", "A Liça", "O Democrata", "A Cruz" e o "Motorista".

Fundastes "A Opibião", "Cuiabá Revista" e "Cuiabá Jornal".

Em todos esses jornaes, com vossa assidua e efficiente collaboração, deixastes os traços inapagaveis do vosso espirito de escól.

Compreendendo numa visão elevada o papel confiado aos jornalistas como vehiculadores de opinião, não fizestes da vossa penna um venenoso estilete de maledicencia nem a rebaixastes á categoria de turibulos incensadores dos grandes e dos poderosos.

Ahi estão os vossos artigos, mesmo os de campanha, como os de "Imposto de pavimentação", em que a vossa penna nunca desceu a retaliações pessoaes como sóe infelizmente acontecer a esses pseudo-jornalistas que na inconsciencia da sua presumpção desacreditam os homens publicos, e prejudicam o Paiz aos olhos do estrangeiro; num demagogismo irritante, destróem reputações, levantam escandalos e engolphados depois no prazer neurasthenico e doentio da sua furia iconoclasta sorriem satisfeitos sobre as ruinas causadas pela sua penna demolidara.

Vêde pois, carissimo confrade, que o Centro de Letras" em vos recebendo neste augusto sodalicio como substituto do illustre confrade Ovidio Corrêa, nada mais fez que buscar em vós o companheiro necessario para a nossa cruzada intellectual.

A chave symbolica que julgais receber de minhas mãos e que "vos hade illuminar e espirito" já a possuieis em as vossas mãos conquistada pelo vosso labor, pela actividade multiforme da vossa brilhante intelligencia.

Senhores.

Ha pouco mais de cinco annos, após os prelios do concurso a que se inscrevera, conquistava Nilo Póvoas a cathedra de professor de Portugêz da nossa Escola Normal.

Começa dahi a sua actividade philologica.

Imbuído das doutrinas de Mayer Lübck, Darmesteter, Bréal, Bourciez e outros coripheus da philologia moderna, inicia as suas "notas e commentos" nos quaes estuda o nosso idioma procurando corrigir os erros e os vicios que o enfeiam e deturpam.

Não quero e nem é minha intenção, neste momento entrar em apreciação, do valor dos conceitos, das justesas das argumentações do neo-philologo, sobre os assumptos versados.

Cérto porem, que não deixam de conter, certa dóze de caturrismo intransigente dos puristas de quem disse- ra o illustre poligrapho Medeiros Albuquerque que, quando os lia, experimentava a sensação de visitar um museu de raridades em companhia de um guia inteligente e illustrado. — E' um prazer. Mas se alguém quizesse forçal-o a levar aquillo para casa, elle sairia correndo — Nunca!

Ha, sem duvida, exaggero na comparação do illustre poligrapho, mas deve-se levar em conta que escriptores como Medeiros estão sempre em desaccordo com os puristas.

Quasi da mesma epóca é o "Esboço da Historia da Literatura Brasileira" prefaciada por D. Aquino.

Quem começa escrever um livro é o discipulo de quem escreveu, diz não sei que autor.

Nunca tive noção mais clara dessa verdade, como ao esfolhar as paginas do "Esboço da Historia da Literatura Brasileira".

Admirador de Sylvio Romero a quem o dedica, Nilo na sua visualidade ampla, no horror ao pedantismo

escolastico e ao eruditissimo academico, revela-se um discipulo sincero do maior dos criticos brasileiros.

Poderia, senhores, offerecer-vos a oportunidade de ouvir alguns periodos em que o estylo impetuoso e arrebatado do novel academico, deixa transparecer o seu temperamento franco de polemista desabusado, mas, seria alongar-me demasiado nesta simples saudação academica.

São bem conhecidos as conferencias e os discursos em que a sua brilhante e versatil intelligencia, aborda com uma elegancia suggestiva e transfiguradora, os mais variados e complexos themas.

Vêde pois, novel confrade, que o Centro de Letras, bem andou em vos acolhendo neste augusto cenaculo.

Não nos fascina a singular doutrina de Ibsen que considera o mais forte aquelle que ficar só.

Irmanados por um ideal cummum, aqui se congregam as tendencias mais oppostas, os temperamentos mais diversos, os caracteres mais differentes, sem outras preoccupações que a de " estimular as ambições honrosas ", na phrase de Camillo C. Branco e a de elevar a cultura literaria do magestoso torrão que nos serviu de berço.

Se possuímos entre nós alguns nomes que já transpuzeram os lindes do Estado, isso só nos serve de incentivo para nos engolpharmos com mais entusiasmo na luta gigantesca pela conquista do nosso ideal.

Como bem o dissestes, esta investidura não vos traz, pois " o começo da grande tranquillidade final ", senão o estímulo para o revigoramento das vossas energias, em conquista das benções da sociedade conterranea.

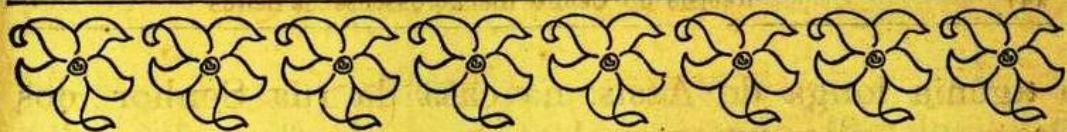
Neste momento angustioso que atravessa a Patria

brasileira, coordenemos os nossos esforços para o bem da collectividade.

Não nos entibiemos diante o desanimo dos pessimistas que nas "metarmorphoses não vêm senão a morte pela immobilidade que ellas aparentam e no renascimento - a anarchia pela agitação e desordenado que são caracteristico delle.

Sêde benvindo"





Paginas dos Mestres

A MORTE DO NEIVA

Coelho Netto

No leito, recostado a uma pilha de travesseiros, com Sylvia ao lado, a abaná-lo e em frente, de costas á janella aberta, o Dr. Samico, immovel, braços cruzados, Neiva agonisava.

A' entrada sorrateira de Anselmo os dois voltaram-se para a porta e, com os olhos, disseram tudo.

Era, em verdade, o fim, já sem a assistencia d'alma.

Vê-lo, tanto seria ver um barco desarvorado, á matrôca nas ondas, abandonado da tripluação. Arquejava a offêgos crebros, respiração de passaro ensolado, com a cabeça a oscillar dum lado a outro; mas os sentidos todos já o haviam deixado — olhos vitreos, surdo ás vozes, insensivel; se as mãos se lhe agitavam em arrepanhos vagos era no automatismo carphólogo do instincto com que o corpo como que procura ainda agarrar-se desesperadamente á vida.

Anselmo ficou-se a contemplá-lo com um olhar fito, percuciente como se buscasse, atravez do paroxismo, um resto de esperanza. E occorreu-lhe á memoria

a agonia longa do Assis, na casa da rua Senhor dos Passos — elle, um esqueleto, ossos á flor da pelle, Neiva opado, tressuando um visco que lhe dava á face um brilho gorduroso. Os olhos languidos adormentados abriam-se-lhe, de repente, enormes, como em espanto, rolando desvairadamente entre as palpebras edemaciadas. E a respiração sahia-lhe, em surdos, abafados ais precipites.

Commovido, Anselmo afastou-se pé ante pé, chegando-se ao medico, que se mantinha na mesma posição, impassivel. — Mas como foi isso, doutor? Ainda hoje estive aqui de dia. Elle conversou, fez pilherias.

O medico enclheu os hombros e, depois de um momento, segredou:

— Quer saber? O que me espanta é que elle tenha resistido tanto. Um coração que é isto! e, unindo as mãos em grifas, figurou o volume do orgão hypertrophiado. Tambem com a vida que levou não havia outra coisa a esperar. Emfim... E lamentou: Um homem como esse, que podia ter sido tudo, tudo, vai-se, sem deixar uma pagina. É penna!

— O espirito mais brilhante do meu tempo, doutor. — Brilhante... sim, mas brilho ephemero. Elle proprio dizia, disse-m'o muita vez: «Sou um vagalume, meu amigo. Fogo fatuo na vida nocturna.»

Um ronquido resoou em arroteo prolongado. Sylvia poz-se de pé, de salto, inclinou-se ao moribundo, que estertorava, amparando-lhe a cabeça. Chegou-se-lhe rosto a rosto, chamando-o enternecidamente. Neiva escancelava a bocca contorcida em rictus, revirava os olhos, torturado. O medico adiantou-se, tomou-lhe o pulso, subindo com o tacto pelo antebraço a buscar a vida que lhe fugia sob os dedos. Sylvia correu a um canto e voltou com uma vela, que Anselmo accendeu, ajudando-a a pô-la entre as mãos inertes do moribundo. E a misera ali

ficou a olhar estatelada remordendo o lenço, com as lagrimas a quatro e quatro escorrendo-lhe dos olhos macerados pelas vigílias.

A porta entreabriu-se e a cabeça esgrouvinhada de D. Basilia appareceu coscovilhando bisbilhoteiramente o quarto. Entrou d'arranque, aos brados lastimosos e, prostrando-se de joelhos, pôz-se a rezar alto, aforçuradamente, pronunciando a prece a troche-môche como alguém que, já com o comboio em marcha, atira á plataforma do wagon a valisa de um passageiro.

E foi logo a invasão, o corvejamento sinistro em volta do cadaver: fungos de chôro, murmurios de pena, pesames, toda uma encenação de carpideiras em contraste com a dôr muda de Sylvia, figura immovel e pallida a que o soffrimento dava uma belleza mystica de imagem.

D. Basilia alvoroçava a casa a dar ordens, muito zarelha, prompta para tudo, « menos, (já se vê), para vestir o morto, porque, enfim, sempre era um homem ».

Visinhos encarregaram-se do entraje funebre, e transportado á sala, o corpo ficou sobre a mesa, entre velas. D. Basilia enclavinhou-lhe as mãos, ligando-as com um atilho, cerrou-lhe as palpebras, passou-lhe um lenço em volta do queixo e, num vaivem de abelha, cochicho aqui, cochicho ali, dirigia afreimadamente o velorio, muito preocupada com a tigela d'agua benta que puzera aos pés do morto, com um galho de alecrim para as aspersões.

A uma hora da manhan começaram a chegar os visitantes. De um carro que parou com estardalhaço, á porta, desceram Montezuma, Fortunio, o «Alazão» e um machacaz obeso e glabro, que choramingava. Entraram de roldão.

Montezuma a bracejar estonteado, desfraldando o lenço a explicar que tivera a noticia na *Maison*. E informava-

se: «Como fôra? a que horas?» D. Basilia, sempre solícita, adiantou-se novidadeira:

— A's onze e um quarto.

E o obeso, com uma voz retravada em pigarros, rompeu em clamores:

— Não nos dávamos. Tolices... mas ninguém o admirava mais do que eu. Falar como esse homem... qual!

E está ahí! E desabou os braços despejadamente

Montezuma conteve-o. Era o actor do discurso em casa de Lola. Os suspiros que lhe subiam da caverna do peito eram como vendavaes e tresandavam á taverna. Fortunio admoestou-o:

— Se continuas a baforar esse halito fica tudo bebedo aqui dentro. Que diabo! Ninguém sente mais do que a vuva, entretanto está ahí digna, sem espafalhos. Contem-te!

— Mas era um genio! e desabou sobre o hombro do poeta.

— Sim, de acordo, mas arrólha essa bocca, que os teus lamentos já me estão subindo á cabeça. D. Basilia mirava o actor com odio, os oculos fuzilavam-lhe. Inclinou-se a uma das senhoras e sussurrou de dentes cerrados:

— Veja a senhora! Se aquillo é gente para entrar numa casa de familia, demais a mais com um morto exposto.

Atarantado, parando de instante a instante para contemplar o finado, a trocar pincés-nez, gesticulando airadamente, Montezuma indagava: «Se já tinham o attestado de obito? Se elle fôra unguido? Se já haviam providenciado sobre o enterro?» E lembrou:

— E necessario que alguém vá aos jornaes.

— Vou eu! propoz-se Fortunio e, baixinho a Anselmo: Vou para dar a noticia e para desinfectar o am-

biente, levando commigo esse alcool dramatico. E foi-se, arrastando o actor que chorava, esmoncando se tonitruosamente.

Como se viessem em cortejo, carros succediam-se á porta, e volta e meia, um tilbury. E a sala encheu-se transbordando para o jardim: gente da imprensa, pessoal dos theatros, rapazes das noitadas alegres.

Actrizes traziam braçadas de flôres. Dona Basilia trombuda, enfesada com a presença «daquella sucia» achava até um peccado pôr aquelles ramos junto do corpo.

«Sabe-se lá de onde vem isso! Fosse commigo e toda essa immundicie ia para a lata do lixo» E ás rabanadas, retirou-se da sala encafuando-se no interior da casa, indignada com aquella pouca vergonha. «Onde se viu falta de respeito assim?! Nem sei como não vi-eram de calções e com os peitos de fóra»

Montezuma, a pedido de Sylvia tratou de acalma-la

— A senhora é injusta, D. Basilia. Toda essa gente, que ahi está, deixou a alegria para vir fazer quarto ao Neiva. E' um adeus de corações. Eu é que sei quanto isso vale! Esses não fingem. Bohemia, a senhora sabe, elle viveu sempre nessa roda, e era querido porque, com toda a sua estroinice, coitado! era um coração de ouro. Olhe, se todos a quem elle fez bem e os que o admiraram, viessem amanha ao seu enterro, a cidade, lá em baixo, ficava vasia. A senhora, que é tão religiosa, deve saber que Jesus perdoou á peccadora.

Vamos. A velha annuiu, deixando-se levar. Na sala, porém, ao dar com uma rapariga loura que, com o cotovello apoiado á mesa, amparando a frente á mão, rezava compungidamente, reacendeu-se-lhe a ira, mais se inflammou quando soube que a tal éra corista do Sant'Anna. — Desaforo ! Uma coisa assim até faz a gente perder a fé. A Ave Maria numa bocca immunda como aquella... !

E, espocando um muchôcho, foi espevitar as velas que bruxoleavam.

Durante a noite toda foi um continuo entrar e sair de visitantes, typos de todas as classes, desde ministros até pequenos vendedores de jornaes.

Montezuma andava em verdadeiro sarilho, attendendo a uns e outros, sempre, porém, que se aproximava do morto, tinha accessos de frenesi, coçando nervosamente a cabeça. Anselmo, que o observava, interrogou-o:

— Que é ?

— Não posso! Aquelle lenço irrita-me! Não comprehendendo o Neiva de bôca amarrada.

Foi-s resolutamente ao cadaver, desatou o lenço que lhe apertava o queixo e ficou-se a mirar a face tumida do companheiro. Os labios tremiam-lhe palpitantes, encheram-se-lhe os olhos d'agua e, explodindo em soluços, arrastou-se da sala cabisbaixo, humilde, em passos tropegos como um vencido.

Os primeiros rumores da madrugada começavam a despertar a rua. A luz das velas amarellejava. Havia gente a cochilar pelas cadeiras; outros conversavam, discutiam em voz baixa assumptos politicos, coisas de theatro. Alguns sahiam para fumar.

Junto do cadaver, Sylvia apenas. Anselmo aproximou-se della despedindo-se: « Voltaria mais tarde ». Montezuma acompanhou-o, offerecendo-se para o que fosse preciso. Já á porta, lembraram-se do « Alazão », perguntaram por elle. Foi D. Basilia que informou:

— Tomou ahi umas notas, dizendo que ia escrever um artigo e foi-se logo embora. Montezuma e Anselmo entreolharam-se. A copeira, sempre arremangada e somnolenta, servia café. E a palestra murmurinhava em volta do morto como bezão de moscas em carniça. D. Basilia cirandava aos cochichos aqui, ali, atijando, de es-

paço a espaço, as velas cujas chammãs, muito amarellas, esmoreciam em adormecimento. Os homens, agrupados no jardim, fumando, relembavam episódios, ditos do finado, e riam. A sala morna, abafada, tresandava a azedume; crianças dormiam pelos cantos e um cão ia e vinha, desconfiado, a farejar uns e outros. Uma luz baça invadia a sala e começavam na rua os rumores da madrugada.

A pretexto de certas providencias urgentes Montezuma despediu-se de Sylvia, que se mantivera, a noite toda, ao lado do cadaver. Anselmo acompanhou-o. Sahiram sorrateiramente, em pontas de pés e fóra, ao frescor da manhan, respiraram desafogados, seguindo vagarosamente, rumo ao Flamengo. Montezuma caminhava de cabeça baixa, sorumbatico, gesticulando como se discutisse com um interlocutor invisivel. Estacou de golpe, esbarrado em um pensamento e, meneandó a cabeça, lamentou em voz surda.

— Estou ficando velho... velho !

— Só agora é que dás por isso, Montezuma ?

— Sim, agora... Ah ! meu amigo, não são os annos que me acabrunham, não os sinto. O que me envelhece são essas coisas. E atirou o braço, com desalento, em direcção á casa que deixara. Os que se vão arrastam-nos. Somos como a arêa da ampulheta. A ampulheta ahí fica e volta-se para vida nova...

— Com a mesma arêa, Montezuma, enquanto que nós cahimos para nunca mais. O ancião encarou-o com um olhar de espanto. De repente, porém, impondo-lhe a mão ao hombro, exclamou soturnamente, em tom presago:

— Quem sabe lá ! Achas, então, que tudo isto acaba com a morte ?

— Se é o fim, meu velho.

— Não! Não é possível. A morte não é mais do que um somno, um somno maior, mais profundo que o das noites, mas somno, entendes? espaço entre vidas.

Chegaram ao Flamengo. O mar liso, sereno, tinha rebrilhos de aço. As montanhas da outra banda polvilhavam-se de ouro.

Banhistas corriam alegremente a praia. Montezuma parou extático, olhando o céu que se accendia. O sol, surgiu, foi-se elevando immenso e fulgido.

— Vês?

— O que?

Elle hesitou. Por fim, com um gesto decidido, resolveu:

— Está acabado, Vamo-nos embora!

(Do "Fogo Fatuo")





Páginas Contemporâneas

Sobre as nuvens

Ao tornar ao convívio dos expoentes das letras matogrossenses, aggremiados pelo idealismo indomável neste "Centro" cuja existência fecunda raia pela primeira década, pontilhada de obras memoráveis, entre as quaes sobreleva a collecção da sua revista, entrada já no 20º numero, não posso calar as impressões que me saltaram, na manhã de hoje, quando gentil convite do Coronel Antonino Menna Gonçalves me transportou, ares acima, por onde jamais sonhara cruzar outrora.

Eramos seis curiosos de exprerimentar as delicias de um vôo, além dos dois experimentados aviadores, que nol-o proporcionaram.

Posto em marcha, o aparelho, rapido, correu pelo estirão do Porto, aguas abaixo, e, em habil manobra, mudou de rumo, aproando para montante.

Osculou repetidamente o rio em galopeio suave, a mais e mais espaçado, até frechar, afinal pelas alturas, que só as aves frequentam.

A' medida que nos alçamos, em ronda sobre Cuiabá, gradativamente vão desaparecendo minucias topographicas das pequenas elevações, que se deprimem, achatadas em projecção.

A vista alonga-se pelas circumvizinhanças conhecidas.

A pouco e pouco reduz-se, pela distancia, o painel urbano, cuja coloração vermelho-amarellada lhe imprime feição peculiar, emmoldurada pela folhagem, que a circumda.

O rio, como si canalizado por activos obreiros, serpenteja com reflexos de prata e ouro, entre barrancos, aparentemente mantidos aparados.

Ahi se interrompe a vegetação, que se espraia, de um e de outro lado, em tons varios, do verde gaio ao escuro, até perder se nos semfins do horizonte.

Ao longe, pelas bandas da Chapada, apruma-se, arqueada em magestoso amphitheatro, a cortina azulada, que denuncia o planalto, com as características saliencias que apontam a espaços.

Aprumamos o olhar para baixo.

Do centro povoado, partem faixas rubras, estreitas como caminho de formigas, convergentes para o formigueiro, onde as casas imitam miniaturas japonezas. Em torno, lavouras diversas pintam de côres individualizadoras as clareiras abertas no cerrado... E' a orgia do verde nas suas variações infinitas.

Subimos ainda mais, e rompemos pelo meio das nuvens, antes de ultrapassal-as.

Respiramos pelo meio dellas por alguns momentos. Paizagens alpinas, conceituou o abalizado aviador.

A 1.000 metros, perdendo a terra de vista, temos a impressão de mergulhar o olhar na eternidade. Em baixo, amplia-se crespo mar leitoso, de ondas que se immobilizam á nossa passagem.

O aparelho deslisa como si calçado de sapatos de velludo, em macio colchão de algodão.

Não trepida, não denuncia a marcha veloz, só o ruído do motor lhe rouba a actividade.

Dir-se ia estarmos ex lorando as regiões do sonho. Mas o commentario de um dos excursionistas, graciosa e brava senhorinha, desperta-nos com o paralelo: "parece até scenario de cinema».

Somente, aqui é natural o que na tela muitas vezes provem de artificio dos studios.

Em cima, o azulado, atravez de nuvens que se esgarçam mais finas.

Tentamos alcançal-as e proseguimos até 1.300 metros.

A levesa e frescura do ar enche-nos a alma da alegria de viver.

Tudo é rapidez nessa breve serie de impressões fortes.

Vem-nos à mente, por instantes, o convite para esta reunião, e a possibilidade da ausencia, por effeito de algum inesperado trambolhão. Mas é fugaz o temor.

Pensamos no destino de Cuiabá, que já se acostumou à vista das naves aéreas.

E ao baixarmos daquellas paizagens de presepio, vinhamos impregnados da ambição de vêr algum dia a lendaria cidade de Moreira Cabral imitar em sua evolução o vôo, que nos levou para as alturas, onde o sonho se fez realidade.

Assim possa tambem Cuiabá, a exemplo do que succedeu, pelo menos a um dos excursionistas aéreos desta manhã, concretizar, em realizações beneficis, o programma do Centro Matto-grossense de Letras, embebido de são idealismo, que a levará aos astros, si não lhe faltar o apoio governativo, promettido pela actividade incessante do Interventor do Estado.

V. Corrêa FILHO



DE LONGE

De longe, da gloriosa terra de França, que não é apenas a patria da galanteria porém também é a mãe nutriz das artes e da sciencia, de um torrão que me é amado por lhe ouvir o doce nome desde os primeiros albores da vida, de Saint-Malo escreve-nos frei Ambrosio Daydée de maneira que nos commove e enternece, nos exalta e exulta.

Manda-me um lindo postal com a vista panoramica do berço de Leverger, uma nesga de mar com um barco atracado ao caes, uma formosa esplanada com armazens, renques de arvores verdes e copadas, depois as Portas de S. Vicente, a Grande Porta, a Torre do Castello, os altos predios de dois a tres andares e a ondulação de esguios tectos ponteagudos e chaminés que se perdem e confundem no azul do céu — Saint-Malo, emfim, como nos apparece.

E escreve-nos no verso: Domingo, 18 de Novembro, pela primeira vez, numerosa e brilhante assistencia na esplendida sala de Festas do Hotel de Ville de Saint-Malo applaudiu freneticamente o nome do sabio Leverger. Lembrei-me do amigo como descendente e

(omitto o elogio por demais generoso) do celebre maluino. Frei Ambrosio.

Para o Estevão de Mendonça envia tambem um postal da mesma terra que serviu de berço a essa aguia romantica que foi Chateaubriand e aonde ella quiz eternamente repousar as suas azas, á beira do mar sonóro, ao embalo das ondas e uivo do ventos bravios e largos... E' justamente uma vista desse tumulo immortal, chantado na ponta de um rochedo que avança para o mar. Um singelo gradil de ferro em torno de uma cruz de pedra e as vagas crespas em perpetuo beijo aos restos do melancolico *Renato*.

E ao grande admirador de Leverger noticia Frei Ambrosio: Paris 28 de Novembro de 1928. Meu illustre amigo. Domingo, 18, estive em Saint-Malo. Na bellissima sala de festas do Hotel de Ville fiz perante auditorio intellectual e muitas senhoras uma conferencia sobre o illustre Almirante Augusto Leverger, O governador da cidade archivou a conferencia em sessão da municipalidade; a Sociedade Archeologica de Saint-Malo vae pedir que o nome de Leverger seja dado a uma rua da cidade. Dei o nome do amigo para correspondencia... O projecto de uma estatua a Leverger, dada de Saint-Malo a Cuyabá, foi longamente e freneticamente applaudido pela numerosa assistencia. Lembranças do Fr. Ambrosio.

Que tumulto de considerações veio accordar-me no espirito, a noticia alviçareira que assim nos vem pelo punho da figura complexa de frade-jornalista, de missionario e polemista, que é Frei Ambrosio, o fundador deste jornal...

Quando Leverger partiu de Saint-Malo duas imagens levava para sempre gravadas no seu coração. Sabia que tambem sua lembrança nunca se apagaria em duas almas que o amavam enternecidamente. Como quando o pae andava no mar e as duas mulheres des-

cançavam olhando a linha do horizonte, através da vidraça enevoada, a ver se apontava ao longe o barco que lhes trouxesse o amado marido e o pae carinhoso, agora lá estariam ellas, sua mãe e sua irmã, estendendo o olhar saudoso pela fimbria do mar infinito que o levara tambem.

Pauvre e malheureuse femme, chamou uma vez assim Leverger a sua boa mãe, lembrando-se dos soffrimentos della por essas longas, crueis separações. Mas uma vez que Regina Corbes, morto o seu velho lobo do mar, separada do filho dilecto, não poudo mais resistir e fechou para sempre os olhos, então de Leverger, tão longe, no centro americano, só ficou ém Saint-Malo sua irmã para lembrar-se d'elle. Como não devia ella se enternecer quando velha, abbadessa do convento de sua cidade, recebia as ultimas cartas fraternas sem esperanças de regresso: "Não, não poderei voltar. Como poderei deixar esta boa terra americana e este meu agarrativo Matto-Grosso? Impossivel. Aqui findarei os meus dias. Leve o rio Paraguay ao velho oceano querido as saudades do velho Leverger".

Porem hoje em dia quem se lembraria na Bretanha do filho de Mathurino Leverger, do irmão de Sôror Philomena?

Só os que procuram desvendar as leis da espaciologia, ramo bem incipiente da sciencia ideada por Comte, é que poderiam nos explicar por que meios, por que processo e maneira, através da força do tempo e das distancias do espaço, jamais conseguimos abandonar a uossa patria, como tambem nunca ella nos abandona, ao contrario, nos faz a sua propriedade eterna, absoluta, inalienavel, para onde quer que nos transportemos. Leverger tornou-se nosso, bem nosso, e eis que o seu berço natal agora o reivindica para si, quer-lhe o nome numa das ruas, e elle que nol-o deu na flor dos annos, dobre, humilde e desconhecido, agora se enche de or-

gulho por esse filho e quer de novo nol-o dar, mas em bronze, com a farda de almirante que o Brazil lhe vestiu pelos serviços que lhe prestou para honra sua e de Saint-Malo!

Estevão de Mendonça, o desinteressado creador entre nós do culto civico pelo benemerito bretão, está portanto mais uma vez de parabens, por mais um seu triumpho que colhe a sua bella, idealista propaganda do vulto biographado pelo Visconde de Taunay.

E Frei Ambrosio junte os rossos exultantes, vivos cumprimentos, aos applausos colhidos no selecto auditorio da intendencia de Saint-Malo.

As almas que sempre admiram o bom, o nobre e elevado, basta-lhes, bem sei, a satisfação intima desses bellos gestos, dessas attitudes desaprendids... Da paz do seu Albi, elle se transportou do sul ao norte da França para ir lembrar, contar e enaltecer o nome de um seu compatriocio que elle, como soldado de Christo, veio conhecer como illustre, benemerito e glorioso, no recanto da terra americana...

Oxalá haja sempre gestos assim que constantemente estendam, alem e unam os laços da França e do Brasil, na glorificação dos filhos communs ás duas patrias - a do nascimento e a de eleição, como o foram Leverger e Marlière.

Cesario Prado

Paginas esquecidas

SAUDADE!

*Na soleira do mundo reclinando
A fronte da virtude adormeceste
Deixando só nas vagas, em procella,
Na tristeza o esposo!*

*Aos bafejos da vida indifferente
A morte desejavas, e de pressa
Como o sopro da brisa tu passaste
Deste mundo ao céu.*

*As flôres da virtude te circumdão
A bella palidez te cobre o rosto
No rosto d'anjo cerras os teus olhos
E pareces dormir!*

*Dorme! dorme com os anjos
Sonha com elles nos céos
E tu — Encanto — despertes
Junto do throno de Deus!*

*Foi breve o teu viver, tu sem piedade
Decretaste ao esposo o soffrimento:
Não quízeste com elle exp'riantar
As privações das syrtes temerosas;
Desfolhaste uma flôr da primavera
Foi melhor pois na haste tu não viste
O cruento e duro espinho que nos fere.*

*Foi breve o teu viver, tu, sem piedade,
Despresas teu esposo, e o condemnaste
A arrostar no mundo abominando
Amargo passamento; um jugo eterno
O jugo da saudade e o inconsolavel,
Vivendo de amargura alimentado
Sem siquer uma esp'rança vida dar-lhe!*

*Foi breve o teu viver, tu sem piedade
Abraçaste a morte, e bem contente
Este mundo deixaste, e desdenhosa
Lhe atiraste da mofa um teu sorriso
Sem lembrares d'aquelle que extremoso
E que vê não poder acompanhar-te,
D'um anjo, p'ra voar, as azas quer!*

*Perdão, meu anjo, bem fizeste assim,
Do mundo odeias mentirosas phrases
Delle jamais as privações terás:
E, entretanto, na mansão celeste
Entôas hymnos ao altar de Deus,
E lá — desejo — que rogues por mim
E me reserves um lugar tambem!*

*Flôr mimosa desfolhada
E por mim sempre chorada
Que um gemido suffocou,
Tu fôras anjo celeste,
Hoje por ti um cypreste
O teu esposo plantou.*

*Da saudade a dôr pungente
Que soffre constantemente,
Desvaria; e protestar*

*Contra o mundo e contra o céu
Eis meu viver anjo meu,
Eis: é este o meu penar.*

*Tu fôras na terra um anjo,
No céu tu serás archanjo,
Teu esposo assim sonhou:
Da virtude o bello exemplo
Ao Senhor deste no Templo,
Anjo que ao céu vôou!*

*Lá dos justos na mansão
Dá-me o teu coração
Volve á terra em doce olhar;
E vê o pranto saudoso,
Ouve o gemido queixoso!
D'um esposo a soluçar!*

*E quando um dia do choroso esposo
Do céu lembrares, seus amargos cantos
Compadeceres e na terra vires
Consolar-lhe ao menos, suavisar-lhe,
Embalsamando-o com palavras d'anjo;
Então, contente, na certeza então
De que tu gosas um lugar no Throno,
Saudoso sempre, carpirá seu fado,
E enxugando seu doído pranto
Em tempo algum se queixará do céu!*

Cuiabá, 25 de Novembro de 1867.

Amancio Pulcherio de França.



PAGINAS DOS NOVOS

MATTO GROSSO — a antiga capital

A antiga capital do Estado — Matto Grosso ou Villa Bella, como era chamada, está de ha muito num estado de decadencia que causa dó.

Informam-nos que de lá chegam, arrostando mil perigos, causados pela febre e por uma estrada intransitavel, entremeiada de pantanaes e de indios bravios.

A sua pequena população, corajosa e patriótica, assiste com o coração amargurado a agonia lenta daquella éx-capital, que hospedou tantos capitães-generaes, illustres como Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que a historia tanto dignifica.

Assiste a sua morte, sem nada poder fazer pelo seu amado berço, como um leigo, um inexperiente assiste longe de qualquer recurso a morte de sua velha e querida mãe.

Que lhe valeu ser rica, possuir na sua matta a ipéca, e nos seus riachos o diamante, o ouro, se ella vae morrendo, abandonada e só, longe dos carinhos do progresso e da alegria do tumultuar das ruas?

Que lhe valeu ser outr'ora esplendorosa e bella, cortejada por fidalgos, se hoje despresada e só, encravada num deserto, vae agonizando como Fernão Dias Paes Leme, longe de tudo e de todos, com fama de riqueza, mas, andrajosa e pauperrima?

Que lhe valeu ser a cidade dos palacios, da pompa e do esplendor, se hoje nada mais resta do que escombros, cinzas e lembranças?

Que lhe valeu pertencer a um Estado, a quem chamam de rico, opulento, colosso, se com o maior indifferentismo os seus filhos assistem a sua agonia, sem ir em seu auxilio, para salvar a sua tradição, a sua riqueza, o seu nome?!..

Que lhe valeu tudo isso?

*
**

Velha cidade! Só um unico homem te conheceu e te amou.

Esse homem intelligente, que podia, pelo seu prestigio, falar por ti, só poudé num livro, que é um thesouro, falar de ti aos posteros.

Nada mais poudé fazer. Pois esse homem a quem chamavam — Manoel Esperidião — morreu!..

Encontrou a morte nas tuas selvas. Succumbiu, exgottado pela febre maligna dos teus pantanaes.

Agora só te resta a Esperança.

Ficarás como a Bella adormecida no bosque a espera do amante, que te ha de tirar o desencanto.

Ainda não te direi quando e quem seja. Póde ser agora ou logo. Espera e crê. Ha de apparecer alguem que te ha de ministrar o elixir de longa vida, para que de novo vicejes, para que de novo possas ser, não

o que eras, o que é impossível, mas, uma cidade populosa e progressista.

Esse desejo não é só meu, é de todos que amam verdadeiramente o grande, o rico, o opulento Estado de Matto-Grosso.

Carmino de Campos



RELATORIO

DO

Centro Mattogrossense de Letras

Correspondente ao anno social

1929 — 1930

apresentado pelo Presidente

Des. José de Mesquita

a 7 de Setembro de 1930



Meus confrades e amigos:

Nove annos faz que se installava nesta Capital o "Centro Mattogrossense de Letras" a sociedade que, resultante do esforço idealistico e desinteressado de um grupo de sonhadores, deveria constituir-se, com pouco tempo, a viga mestra do edificio da cultura mental de nossa terra.

Foi, naturalmente, no intuito de tornar sempre lembrada essa ephemeride que os nossos Estatutos fixaram nessa data a solemnidade da posse da directoria annualmente eleita para reger os destinos da sociedade.

E, afim de estabelecer á guiza de marcos da nossa evolução, os varios trechos da jornada, impõe-se ainda ao socio, a quem cabe a maior parcella da responsabilidade administrativa, o dever de, em cada oportunidade destas, fazer um apanhado retrospectivo da vida do "Centro" no anno social extincto.

É desse imperativo que venho hoje, pela 9ª vez, desonerar-me e o faço com a maior satisfação, começando por affirmar-vos que o periodo que hoje se encerra assignala para nosso querido sodalicio uma era memoravel de fecundas conquistas.

Quadro social

Socios effectivos

Vagas em virtude da transferencia de residencia dos socios effectivos Major Ovidio de Paula Corrêa,

Des. Augusto Cavalcanti de Mello e Prof. Alcindo de Camargo e da lamentavel renuncia do socio Prof. Antonio Cesario de Figueiredo Netto, as cadeiras n.º 5, 9, 15, e 16, que têm por patronos o P. Ernesto Camillo Barreto, Joaquim Mendes Malheiros, o Conego José da Silva Guimarães e José Thomaz de Almeida Serra, providenciou a Mesa, de accordo com o rito estatuario, o preenchimento das mesmas, sendo, em sessão de 25 de Junho pp. eleitos para as referidas cadeiras os distinctos cultores das letras Prof. Nilo Póvoas e Francisco Ferreira Mendes, D. Maria Ponce de Aruda Müller e Dr. Olegario Moreira de Barros.

Do acertado criterio que presidiu á escolha dos novos socios diz, melhor que quasquer referencias minhas, a optima impressão causada no seio da opinião publica por esse suffragio e a expressiva votação que lhes sagrou na urna os nomes, collocando-os desta'arte acima de qualquer competição, como os verdadeiros exponents, no momento, da nossa cultura e dignos preferidos para o ingresso neste cenaculo das letras. Desses, o occupante de cadeira n.º 16, Dr. Olegario M. de Barros já tomou posse do seu cargo, em solemne festival levado a effeito a 30 de Agosto findo, recebido, em nome da corporação, pelo nosso talentoso confrade Dr. Palmyro Pimenta.

Socios correspondentes

No quadro dos correspondentes, a unica alteração havida foi a proposta dos nomes dos senhores Antonio Tolentino de Almeida, Luiz Feitosa Rodrigues e Alvaro Maia, para representantes do "Centro" em S. Antonio do Rio Abaixo, Corumbá e Manáos, respectivamente, sendo que este ultimo já foi acceito, dependendo os dois primeiros do parecer da Commissão de Admissão de socios.

Hora literaria

Continuam a despertar por parte da nossa culta sociedade o mais vivo interesse as "horas literarias" organizadas pelo "Centro" no desenvolvimento do seu programma cultural. Forâm em numero de tres as academias desse genero no anno social findo, a 24 de Novembro de 1929, 3 de Maio e 13 de Julho do corrente, nelles havendo tomado parte os socios Antonio Fernandes, Allyrio de Figueiredo, Franklin Cassiano, Francisco Mendes, Isac Povoas, José de Mesquita, Oscarino Ramos, Octavio Cunha, Philogonio Corrêa, Palmyro Pimenta, Vandoni de Barros, e o Des.^{or} Henrique Soido, distincto belletrista que, convidado, gentilmente nos trouxe a sua prestigiosa collaboração.

Revista

Com a precisa pontualidade, distribue-se hoje o XVIII n.º da "Revista do Centro Mattogrossense de Letras" correspondente ao 2º semestre de 1930, cuja publicação continua a sêr feita, com regularidade e esmero, nas Officinas Profissionais Salesianas, desta Capital.

Bibliotheca

Mais reduzido foi o movimento de obras na nossa Bibliotheca que está a exigir, com a sua mudança proxima, melhoramentos indispensaveis, como sejam aquisição de estantes, mobiliario e ampliação das secções de obras, até agora quasi limitadas ás doações espontaneas dos socios e pessoas amigas.

A séde vem funcionando regularmente, nos dias do costume, no Seminario da Conceição, que por ser afastado do Centro urbano tem contribuido um tanto para diminuir o numero de consulentes. Continuaram desempenhadas pelo nosso dedicado confrade Antonio

Fernandes as funções de bibliothecario e as de Zelador da bibliotheca, pelo Snr. Joaquim de Mendonça.

Sessões

Realisamos no anno social findo 6 sessões, a 7 de Setembro e 11 de Novembro de 1929, 16 de Janeiro, 30 de Março, 25 de Junho e 15 de Agosto do corrente anno. Dessas sessões, tres fôram extraordinarias: a de 7 de Setembro, de pösse da Mesa, a de 25 de Junho, de eleição de socios e a de 15 de Agosto ultimo em que foi eleita a Directoria que hoje se empossa nos seus cargos administrativos.

Relações officiaes

São as melhores, por sem duvida, as relações officiaes mantidas por este "Centro" com os altos poderes do Estado, que se depreheende, através de actos inequivocos, estarem animados do nobre desejo de prestigiar a nossa aggremação, insufflando-lhe esse bafejo de apoio, essa aura de sympathia, tão necessarios á man-tença e á prosperidade de qualquer iniciativa em nosso meio.

Dois factos o provam, eloquentemente.

Utilidade publica do "Centro"

Pela lei nº 1079, de 11 de Julho ultimo, foi reconhecida a utilidade publica do "Centro Mattogrossense de Letras". Offerecido, em sessão de 20 de Junho, da Assembléa Legislativa, o projecto, com uma brilhante justificativa do depº. Generoso de Siqueira, nosso correspondente na cidade de Tres Lagôas, obteve o mesmo parecer favoravel da Commissão respectiva e, a 11 de Julho p. passado, o Governo do Estado sancionava o acto, que assim se incorporou á legislação estadual. E' este o texto da referida resolução:

LEI N. 1079, de 11 de Julho de 1930

Reconhece de utilidade publica o "Centro Mattogrossense de Letras" fundado em Cuiabá, a 22 de Maio de 1921.

O Dr. Annibal Benicio de Toledo, Presidente do Estado de Matto-Grosso.

FAÇO saber que a Assembléa Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. unico — Fica reconhecido de utilidade publica o "Centro Mattogrossense de Letras", fundado em Cuiabá a 22 de Maio de 1921; revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir fielmente.

O Directór da Secretaria da presidencia do Estado a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio da Presidencia do Estado, em Cuiabá, 11 de Julho de 1930, 42.ª da Republica.

Annibal B. Toledo

João Cunha

Excusa encarecer o alcance dessa medida, com que os dois altos poderes Legislativo e Executivo estadoaes proclamaram, em expressivo depoimento, a vitalidade e o merecimento do "Centro Matto-Grossense de Letras".

Tal acto, cuja significação moral nos compensa de quanto sacrificio vimos fazendo a prol da disseminação da cultura mattogrossense, responde sobranceiramente a todas as manifestações de derrotismo que, sob a capa de hospitalidade ou de apathia, buscam diminuir, pela palavra ou pelo silencio, a obra do "Centro", valendo, ao mesmo tempo, como indice dos nobres propositos da administração no tocante ás cousas da intellectualidade em nossa terra.

Séde definitiva

De não menor relevancia moral, accrescida ainda do seu aspecto economico, é o acto pelo qual nos foi assegurada a séde definitiva, pela lei 1081, tambem de 11 de Julho pp., assim concebida:

LEI N. 1081, de Julho de 1930.

Autoriza o Poder Executivo a ceder ao Instituto Historico de Matto Grosso e ao Centro Mattogrossense de Letras o predio n. 139, sito á rua Joaquim Murtinho, desta cidade.

O Dr. Annibal Benicio de Toledo, Presidente do Estado de Matto Grosso.

FAÇO saber que a Assembléa Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. — Fica o Governo autorizado a ceder ao Instituto Historico de Matto Grosso e ao Centro Mattogrossense de Letras, para que lhes sirva de séde, o predio de propriedade do Estado sito á rua Joaquim Murtinho, n. 139, desta cidade.

Art. 2 — Na escriptura que lhes outorgar, de cessão, constará que a propriedade do mesmo reverterá ao Estado no caso de elles se dissolverem.

Art. 3 — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir fielmente.

O Director da Secretaria da Presidência do Estado a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio da Presidência do Estado, em Cuiabá, de 11 de Julho de 1930, 42 da Republica.

Annibal B. Toledo
João Cunha.

Dispensô-me de uma exposição retrospectiva acerca da odysseá em que andou o nosso "Centro" até conseguir esta grande conquista que para uma sociedade representa a aquisição da sua séde.

Os relatorios anteriores fixam as migrações a que nos vimos compellidos, pela força das circumstancias, do Palacio da Instrucção para a casa do Ypiranga, desta para o Seminario.

O Governo passado, do dr. Mario Corrêa, nos ulmos dias de administração, dirigiu á presidencia do "Centro," bem como á do "Instituto Historico de Matto Grosso," um officio em que lhes fazia entrega do predio estadual á rua Joaquim Murtinho para servir de séde.

Não tendo, porém, semelhante doação figura juridica, que assegurasse ás referidas sociedades o dominio, ou pelo menos, usufructo do immovel em apreço, promovi conjunctamente com o presidente do Instituto Historico, o nosso eminente confrade D. Aquino Corrêa, uma representação ao actual governo, solicitando as necessarias providencias no sentido de sêr legalizada a cessão feita. Com louvavel solícitude, transmittiu o Exmo. Dr. Annibal de Toledo, honrado Presidente do Estado, o nosso pedido á Assembléa Legislativa e esta, por sua vez, num gesto que muito a recomenda, votou, com relação á mensagem presidencial encaminhadora do assumpto, o seguinte parecer:

PARECER N. 31, de 1930.

A 3^a. Commissão, tomando o conhecimento da Mensagem de 26 do fluente submettendo á douta e esclarecida decisão da Assembléa para deliberar como lhe parecer mais util aos interesses do Estado a solicitação do "Instituto Historico de Matto-Grosso" e do "Centro Matogrossense de Letras" para que seja effectuada e solennisada a entrega que aos mesmos fez o passado Governo do predio numero 139, da rua Joaquim Murtinho, propriedade do Estado, para servir de séde ás mesmas sociedades e ponderando demoradamente como lhe impõe seu objecto e

Considerando que a primeira dessa associação já teve a utilidade reconhecida por lei desta Assembléa;

Considerando que a segunda está sendo objecto de um Projecto no mesmo sentido

Considerando que o Estado, attendendo aos grandes objectivos sociaes dessas duas instituições, tem auxiliado sua manutenção, votando todos os annos verbas destinadas a isso;

Considerando que a falta de patrimonio proprio com que possa adquirir ou arrendar predio que lhes sirva para uma séde condigna as expõe ao sacrificio de depender da generosidade extranha;

Considerando, finalmente, que ao Estado, pelos seus poderes, incumbe estimular iniciativas benemeritas como, as dessas sociedades, é a commissão de parecer que seja aquella solicitação attendida e nesse sentido propõe o seguinte:

PROJECTO de lei n.º 25, para 1930.

A Assembléa Legislativa do Estado de Matto-Grosso

Resolve:

Art. 1. — Fica o Governo autorizado a ceder ao Instituto Historico de Matto-Grosso e ao Centro Mattogrossense de Letras, para que lhes sirva de séde, o predio de propriedade do Estado sito á rua Joaquim Murtinho, n. 139, desta cidade

Atr. 2. — Na escriptura que lhes outorgar de cessão, constará que a propriedade do mesmo reverterá ao Estado no caso dellas se dissolverem

Art. 3. — Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Comissões da Assembléa Legislativa do Estado de Matto-Grosso, em Cuiabá, 30 de Janeiro de 1930.

A. A.) — Generoso de Siqueira
Paes de Faria
Gaudie Leite

E na mesma data em que era sancionada a lei reconhecendo a utilidade publica do "Centro", recebia tambem o *placet* governamental a lei referente á cessão da séde ás duas sociedade co-irmans.

A Msea teve opportuno entendimento com o go-

verno no sentido de ser dado prosequimento ás obras da séde, as quaes já vêm sendo atacadas com relativa presteza.

Intercambio intellectual

Continúa a ser mantido o intercambio de publicações e correspondencia entre o "Centro Mattogrossense de Letras" e varias outras sociedades congêneres do país visando dest'arte estabelecer, através dessa permuta de trabalhos, uma obra efficiente de aproximação e de propaganda reciproca, que nos faça conhecer uns aos outros, dentro dos limites nacionaes, tornando o Brasil, acima e fóra de estreitas competições regionaes, uma grande e unica Patria — forte na sua unidade literaria, como o é na unidade da sua lingua, da sua religião, dos seus costumes e da sua cultura.

Finanças

Os documentos juntos — balanços, c/ correntes e operações — habilitar-vos-ão a conhecer o estado real das nosas finanças, que si não é dos mais propicios, no entanto pôde ser qualificado como satisfatorio.

Vi-me obrigado, em face da crise que tudo avassala, a retringir ao limite minimo as despezas, razão porque as verbas de compras de livros e outras nem siquer fôram utilizadas neste exercicio.

A conveniencia de tal medida me foi imposta pela diminuição da renda, proveniente de mensalidades e assignaturas da revista, consequente á crise porque atravessou o Estado, ficando a nosse receita quasi reduzida á subvenção que nos concede o Estado, na importancia de 2:400\$000 annuaes.

Esta, por sua vez, é quasi absorvida pelo custeio da Revista, dado o crescente encarecimento do papel

e da mão de obra, de maneira que, por manter o equilibrio orçamentario e não comprometter o fundo patrimonial, fomos forçados a reduzir o dispendio ao *minimum* possível, isto é, á gratificação aos funcionarios — procurador e zelador — e material do expediente.

O saldo existente é de 3:262\$510, do qual se deve deduzir ainda a despeza com o n° XVIII da Revista, ficando assim o lastro de 2:000\$000 approximadamente, que representa o nosso fundo de reserva.

Conclusão

Com estes informes, meus caros confrades, doume por desobrigado da tarefa que me incumbe e, ao encerrar este relatorio, é com prazer que vos apresento as mais cordiaes congratulações pelas victorias alcançadas neste ultimo estagio vencido, de par com os votos que faço pela vossa felicidade pessoal e crescente progredir do "Centro," a cuja grande, elevada finalidade nos devemos devotar num culto fervoroso de dedicação e de carinho.

Cuyabá, 7 de Setembro de 1930

José de Mesquita
Presidente





Actas das sessões do Centro

Mattogrossense de Letras

Acta da 47ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Ao 1º dia do mez de Novembro de mil novecentos e vintenove, pelas nove horas, realison o Centro Mattogrossense de Letras a 47ª. sessão ordinaria, tendo a ella comparecido os socios José de Mesquita, Oscarino Ramos, Isác Póvoas e Palmyro Pimenta.

Após a leitura da acta da sessão anterior, que foi approvada, passou-se ao expediente que constou da leitura de um telegramma do snr. Guedes Miranda, presidente da Academia Alagoana de Letras, convidando o Centro para se fazer representar nas festas commemorativas do 10º. anniversario da fundação daquella Academia.

Na ordem do dia ficou deliberado que a proxima hora literaria tivesse logar a 24 do corrente.

Foi tambem nomeada uma commissão composta dos socios Oscarino Ramos, Allyrio de Figueiredo e Isac Póvoas para representar o Centro na chegada do Presidente de honra D. Aquino Corrêa.

E não havendo mais a tratar foi encerrada a sessão.

José de Mesquita
Isác Póvoas
Oscarino Ramos
Palmyro Pimenta
Octavio Cunha

Acta da 48ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras

Aos dezeseis dias do mez de Janeiro de mil novecentos e trinta, ás dezoito horas, com a presença dos socios Desembargador José de Mesquita, Oscarino Ramos e Octavio Cunha, Professor Isac Póvoas e, representados pelo primeiro, os socios Dom Aquino Corrêa e Cesario Prado, effectuou o Centro de Letras, na sua séde provisoria, no Seminario da Conceição, a sessão ordinaria correspondente ao mez corrente.

Lida e approvada a acta anterior, foi pelo segundo Secretario, Doutor Palmyro, Pimenta dado conta do expediente que constou de um officio do socio Desembargador Augusto Cavalcanti, communicando a mudança da sua residencia para o Rio, e uma circular da Associação Commercial de Cuiabá, participando a posse da sua nova Directoria. Na ordem do dia, foi approvado o parecer da Commissão de tomada de contas, julgando boas as contas do exercicio financeiro mil novecentos vinte e oito — mil novecentos vinte e nove.

Foram declaradas vagas os cadeiras numeros nove e dezeseis, que têm por patronos Joaquim Mendes Malheiros e José Thomaz, em virtude da mudança de residencia do socio Desembargador Cavalcanti e da renuncia do socio Professor Cesario Neto. A sessão foi encerrada ás dezoito horas

José de Mesquita
 Octavio Cunha
 Oscarino Ramos
 Isac Póvoas
 Franklin C. da Silva
 Palmyro Pimenta

Acta da 49ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos trinta dias do mez de Março de mil novecentos e trinta, ás dezoito horas, sob a presidencia do Desembargador José de Mesquita, secretariado pelo Doutor Palmyro Pimenta e com a presença dos socios: Doutores Oscarino Ramos e Octavio Cunha e Professores Isac Póvoas e Franklin Cassiano, effectuou o Centro Mattogrossense de Letras, na sua séde provisoria, n'uma das salas do Seminario da Conceição, a sua 49ª sessão ordinaria, correspondente ao mez referido. Aberta a sessão e approvada a acta anterior, foi lido o expediente, constante de um officio do Doutor Mario Corrêa, datado de vinte de Janeiro ultimo, fazendo entrega ao Centro do edificio destinado pelo Governo para o Syllogeu mattogrossense; uma carta do Desembargador Bartholo Dantas, offerecendo uma valiosa colleção de revistas; um cartão de boas festas do Instituto Historico do Espirito Santo e communicação do Cenaculo Piahyense de Letras, do Radio Club de Campo Grande e da A. M. G. de Motoristas de terem empossado as suas Directorias. Na ordem do dia ficou deliberado abrir-se o concurso para o provimento das cadeiras nºs 5 e 15, cujos actuaes occupantes, por haverem transferido sua residencia desta cidade, passaram ás categoria de correspondentes, de accordo com os Estatutos. Foi marcado o dia tres de Maio vindouro para a proxima « hora litteraria. » O Presidente congratulou-se com o Centro pela publicação do XVII numero da Revista, cujo exemplar acabava de ser distribuido aos socios presentes, accentuando a vitalidade

sempre crescente do órgão da sociedade. Foram propostos, pelos socios Doutores Oscarino Ramos e Palmyro Pimenta como socios correspondentes em Manaus, o Senhor Alvaro Maia, em Corumbá, o Senhor Luiz Feitosa Rodrigues e em Rio Abaixo, o Senhor Antonio Tolentino de Almeida. A sessão encerrou-se ás onze horas.

José de Mesquita
Philogonio de P. Corrêa
Octavio Cunha
João Barbosa de Faria
Antonio Fernandes de Souza
Palmyro Pimenta

Acta da sessão extraordinaria para eleição dos socios que deverão occupar as cadeiras n.º 5, 9, 15 e 16 ultimamente vagas.

Aos vinte e cinco dias do mez de Junho de mil novecentos e trinta, pelas dezoito horas, em sua sêde provisoria, no Seminario da Conceição, realizou o Centro Mattogrossense de Letras uma sessão extraordinaria para a eleição dos socios que deverão occupar as cadeiras ultimamente vagas sob n.º 5, 9, 15 e 16 de que são patronos, respectivamente, o Padre Ernesto Camillo Barreto, Joaquim Mendes Malheiros, o Conego José da Silva Guimarães e José Thomaz de Almeida Serra. Tomaram parte no escrutinio os socios D. Aquino Corrêa, Des^{dor}. José de Mesquita, Doutores Palmyro Pimenta, Miguel Mello, Oscarino Ramos, Allyrio de Figueiredo, João Barbosa de Faria, Major João Cunha, Professor Philogonio Corrêa, Professor Isac Póvoas, Professor Franklin Cassiano, José Raúl Vilá e Antonio Fernandes de Souza, sendo que os Doutores Oscarino Ramos e Allyrio de Figueiredo, ausentes, se fizeram representar pelo presidente Desembargador Mesquita. Depois de lida e approvada a acta anterior, foi pelo 2.º Secretario, Doutor Palmiro Pimenta, dado conta do expediente em mesa, constante do pedido de inscripção dos Senhores Doutor Olegario de Barros e Professor Francisco Mendes, para as cadeiras numeros dezeseis e nove; parecer da Commissão de admissoão favoravel á accêtação do Senhor Alvaro Maia, para correspondente em Manáus, cartas do Senhor José Pereira Mendes, enviando ao Centro o seu esboço de orthographia ultra-phonética; carta da Loja Acacia Cuiabana communicando a eleição de sua Directoria e, finalmente, duas propostas relatadas pelos socios Franklin Cassiano e Philogonio Corrêa, apresentando, nos termos dos Estatutos, os nomes do Professor Nilo Póvoas e de Dona Maria Ponce de Arruda Müller, para as cadeiras numeros cinco e quinze, respectivamente.

Verificado haver numero legal, o senhor Presidente declara que se ia proceder ao escrutinio sendo, após, apurado o suffragio, verificando-se haverem sido eleitos: para a cadeira numero cinco, o Professor Nilo Póvoas, por doze votos; para a cadeira numero nove, o Professor Francisco Ferreira Mendes, por treze votos; para a cadeira numero quinze, Dona Maria Ponce de Arruda Müller, por treze votos e para a cadeira numero dezeseis, o Doutor Olegario Moreira de Barros, por doze votos.

O Senhor Presidente proclamou os nomes dos eleitos, congratulando-se com o Centro pelo acertado da escolha. Serviram de escrutinadores os socios Professor Philogonio Corrêa e Franklin Cassiano. Em seguida, foi vo-

tado o parecer da Comissão de admissão favorável á admissão do Senhor Alvaro Maria; como correspondente em Manáus, sendo o mesmo unanimemente approved.

Ficou marcada a proxima "hora litteraria" para o dia treze de Julho entrante. O Presidente designou o dia quinze de Agosto para a posse do socio Doutor Olegario de Barros, convidando para recebê-lo, em nome do Centro, o Doutor Palmyro Pimenta.

Foi ainda designada uma Comissão para levar ao deputado Generoso de Siqueira os agradecimentos do Centro pela sua brilhante justificativa do projecto de lei que considera o "Centro" instituição de utilidade publica. O Presidente communicou á casa as providencias tomadas com relação á futura séde, mediante entendimento com o governo do Estado e avisou achar-se já no prélo o numero XVIII da "Revista do Centro".

A sessão foi encerrada as nove horas da noite.

José de Mesquita
Philogonio de P. Corrêa
Octavio Cunha
João Barbosa de Faria
Antonio Fernandes de Sousa
Palmyro Pimenta

Acta da sessão extraordinaria de eleição do "Centro Mattogrossense de Letras"

Aos quinze dias do mez de Agosto de mil novecentos e trinta, pelas 10 horas da manhã, em sua séde provisoria no Seminario da Conceição, effectuou o "Centro Mattogrossense de Letras" uma sessão extraordinaria para eleição da mesa e das Comissões que têm de servir no periodo social de 1930-1931, e a que compareceram os socios effectivos José de Mesquita, Octavio Cunha, João Barbosa de Faria, Philogonio Corrêa, Antonio Fernandes de Souza, e Palmyro Pimenta, tendo-se feito representar, enviando seus votos, os socios D. Aquino Corrêa, João Cunha, Miguel Mello, Oscarino Ramos, Cesario Prado, Isac Póvoas e José Vilá, perfazendo assim o numero de 13, que é a maioria dos socios effectivos.

Pelo segundo secretario foi lida e approveda a acta da sessão anterior passando-se para a leitura da materia do expediente que constou de officios dos socios eleitos D. Maria de Arruda Müller, dr. Olegario de Barros, prof. Francisco Ferreira Mendes, agradecendo a communicação da sua eleição, uma carta da loja União e Perseverança de Porto-Velho (Amazonas) solicitando a remessa de publicações.

Em seguida, verificado existir numero legal para a votação, procedeu-se á mesma, servindo de escrutinadores os socios João Barbosa de Faria e Philogonio Corrêa, tendo sido apurado o seguinte resultado: — Para Presidente: Des. José de Mesquita, 12 votos; Dr. Barbosa de Faria, 1 voto; para vice-presidente: major João Cunha, 13 votos; para 1º. secretario: prof. Philogonio Corrêa, 13 votos; para 2º. secretario; Des. Palmyro Pimenta, 12 votos; Tte. Cel. Antonio Fernandes, 1 voto; para thesoureiro Franklin Casiano, 13 votos.

Comissão de redacção — Palmyro Pimenta, Oscarino Ramos e Isac Póvoas, 13 votos cada um.

Commissão admissão de socios: Franklin Cassiano e Allyrio de Figueiredo, 13 votos e Antonio Fernandes 12 votos, João Barbosa 1 voto.

Commissão de finanças: João Cunha, Octavio Cunha e José Vilá, 13 votos cada um.

O presidente deu conta á casa de se achar no prélo o decimo oitavo nº. da Revista e bem assim das providencias tomadas para a proxima installação da séde do Centro, á rua Joaquim Murinho.

Finalmente o presidente proclamou os socios eleitos, declarando que a posse da Directoria se effectuaria a 7 de Setembro vindouro encerrando-se a sessão ás 18 horas, depois de ter o Des. presidente agradecido, em seu nome e no dos seus companheiros de Directoria, a honra da sua reeleição.

José de Mesquita
 A. Fernandes de Souza
 J. Barbosa de Faria
 Isac Póvoas
 Oscarino Ramos
 Bernardina Rich
 Adelina Ponce de Arruda } pelo G. Julia Lopes
 Mary C. Mansur Bumlai }
 Julio M. de Campos
 Francisco Mendes
 Palmyro Pimenta.

Acta da 50ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos sete dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e trinta, pelas nove horas, em sua séde provisoria no Seminario da Conceição, realizou o Centro Mattogrossense de Letras, de acordo com os Estatutos, a sua sessão de posse da nova Directoria, eleita a quinze de Agosto proximo findo, para servir no periodo de mil novecentos e trinta a mil novecentos e trinta e um.

Presentes os socios Desembargadores José de Mesquita e Palmyro Pimenta, Doutores João Barbosa de Faria e Oscarino Ramos, Professores Isac Póvoas, Antonio Fernandes de Sousa e Francisco Mendes e as Excellentissimas Senhoras Donas Adelina Ponce de Arruda e Bernardina Rich e Senhora Mary Mansur Bumlai, como representantes do Gremio Julia Lopes, o presidente declarou aberta a sessão, sendo pelo Secretario lida a acta da sessão anterior que foi sem discussão approvada. Em seguida declarou o presidente empossada a mesa eleita, composta dos socios cujos nomes constavam da acta que acabava de ser lida e fez, após, a leitura do relatorio em que deu conta minuciosa das occorrencias havidas no anno social extincto.

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada ás onze horas.

José de Mesquita
 Isac Póvoas
 João Barbosa de Faria
 Olegario Moreira de Barros
 Franklin Cassiano
 Oscarino Ramos
 Palmyro Pimenta

Acta da 51ª sessão ordinaria do Centro Mattogrossense de Letras.

Aos dezoito dias do mez de Outubro de mil novecentos e trinta, pelas nove horas, em sua séde provisoria no Seminario da Conceição, realizou o o Centro Mattogrossense de Letras, a sua 51ª sessão ordinaria, correspondente ao referido mez, tendo na mesma tomado parte os socios effectivos Deso^{res} José de Mesquita e Palmyro Pimenta, Drs. João Barbosa de Faria, Oscarino Ramos e Olegario de Barros e Professores Isác Póvoas e Franklin Cassiano.

Após a leitura de acta anterior, que foi approvada, foi pelo 2º Secretario lido o expediente em meza, constante de um officio do socios Prof. Nilo Póvoas, agradecendo a sua eleição para a cadeira numero cinco; um cartão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e carta do "Centro Mattogrossense" do Rio, accusando o recebimento da revista, nº XVIII; um officio do Dr. Oscarino Ramos, communicando haver se empossado no cargo de Juiz de Direito de 2ª Vara da Capital. Foram tambem lidas no expediente duas propostas para socios correspondentes no Rio e em Campo-Grande, dos nomes dos conhecidos literatos Desembargador Henrique Soido e Arnaldo Serra, sendo ambas encaminhadas á Comissão de Admissão para dar parecer.

A Comissão de Finanças cffereceu o seu parecer sobre as contas apresentadas pelo procurador do "Centro" Senhor Benedicto Augusto Londer, opinando pela approvação das mesmas, sendo esse parecer unanimemente approvado. Foram, a seguir, tomadas varias deliberações attinentes á vida interna do "Centro" tendo o presidente, antes de encerrar a sessão, apresentado cumprimentos ao novo socio Doutor Olegario de Barros, que pela primeira vez tomava parte nos trabalhos ordinarios da casa. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada ás onze horas.

José de Mesquita
Franklin C. da Silva
A. Fernandes de Souza
Oscarino Ramos
Isác Póvoas
Palmyro Pimenta





BIBLIOGRAPHIA

I

“Da Epopéa Mattogrossense”

O novo livro de versos de José de Mesquita

(Editorial d'ACruz, (18 - 1 - 1931) da lavra de D. Aquino Corrêa)

Um livro a mais, que floresce nos jardins das bellas letras mattogrossenses, é sempre um acontecimento, quando mais não seja, pela sua mesma raridade, uma vez que se leve em conta, no seu conjunto, a nossa já numerosa grei letrada.

Em se tratando, porém, individualmente, de José de Mesquita, um novo livro não é, de facto, uma raridade, mas é um acontecimento.

Não uma raridade, porque desde 1919 que o illustre literato conterraneo vem enriquecendo o nosso patrimonio intellectual, com uma serie de nove trabalhos, entre os quaes alguns de tomo: *Poesias*, *Terra do Berço*, *Cavañhada*, e agora este, a que nos vamos referindo: *Da Epopéa Mattogrossense*.

E' este um mimoso volume de 26 sonetos, nos quaes celebra o poeta as glorias de Matto-Grosso, desde as épocas remotas da «terra virgem» até a «era nova».

Foi caprichosamente impresso na Escola Typographica do Lyceu Salesiano desta capital, e traz na capa uma bella allegoria de Alberto Lima.

Constitue elle para nós, um verdadeiro acontecimento, não só pelo nome do autor, como tambem, e principalmente, pelo valor intrinseco da obra, em que se admira o esmero da fórmula, animada por uma inspiração sadia e pura, a despertar nos espi-

ritos a flamma sagrada do patriotismo, pela evocação heroica do passado e pela previsão confiante do futuro da nossa terra.

Matto-Grosso ha de t er em grande merc e de Deus, que os seus filhos mais insignes em letras, preferam cantar-lhe assim a epop ea, a perderem o tempo e o latim em lyrismos sovados, que não valem,  s mais das vezes, uma singela trova de caboclo. Assim   que a terra matto-grossense, na sua historia e prehistoria, na sua geographia e paisagens, nos seus costumes e lendas, pode já gloriar-se de se ter immortalizado em não poucos cimelios de fina ouriversaria belletristica, que são ouros e pratas de casa, tanto mais preciosos, quanto mais nossos.

Bellas amostras nos fornece, ainda agora, a brochura, que temos em mão, como, por exemplo, este soneto:

Os plantadores de cidades

Grande  ra que  s, na historia, a base de granito,
em que, pujante e audaz, se levanta o presente;
representas o esforço e o trabalho inaudito
desses que, antes de nós, luctaram bravamente.

De Rolim a Luiz Pinto e ao Caceres invicto,
eis surge Villa Bella, a lendaria; a ridente
Villa-Maria; e após, nesse abrolhar bemdito,
Albuquerque, a gentil, e Coimbra, a resistente;

Viseu e Casalvasco e Príncipe da Belra,
e Miranda e outros mais, germens de povoados,
de cidades fecunda e bella sementeira. . .

Capitães-Generaes! rijos hoplitas de a o!
numes de nossa terra! erguei-vos, denodados,
para que ainda hoje a ampare o vosso heroico braço!

E estes dois outros:

Os Paranistas

I

Eil-os que vão, a flôr da lenta correnteza,
da leve igarité ao deslizar macio,
pelos invios sertões, dominio da surpresa,
de port em porto, salto em salto, rio em rio !

Do sombrio Rio-Preto, em temeraria empreza,
demandam Santarem, longos dias a fio,
cortando, ao sol e á chuva, o paiz da incerteza,
onde com a fera ultriz, se alterna o indio bravio.

Já no Itaituba, ao longe, o Tapajoz gigante
canta-lhes ao ouvido, em doce melopéa,
a acenar-lhes o fim da jornada extenuante.

E eil-os vão-se, a rodar, á canção dolorida
das aguas, nessa obscura e anonyma epopéa,
tanto mais bella, quanto menos conhecida !

II

Meses longos após, voltam os paranistas.
Tostou-os a intemperie, as febres insidiosas,
salteou-os o pium e as settas imprevistas
do tapanhuna, entre as barrancas silenciosas.

Tudo venceram, e eis já lhes assoma ás vistas,
meiga, a visão do lar, mães e esposas saudosas,
para quem, quaes trophes de lendarias conquistas,
trazem o guaraná e as castanhas cheirosas.

Ouve-se, ao longe, echoar a buzina estridente,
e o rude e forte trom dos tiros, reboando,
repercute no valle, estridulo e fremente.

E Diamantino accorda, ao rumor da chegada,
ao alacre gritar das araras em bando,
que enchem o claro céu da sua revoada . . .

Assim vae José de Mesquita, na vanguarda dessa bella
florescencia literaria e patriotica, desfraldando em bandeira o
programma do *Centro Matto-grossense de Letras*, do qual é elle,
em verdade, o fundador e a alma.

São versos, como se vê, cheios de sentimento e vasados,
por vezes, em rara belleza technica, como, v. gr. dentre esses
mesmos, que ahi ficam acima citados, estes dois de clara har-
monia imitativa:

e o rude e forte trom dos tiros reboando,
ao alacre gritar das araras em bando ...

Lêde agora este formoso alexandrino ternario, em que se nos descreve a Hostia erguida no ostensorio:

em haste de ouro, alva camelia, flôr de prata!
(O Milagre da Custodia)

E para terminar estoutro, em que se sente o calafrio das cambalhotas de Hans Guzy em nossos altos céus:

O velivolo leve os teus ares recorta!
(Visão do Futuro)

São, pois, bem justas as congratulações e profaças, que hoje aqui deixamos consignadas ao talentoso bardo cuiabano, por mais este triumpho nos jogos floraes da nossa poesia, o qual, ao mesmo tempo que lhe enrama de laureis a fronte pensadora, eleva a nossa intellectualidade e glorifica a nossa terra.

II

Almas penadas

de Arnaldo Serra

Em curioso artigo, publicado vai por oito annos, na excellente «Revista do Brasil» de Monteiro Lobato, procurou Brenno Ferraz fazer ver que a expressão de que tanto hoje se usa e abusa — regionalismo — não passa de «uma palavra vasia de sentido, que comporta nos limites de sua accepção toda a littera tura universal.»

E, mais adiante, attenuando a generalidade do principio,

concede o brilhante ensaísta a existencia de uma chamada literatura regional, que seria, com propriedade, «puramente anecdótica referente a uma região e escripta em dialecto, sem fóros de idioma, com as duas unicas preocupações e dois fins alcançados — o regional e o dialectal.»

Vêm-me ao bico da penna os conceitos citados, ao acabar de lêr o livro de «contos regionaes» com que Arnaldo Serra accresceu, ha pouco, a nossa incipiente messe bibliographica. Regionaes e bem regionaes o são todos elles, não havendo como discrepar da justeza com que o proprio autor os classifica em subtítulo. São regionaes, postos não escriptos como quer Ferraz, em dialecto, exigencia essa descabida, pois o que faz a essencia da obra literaria, a sua *psyché*, não é a forma externa de que se reveste, e sim o thema que se versa, o assumpto que lhe serve de motivo artistico ou emocional. Não ha fugir á classificação, conquanto, considerados — e neste ponto concordamos com Brenno Ferraz — do prisma geral, as obras regionaes são todas universaes e, vice-versa, a obra de thema universal vem a ser, ao cabo, uma obra regional, v. g. o *D. Quichote* ou a *Divina Comedia*, que são, no fundo, paginas da vida e dos costumes da Hespanha ou da Italia medieval.

* * *

O livro de Arnaldo Serra, collectanea de vinte e um trabalhos — entre contos e phantasias — sente profunda e intensivamente á vida, aos costumes, á natureza mattogrossense.

E' um livro que só poderia ser escripto por um mattogrossense, de nascimento ou de coração, dahi o seu vivo, indissimulavel regionalismo, que é, por assim dizer, a côr, a tonalidade da obra. Em toda creação literaria, é preciso que distingamos duas cousas—a sua exstructura intima, o arcabouço propriamente dito, e a sua *facies* exterior, a manifestação plastica do pensamento. Esta é que toma, nos escriptores regionalistas, como indubitavelmente é o auctor do «Almas penadas», a chromatização ambiente, a tinta do meio em que se gerou.

O intimo continuará a ser profundamente universal e humano, pois alem dos limites convencionaes das patrias, paira, soberana, a unidade psychica que faz do homem—como alma, como documento psychologico—o mesmo, seja um australiano ou um russo, um canadense ou um hottentote. A ambientação, ou melhor, a radicação em determinado terreno é que faz variar a

côr, a tonalidade do pensamento. Como na vegetação, a chlorophylla se resente do *humus* e do sol, do ar e da luz: assim, na floração mental...

E que estupenda, rica e sadia natureza a nossa, que influe na produção de obras como esta que agora acabo de ler, cheia de tons álacres e de harmonias seducen-tes, natureza gaia e riden-te, variada como um cyclorama e linda como o dealbar das gra-ças virginaes de uma donzella, no seu indeciso adolescer! E' nessa paleta magica de polychromias admiraveis que Arnaldo Serra — um nome que traz a consagração de uma nobre ancestralidade em que afloram a gloria militar de Ricardo Franco e a gloria litera-ria de José Thomaz—é nessa paleta que o auctor de «Almas pe-nadas» embebeu o seu pincel de artista para dar-nos, no seu belo livro, uma affirmação a mais da intellectualidade matogrossense. Paginas de deliciosa descrip-tiva, como «Paisagens cuiabanas», symbolicas, como o «Pau-terra.» exprimindo, motivo regional, com conceito vérissimo, impressivas e tragicas, como «O pouso da figueira», Fructa do Matto» e «N. S. da Gloria» leves e humoris-ticas como «Veraneando», «Lendas selvagens», «Coincidencia»; folk-loricas, como o «O Branda-mundo» e « Mutirum—bastariam para documentar a malleabilidade do talento de quem as escreveu. A par dessas, porém, que apanham, em feliz localização, aspectos da vida quotidiana, outras ha que se revestem de verdadeiro surto epico, para celebrar grandezas d'alma ou lances arrojados, taes como «Brasileiro inesquecivel», em que se enaltece a figura varonil do grande Couto de Magalhães ou «Spartanos», um episodio trival e heroico—si assim se ajuntam qualificativos tão dispares—da vida sertaneja.

Um livro que contem taes paginas—é um livro de valor indiscutivel.

* * *

Quero accentuar a circumstancia de se tratar de uma obra sulina, posto artisticamente editada em S. Paulo e escripta por um cuiabano. No mappa intellectual de Matto Grosso, perdoem-me os meus amigos do Sul, é ainda ao Norte, a Cuyabá sobretudo, que pertence, de pleno direito, a hegemonia. Tal como o primado politico, a cidade-verde mantem, através da sua estupenda evolução historica, descripta sabe Deus a custa de que sacrificios, a primazia mental entre as suas co-irmans. O surto magnifico de progresso material que, como uma onda em preamar, avassalla todo o Sul, Campo Grande á frente, levará ainda bastante tempo a

equiparar mentalmente as duas culturas-uma, a do Norte, producto de lenta segmentação ethnica estratificada em longos periodos e a outra, a do Sul, fervilhante e trepida, feita de brilho e de improvisações, como o seu ruidoso progresso. Sou dos que mais presam e sabem avaliar o esforço alheio e, dentro das raias matto-grossenses, de parte o natural amor ao torrão que me viu nascer, o meu carinho não sabe fazer diferenças. Reconhecer um facto porém, e proclamar-o, é necessidade imperiosa dos espiritos francos e sinceros, como o meu. A mentalidade sulina, já apreciavel, através dos seus jornaes, das suas esplendidas demonstrações de pensamento, é ainda uma projecção alheia: ou do Norte, como no caso presente, pois Arnaldo Serra é cuyabano, de nascida e de formação, e conserva-se integralmente cuyabano (basta ler-lhe a obra para se convencer disso) ou de S. Paulo, ou de outros estados limitrophes, cujo influxo muito directo recebe através das lindeiras que os entestam. Ainda assim, mais cuyabano que sulino, »Almas penadas» representa a primeira e valiosa contribuição do Sul dá nossa feira de letras.

Bemvinda seja e que outras abrolhem empós, tal como o primeiro fructo maduro e opimo, a ostentar-se louro e viçoso nas ramas altas, é o prenuncio auspicioso e risonho das fartas, colheduras de um outono fecundo.

(Cuyabá, 27 — 7 — 1931)

José de Mesquita





PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

I

Livros e opusculos :

Os concursos de belleza — D. Aquino Corrêa —
S. Paulo 1931.

Da Epopéa mattogrossense — José de Mesquita —
Cuiabá — 1930.

O ihaumaturgo do sertão — " " " — Nic-
teroy — 1931.

Almas penadas — Arnaldo Serra — S. — Paulo
1930.

Dyschromatopsias — These de formatura — Al-
ves de Campos — Rio — 1931.

II**Revistas :**

Revista da Academia Brasileira de Letras — n.
97 a 106.

Revista do Instituto do Ceará — tomo XIV — 1931.

Rural — organ de S. R. de Cuiabá

Revista da Associação Commercial de Cuiabá

A Violeta — organ do G. Julia Lopes

III**Jornaes:**

A Campanha — de Campo Grande

Gazeta do Commercio

O Liberal

A Razão — de Cáceres

Gazeta official

A Cruz

O Matogrosso

O Momento

A Plebe

O Pequeno Mensageiro

A Penna Evangelica

A Nova Era

O Ferrão

Tres Lagôas

Cuiabá

